

Cerâmicas islâmicas da Alcáçova de Santarém

CATARINA VIEGAS¹ANA MARGARIDA ARRUDA²

R E S U M O As escavações arqueológicas que, desde há alguns anos, temos vindo a levar a efeito na Alcáçova de Santarém permitiram recolher um abundante espólio arqueológico do período islâmico. Estuda-se neste trabalho um conjunto cerâmico desta época, proveniente, na sua totalidade, do interior de Fossas escavadas no solo de base de uma área restrita da Alcáçova de Santarém. As peças agora objecto de publicação são portanto provenientes do entulhamento das referidas fossas, não correspondendo a qualquer contexto primário de deposição. No entanto, parece seguro afirmar que estamos perante um conjunto cultural e cronologicamente homogéneo, uma vez que os dados da escavação nos permitem afirmar que o entulhamento das referidas fossas foi não só relativamente curto no tempo como certamente sincrónico.

A B S T R A C T The archaeological excavations that have taken place in the Alcáçova de Santarém for some years now have recovered a great number of islamic finds. The pottery from this period studied in the present article comes from a restricted area in the Alcáçova, where a series of pits were dug in the local bed rock. These objects weren't found in a context of primary deposition since they come from pits filled with domestic rubbish. This pottery seems to be culturally and chronologically homogeneous. From the archaeological data observed we can infer that the filling out of the pits was made in quite a short period of time and was sinchronic.

The assemblage is morphologically quite diverse and is mainly formed by common ware pottery. The pottery finds were made for the table service, storage and transportation, cooking, and several other uses. Its chronology points to the first half of the 12th century.

1. Introdução

Santarém localiza-se na margem direita do rio Tejo, tendo a Alcáçova muçulmana sido edificada num planalto de grande defensabilidade natural e com um vastíssimo domínio visual. Possui actualmente 4,5 ha, o que não significa que na Idade Média não fosse mais extenso. Sabemos que as vertentes do planalto onde se implantou a Alcáçova estão, desde há muito, em acelerado processo de erosão, o que provoca uma enorme instabilidade das «barreiras» e um contínuo esboroamento das suas vertentes. Possui uma cota máxima de 106 metros acima do nível médio das águas do mar.

A Alcáçova de Santarém é um sítio arqueológico com uma ampla diacronia, cuja primeira ocupação se data dos inícios do século VIII a. C., ocupação essa que se relaciona directamente com a presença comercial fenícia no estuário do Tejo (Arruda, 1993). Acampamento militar durante as campanhas de Júlio César, *Scallabis Praesidium Iulium* foi elevada a colónia romana

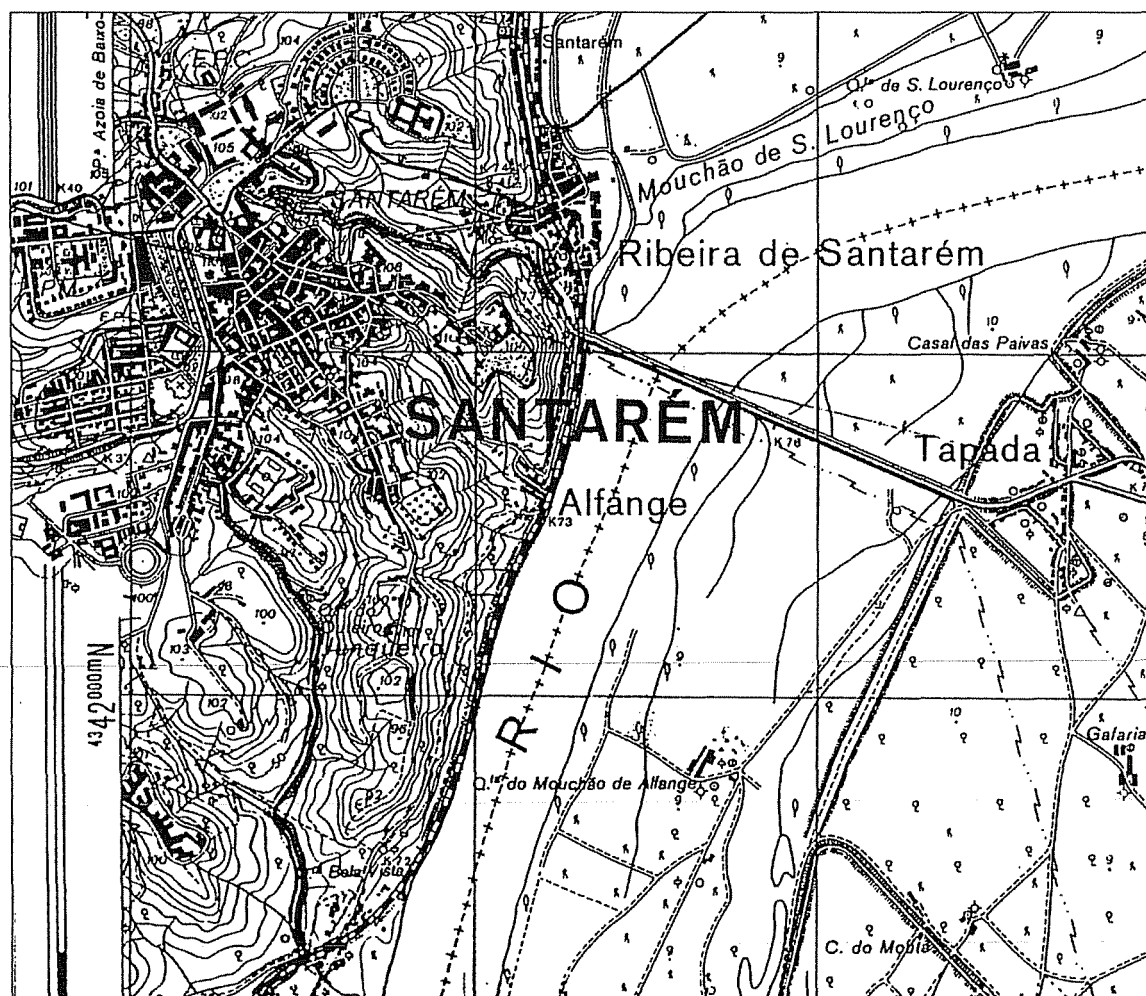
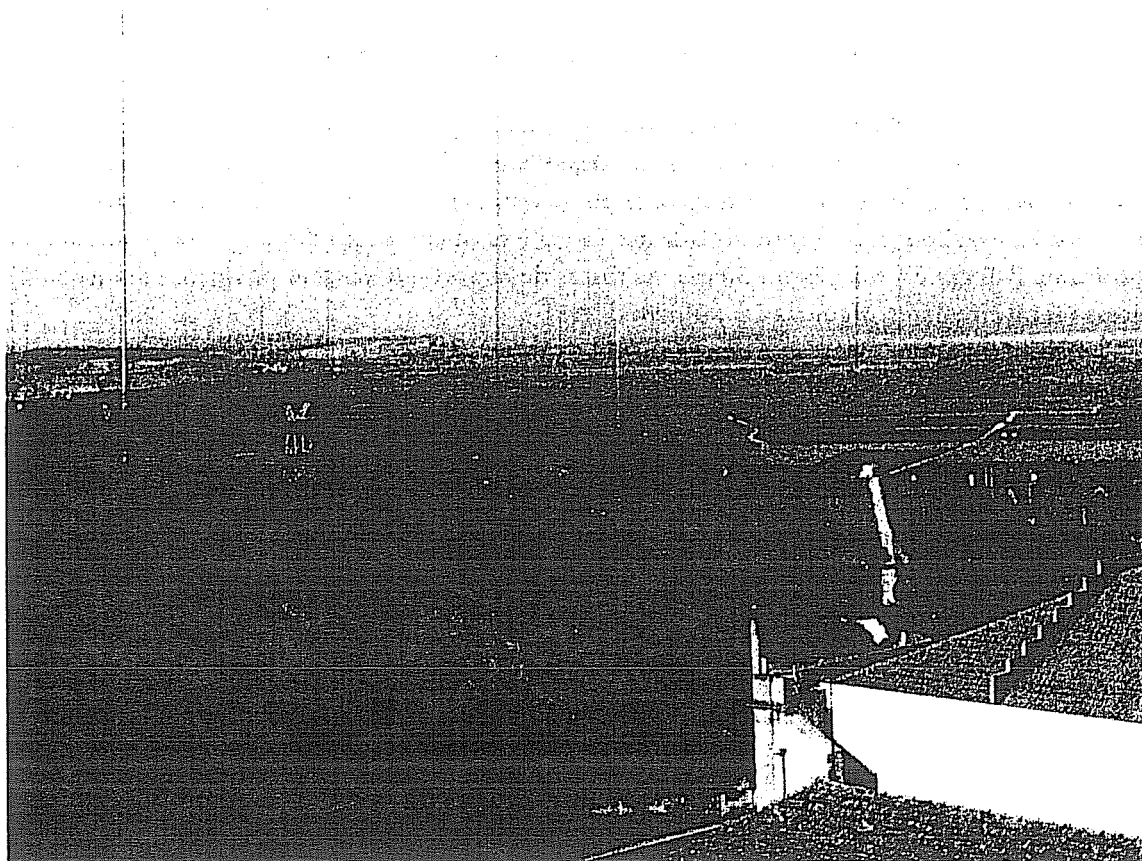


Fig. 1 Localização da Alcáçova de Santarém na Carta militar 1:25 000.



For. 1 A planície aluvial do Tejo, vista da Alcáçova de Santarém.

ainda durante o século I a. C. A ocupação muçulmana é bem conhecida através das fontes e os trabalhos arqueológicos que aqui temos vindo a efectuar têm sido, também sobre este aspecto, bem eloquentes.

São vários milhares os fragmentos cerâmicos de época muçulmana que pudemos já recolher na Alcáçova de Santarém. Sendo esta a primeira apresentação sobre este período da ocupação do povoado, várias opções eram possíveis. Resistimos, no entanto, à tentação de iniciarmos as publicações sobre este tema com um trabalho generalista, em que se mostrassem apenas as peças em melhor estado de conservação e de melhor qualidade de fabrico, mesmo que desconcontextualizadas arqueologicamente. Consideramos que publicar um conjunto cerâmico proveniente de um único contexto arqueológico que fosse cronologicamente homogéneo era um bom início, mesmo que as peças fossem, na sua grande maioria, de cerâmica comum, de fraca qualidade e de fabricos locais e não fossem sequer representativas da diacronia da ocupação muçulmana. Assim, a nossa opção recaiu sobre um conjunto cerâmico proveniente do interior de Fossas escavadas no solo de base de uma área restrita da Alcáçova de Santarém: o Corte 2. Aqui, estávamos seguras da existência de um contexto relativamente fechado, cultural e cronologicamente homogéneo.

2. O contexto arqueológico

As cerâmicas que agora se publicam provêm, na totalidade, do interior das fossas escavadas no calcário que se detectaram no Corte 2.

O Corte 2 localiza-se no horto do actual Jardim das Portas do Sol e foi escavado entre 1984 e 1987. A área que foi objecto de intervenção arqueológica atingiu os 36 m² e foram aí identificadas 26 Fossas escavadas no calcário de base. Estas têm perfil ovóide e os seus diâmetros variam entre os 72 e os 200 cm. A profundidade das fossas é também muito diversificada, tendo a mais profunda 210 cm e a mais baixa 30 cm. As fossas de maiores dimensões possuem patamares de acesso semi circulares, algumas em número de três.

A funcionalidade destas estruturas subterrâneas permanece, no entanto, por esclarecer devidamente. A grande concentração de fossas numa área relativamente restrita, e, sobretudo, as distintas dimensões e profundidades que apresentavam, levaram a que tivesse sido proposto que esta complexa estrutura pudesse tratar-se de uma tinturaria de época muçulmana.

A favor desta proposta contávamos com um bom paralelo situado na Sicília (Tusa, 1983). Aqui, no entanto, e ao contrário do que se verifica na Alcáçova de Santarém, a função tintureira das também numerosas fossas escavadas no solo de base (construídas no I milénio a. C., e relacionadas directamente com a presença fenícia nesta ilha mediterrânea) é evidente. Os restos de *Murex trunculus* e *Murex brandaris* são muito abundantes o que não deixa dúvidas sobre a obtenção de púrpura, e, conseqüentemente, a coloração de tecidos neste local.

Também os paralelos etnográficos pesaram de forma considerável no momento de discutir a função da evidência de Santarém. A África Norte Ocidental está repleta de tinturarias, cuja organização espacial e concepção geral se aproximam do que nos foi dado a escavar no Corte 2 da Alcáçova de Santarém.

Nunca foi, no entanto, deixada de lado a hipótese de estarmos na presença de uma grande concentração silos (Arruda, 1986). Os silos são uma constante em todo o sítio arqueológico, estando presentes em todas as distintas áreas aqui escavadas, apesar de, como já referimos, em nenhum outro local eles se organizarem espacialmente de maneira a formarem uma única estrutura, com Fossas de diversos diâmetros e profundidades, e com patamares de acesso igualmente de formas distintas.

A semelhança entre esta estrutura de fossas escavadas no calcário e a que foi detectada na área urbana de Lérida (Antic Portal de Magdalena), em meados dos anos oitenta (Esco, Giralte e Sénac, 1988, p. 19), não pode deixar de ser aqui referida, uma vez que as similitudes entre as duas são evidentes. De facto, em ambos os sítios, uma extensa área está repleta de fossas escavadas no solo de base, que apresentam, também em Lérida, uma grande diversidade morfológica, tendo sido aí consideradas silos. Parece-nos importante referir, também, que o número de Fossas é sensivelmente equivalente em ambos os sítios, uma vez que as 200 fossas do Sul de Espanha foram detectadas numa área que atingiu os 3 000 m².

Se a questão da funcionalidade permanece ainda em aberto, as questões relacionadas com a cronologia da sua construção levantam também muitas interrogações.

As fossas encontravam-se a 4,5 m da superfície actual, e a estratigrafia observada foi a seguinte (Fig. 3): nível 1 - terra cinzenta, de grão fino e muito solta, repleta de fragmentos de cerâmica actual; nível 2: terra cinzenta amarelada, onde se recolheu fauna mamalógica e malacológica, cerâmicas romanas, azulejos hispano-árabes e materiais de construção, nomeadamente pedras, tijolos e telhas; nível 3 - terra cinzenta clara, compacta, com abundantes frag-

mentos cerâmicos de ampla cronologia, manchas de estuque, tijolos e telhas; nível 4 — terra castanho escura, menos compacta que a anterior, com abundantes fragmentos cerâmicos de ampla cronologia, mas onde dominam as cerâmicas muçulmanas; nível 5 — (não presente em toda a área escavada) terra amarela, bastante compacta, pouco espessa, com materiais arqueológicos de época romana e que, em algumas áreas (J9), assenta directamente sobre um pavimento de *opus signinum*, construído directamente sobre o solo calcário, onde estavam escavadas as fossas. Sobre a rocha, e imediatamente abaixo do nível 5, eram também visíveis, nas zonas em que este nível existia, pequenos empedrados. A sequência estratigráfica provou que os primeiros 4 níveis não correspondiam a níveis de ocupação ou abandono, mas a entulhamentos sucessivos e que a construção das fossas implicou a destruição e remoção de níveis arqueológicos de época romana.

As fossas estavam totalmente entulhadas de terra, materiais de construção (telhas, tijolos e pedras) e espólio arqueológico cerâmico, metálico e faunístico. A escavação do seu interior mostrou, claramente, que o entulhamento dessas fossas foi realizado num período muito posterior à sua utilização com a função original para que foram construídas. A terra que se retirava era de grão muito fino, existindo espessas camadas de cinzas e carvões que demonstravam a existência de fogos frequentes. As quantidades apreciáveis de fauna mamalógica e malacológica encontradas indicavam que as fossas tinham, num dado momento após o seu abandono, servido como lixeiras, o que explicava a realização de fogos de limpeza e purificação (daí as cinzas e os carvões detectados). Deste modo, o espólio arqueológico aí encontrado não fornece qualquer indicação sobre a cronologia da sua construção, datando apenas o momento em que, abandonada a sua função original, foram utilizadas como lixeiras. Os dados que possuímos permitem-nos, também, afirmar que o entulhamento das diversas fossas foi relativamente curto no tempo e foi certamente sincrónico.

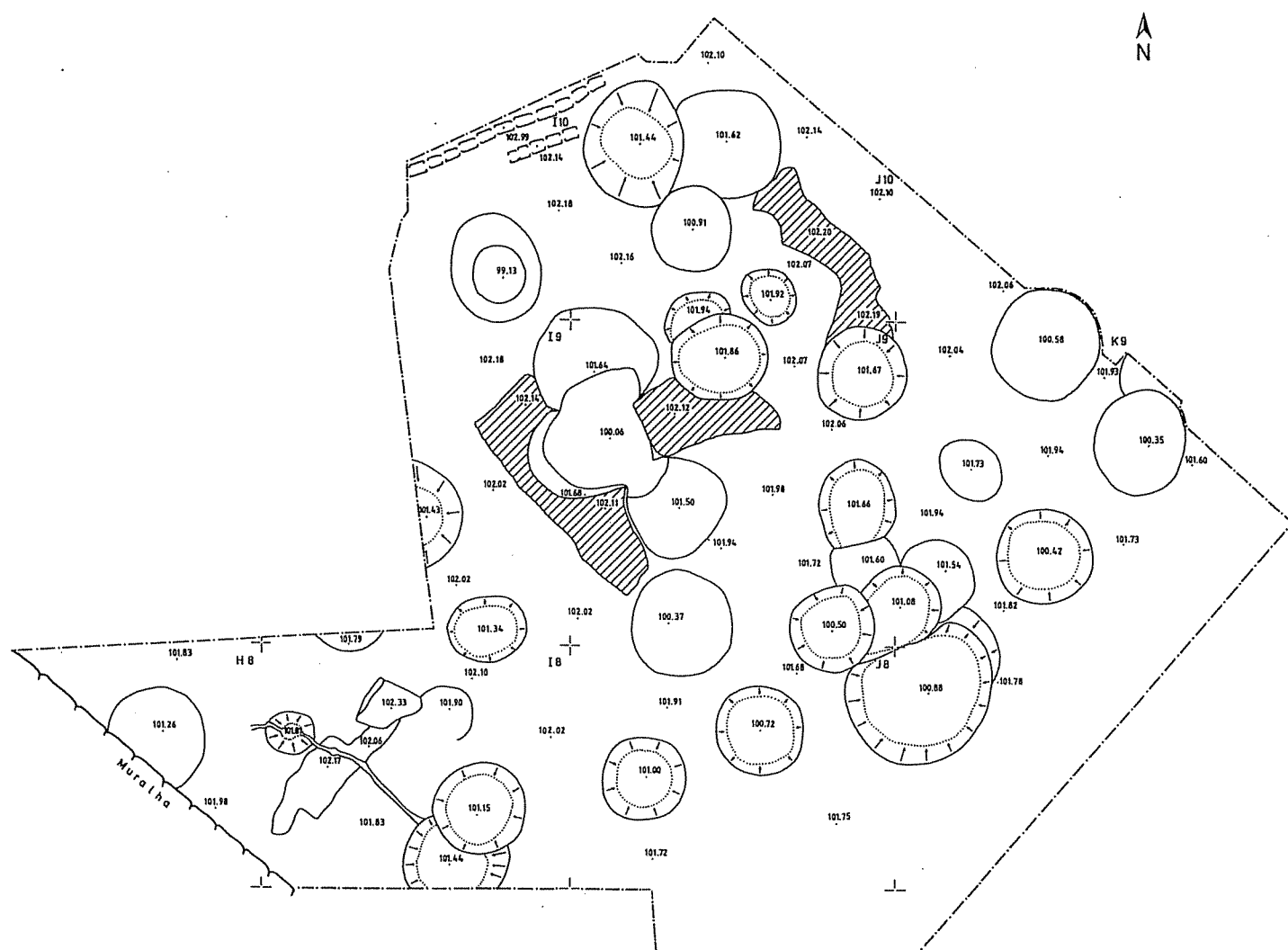
Parece-nos importante referir, ainda, que as fossas se encontram num nível claramente anterior à muralha medieval, e que a sua utilização como lixeira decorreu, também, num momento em que esta não estava ainda construída. Este facto está perfeitamente documentado arqueologicamente, sendo visível a sobreposição da muralha a, pelo menos, uma fossa (ver planta da Fig. 2).

Resta-nos pois indicar que a estrutura de fossas não se prolonga para Sul, estando nesta área bem definidos os seus limites. Continua, no entanto, para Norte e Este, desconhecendo-se também quais os seus limites para Oeste, local exterior ao recinto amuralhado. É, porém, de nosso conhecimento que aí, as obras realizadas, em 1985, pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, destruíram algumas fossas, sem que tenham sido efectuados quaisquer registos arqueológicos.

3. As cerâmicas

3. 1. Metodologia da abordagem do conjunto

Tal como já foi referido no ponto 2, o conjunto de materiais cerâmicos agora publicados provem do interior das fossas escavadas na rocha (Corte 2), formando um conjunto homogéneo. Após o tratamento preliminar dos fragmentos, procurou-se encontrar colagens com materiais dos níveis superiores, o que não foi possível, confirmando o carácter “fechado” da nossa amostra.



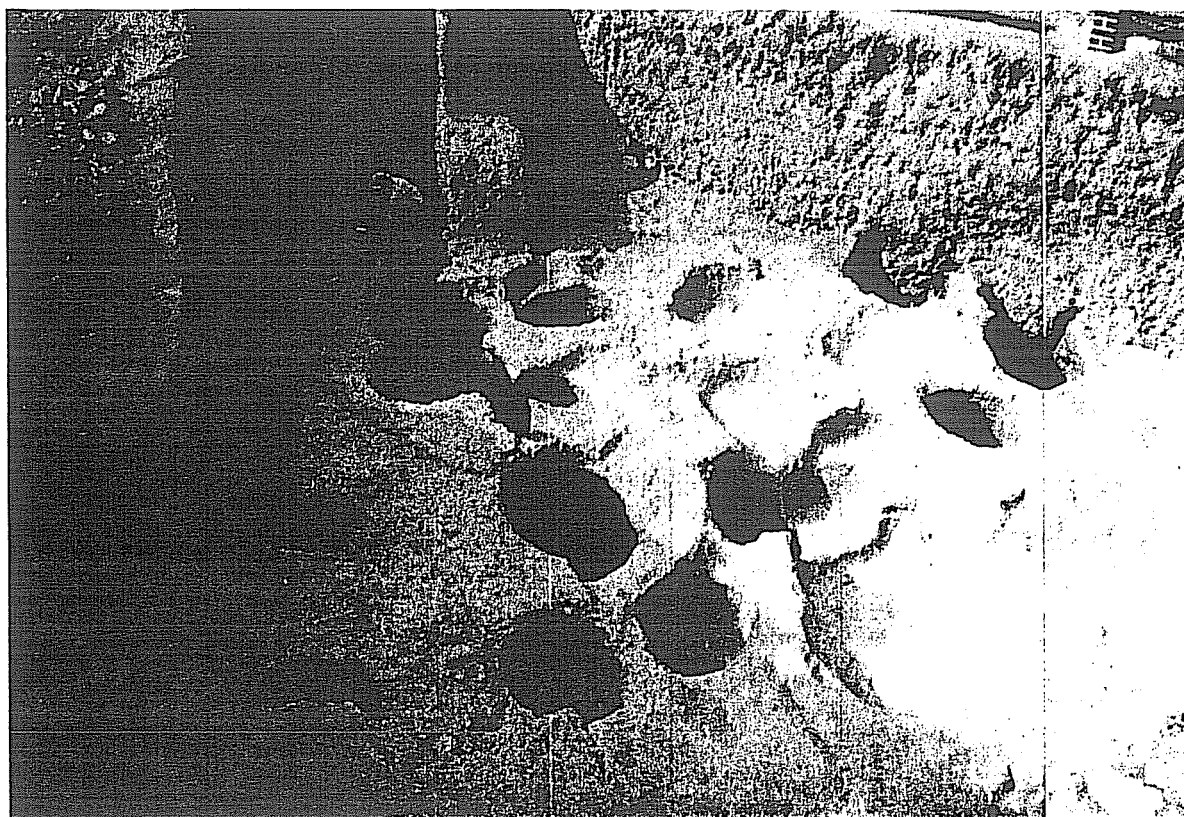
ALCÁÇOVA DE SANTARÉM
Corte 2

Planta Final

0 1m

- Limite dos silos à superfície
- Limite inferior dos silos
- ▨ Pavimento de OPUS SIGNINUM

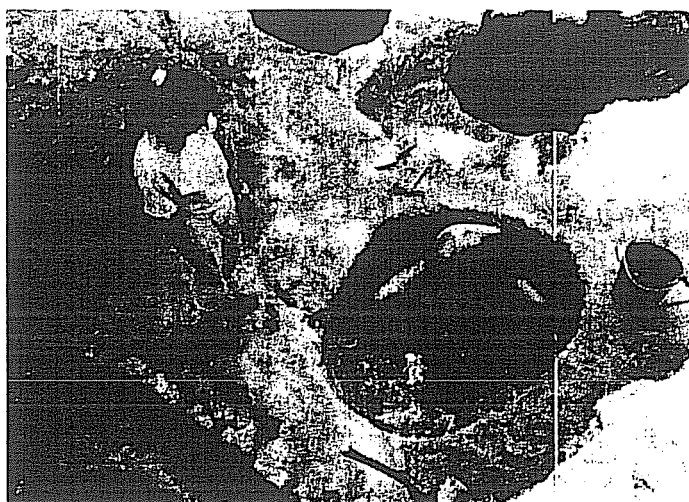
Fig. 2 Planta final do Corte 2.



Fot. 2 Vista geral do Corte 2, no final da campanha de 1987.



Fot. 3 Pormenor das fossas escavadas no calcário.



Fot. 4 Momento de escavação de uma das fossas do Corte 2.

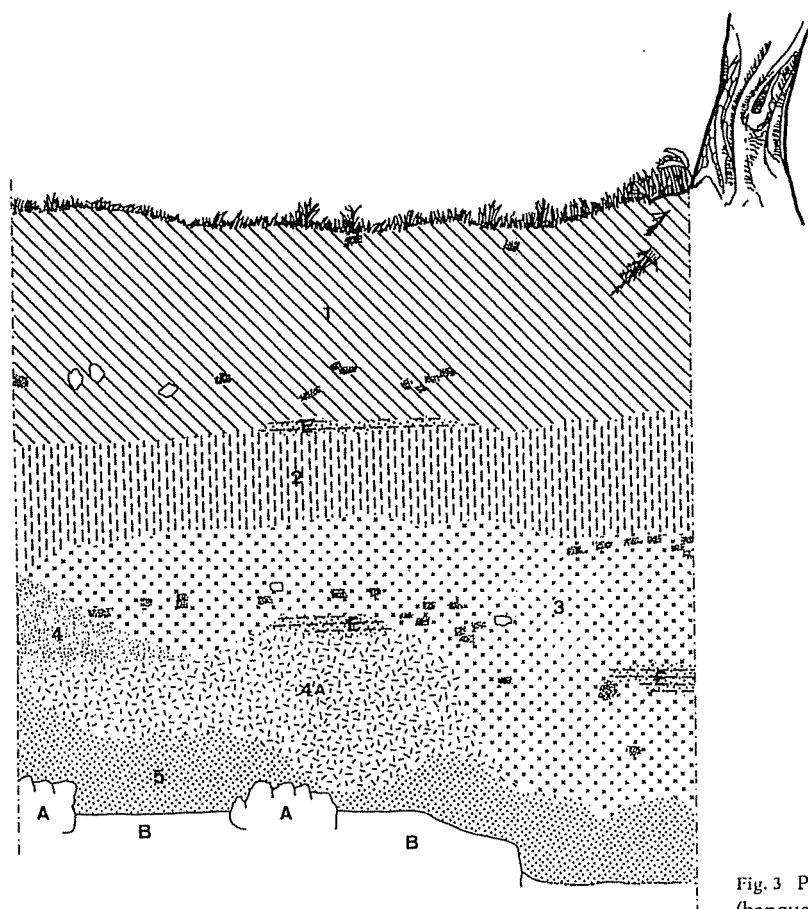


Fig. 3 Perfil estratigráfico de Corte 2 J9 (banquette E)

Apesar do enchimento destas fossas ter revelado a existência de diverso espólio, optou-se pelo tratamento exclusivamente da cerâmica, e dentro desta excluímos os materiais de construção como as telhas e as tijoleiras que, como já foi mencionado, surgem abundantemente neste contexto.

Após a colagem dos fragmentos no interior da cada fossa, procedeu-se à selecção para publicação, dos exemplares que nos pareceram mais significativos dentro de cada forma. Numa primeira fase, a escolha recaiu, naturalmente, sobre as peças que, apesar de fragmentadas, nos forneciam perfis completos e, de seguida, outros fragmentos, quase sempre bordos, que fossem representativos do conjunto.

O restante dos fragmentos não publicados foi, no entanto, objecto de tratamento estatístico. Só assim, e como se poderá constatar na "Análise geral da globalidade das cerâmicas das fossas do Corte 2 (4. 1)" se podia obter uma leitura de conjunto destes materiais cerâmicos, sobretudo quanto às percentagens das diferentes formas.

As tipologias utilizadas na classificação dos fragmentos foram as propostas por Bazzana (1979) para as cerâmicas Valencianas e o estudo mais recente de Rosselló-Bordoy, no qual, além da tipologia de base funcional, são analisadas e propostas designações para os diferentes tipos, em castelhano, catalão e árabe. A inexistência de uma concordância das designações usadas pelos diferentes autores que se debruçam sobre o nosso território obrigou-nos a optar por uma termi-

nologia própria que tem por base não só as designações tradicionais, mas também a própria tipologia de J. de Alarcão para a cerâmica comum de Conímbriga (Alarcão, 1975).

Este nosso estudo abrange apenas aspectos relacionados com o consumo dos materiais cerâmicos, tendo sido abandonada a vertente da sua produção. No entanto, e tratando-se de um centro urbano, estamos convictas que nos encontramos perante produções locais, concretamente oficinas destinadas ao abastecimento de Santarém, produzindo objectos de carácter utilitário, com uma dispersão geográfica mais à escala local que regional, como referiram para outros contextos Retuerce e Zozaya (1986).

Também por este motivo, entendemos que não fazia sentido a procura de paralelos à escala da Península Ibérica, tendo-se optado por considerar apenas os estudos efectuados para o território actualmente português, o que poderá ser considerado excessivo, uma vez que a fórmula dos paralelos tem pouca utilidade no Al-Andaluz, devido aos regionalismos (Kirchner, 1988, p. 103). Infelizmente, não foi possível estabelecer linhas de comparação com materiais de sítios de áreas geográficas próximas de Santarém. Para tal, seria necessário obter informações das intervenções nomeadamente na área urbana de Lisboa, Vila Franca de Xira, Almada, entre outros. Não podemos deixar de constatar as semelhanças que, em termos de conjunto, se regista com a Alcazaba de Badajoz, nomeadamente no que diz respeito às cerâmicas comuns e ao tipo de decoração nelas empregue (Valdés Fernández, 1985). Por outro lado, quando a bibliografia nacional sobre esta temática não incluía determinadas formas presentes em Santarém, tivemos naturalmente de recorrer a exemplares semelhantes da Península Ibérica.

Quanto à própria organização das formas, estas seguem, em termos genéricos e para facilitar a organização deste estudo, as grandes categorias funcionais como o serviço de mesa, onde se incluem: as jarrinhas, os copos, os púcaros, as cantarinhas ou infusas, as garrafas, os pequenos potes, os aguamanis, os bules, os jarros, as tigelas, as taças, os pratos e as grandes tigelas ou saladeiras; os elementos de uso culinário como as caçoilas e as panelas; as peças de armazenamento e transporte como os cântaros ou bilhas, as talhas e os potes; e as peças de utilização específica como os alguidares, as tampas, os candis, os pesos de rede ou tear, a forma de pão, os fogareiros, o suporte, a caçoila perfurada e as marcas de jogo.

A maior dificuldade registou-se na integração tipológica e funcional de alguns exemplares. De facto, as jarrinhas, supostamente utilizadas para servir água à mesa, ou mesmo para beber, surgem por vezes (e não raramente) com sinais de exposição ao fogo, o que nos leva a supor terem tido uma utilização igualmente culinária. Também os púcaros registam esta dualidade funcional, o que parece ser muito comum em Santarém. O mesmo sucede com as grandes tigelas ou saladeiras e as caçoilas que, registando as mesmas formas, podem ou ir à mesa como recipientes de utilização colectiva, ou ter uma função culinária (registando-se, nestes casos, vestígios de exposição ao fogo directo). A situação dos púcaros parece ser a inversa.

Quando procedemos à separação por diferentes formas do enorme conjunto de fragmentos de que dispúnhamos, deparámo-nos com outros obstáculos. Ao pretender ultrapassar as divisões tradicionais, apenas baseadas nos bordos das peças, procurámos criar grupos em que tentávamos distinguir igualmente os fundos ou mesmo as asas e paredes das diferentes formas. Numa primeira fase, tal tarefa pareceu-nos possível, mas imediatamente nos deparámos com sérias dúvidas na distinção dos fundos de peças como as jarrinhas (por vezes queimadas), as panelas e os púcaros, ou na separação dos próprios bordos e asas de jarrinhas ou copos cujos perfis se assemelham. Igualmente errónea se revelou a pretensão de distinguir os fundos dos potes dos grandes cântaros ou bilhas, cuja similitude não podemos deixar de registar. Dúvidas que surgiram na identificação de um ou outro exemplar específico são tratadas aquando da descrição dessas peças.

Assim, no tratamento estatístico cujas conclusões desenvolvemos mais detalhadamente no ponto 4. 1, optámos por classificar apenas os fragmentos de bordos que forneciam identificação formal. No tratamento do conjunto, juntámos igualmente os exemplares que constam do nosso inventário, embora neste caso, para uma peça com diversos fragmentos que sabemos pertencerem à mesma peça ou que forneçam colagem, se considere apenas como um fragmento. Pensamos que esta será a melhor forma de nos aproximarmos do número de peças recolhidas e, deste modo, da realidade dos materiais da Alcáçova de Santarém.

A organização do catálogo teve por base as seguintes linhas orientadoras: em primeiro lugar, surge a Sigla de marcação dos fragmentos Alc. Sant., seguida do número do inventário geral dos materiais da Alcáçova de Santarém. A indicação da proveniência exacta da peça surge na indicação da quadrícula e da fossa de onde foram retirados. Parte fundamental do catálogo é a descrição, não só da forma da peça, mas também do número de fragmentos, do tratamento das superfícies, da decoração e da sua pasta. Neste caso, foi feita apenas uma análise macroscópica na qual se distinguem as diferentes texturas das pastas, quantidade de elementos não plásticos (enp) e sua dimensão. As cores, quer das pastas, quer das superfícies, foram atribuídas seguindo a tabela Munsell Soil Color Charts (edição de 1994). As dimensões das peças são fornecidas em centímetros, sendo dados normalmente o diâmetro dos bordos e fundos (sempre o exterior, excepto quando assinalado), a altura e espessura das paredes.

3. 2. As formas

3. 2. 1. As jarrinhas (Fig. 4 e Foto 5 e 6)

As jarrinhas são vasos caracteristicamente islâmicos, cujo fabrico parece ter-se iniciado no século X.

De uma forma geral, caracterizam-se por possuir um colo alto, corpo bitroncocónico ou globular e duas asas verticais que partem do bordo ou do colo e terminam junto do fundo.

Destinavam-se a ser usados à mesa, sendo aí utilizados para beber. No entanto, foram também objectos de cozinha, servindo, nomeadamente, para aquecer água.

Integram-se na forma *Jarrita* de Rosselló-Bordoy (1991, p. 165, n.º 25) e nos tipos 15 e 16 de Bazzana (1979, p. 158, n.º 5).

As jarrinhas estão bem representadas em Santarém, onde foi possível reconstituir, quase completamente, cinco exemplares (Fig. 4, n.ºs 1, 2, 3, 4, 5) e identificar oito fragmentos de bordo (Fig. 4, n.ºs 6-12, Fig. 5, n.º 18). O conjunto engloba ainda outros dez bordos que igualmente podemos incluir neste grupo (não representados graficamente), o que totaliza vinte e três jarrinhas. Devemos confessar que alguns bordos foram difíceis de classificar com segurança. É o caso dos exemplares da Fig. 4, n.ºs 10, 11 e 12 que decidimos, apesar de tudo, incluir neste grupo. De facto, as características que apresentam e, sobretudo, a ausência de elementos definidores por excelência, como por exemplo as asas, tornavam também possível o seu agrupamento no conjunto dos copos. No entanto, as dimensões dos bordos contribuíram, decisivamente, para a sua classificação como jarrinhas, que é feita com reservas.

As jarrinhas da Alcáçova de Santarém apresentam sempre colos convexos, fundos planos ou muito ligeiramente convexos e corpo bitroncocónico, com uma carena, mais ou menos acentuada, sensivelmente a meio do corpo. Os bordos apresentam, quase sempre, um ligeiro espessamento interno e, por vezes, uma leve inflexão na ligação ao colo. As asas, de secção oval, arrancam do colo, imediatamente a seguir ao bordo, e ligam-se ao corpo na área da carena. Os fundos são planos.

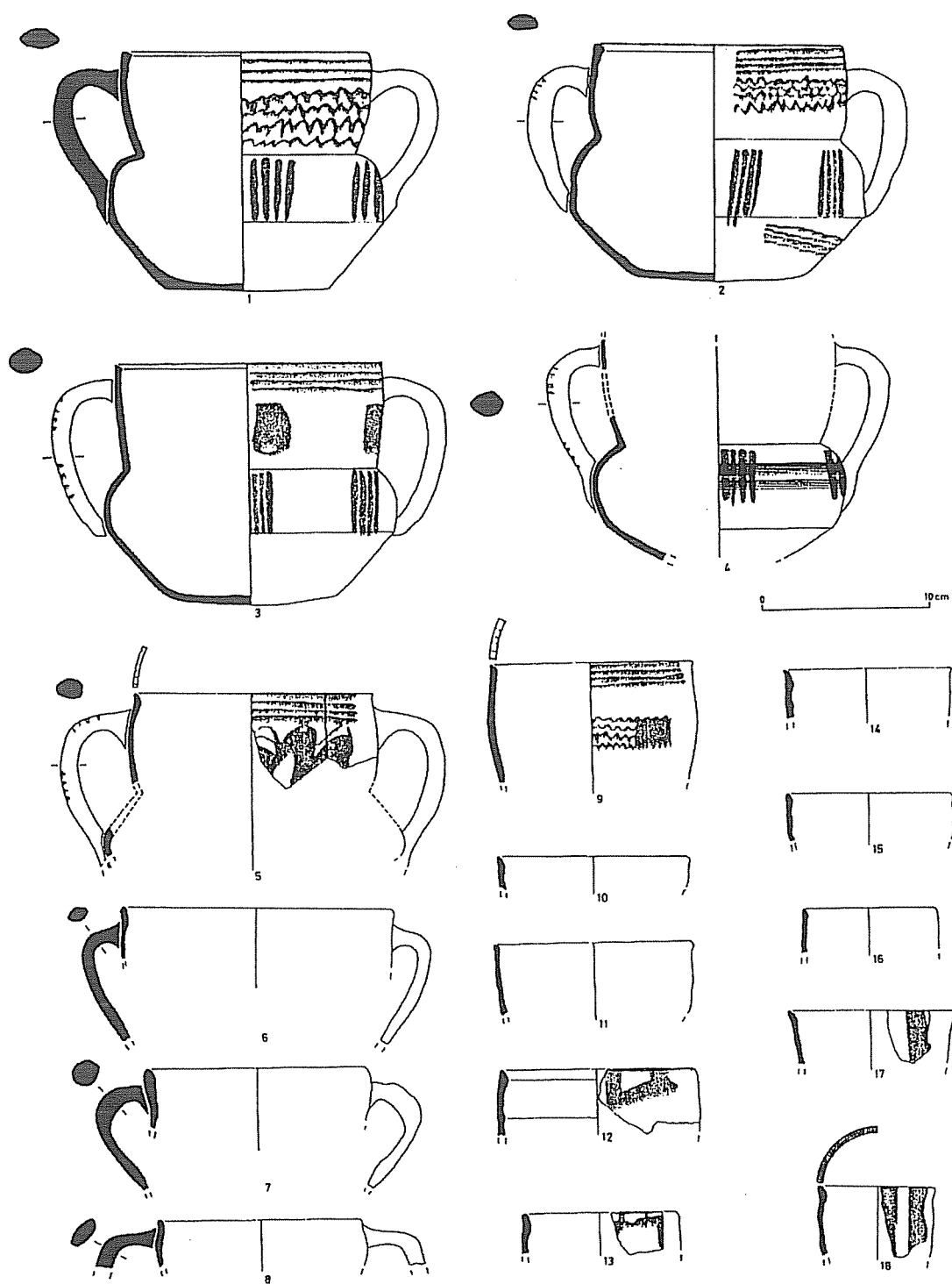


Fig. 4 1-12: jarrinhas; 13-18: copos.

Em Santarém, as jarrinhas são decoradas, no colo, no bojo, nas asas e no bordo, com pintura branca. No colo, existem quase sempre linhas pintadas, paralelas ao bordo e entre si, geralmente em grupos de cinco, seguidas de linhas ondulantes (Fig. 4, n.ºs 1, 2, e 9) ou de motivos isolados de forma, vagamente, circular (Fig. 4, n.º 3). O bojo apresenta grupos de quatro linhas verticais, paralelas entre si, na sua metade superior (Fig. 4, n.ºs 1, 2, 3, 4), e grupos de quatro linhas paralelas, dispostas obliquamente, na sua metade inferior (Fig. 4, n.º 2). As asas são igualmente decoradas com dois grupos de quatro linhas pintadas. Mais raramente, o bordo é decorado por grupos de quatro traços pintados (Fig. 4, n.ºs 5 e 9).

A grande maioria das jarrinhas de Santarém ter-se-ão destinado à sua primeira função (serviço de mesa, como vasos de beber líquidos). No entanto, alguns (raros) exemplares apresentam sinais de fogo o que prova que foram utilizados na cozinha, muito provavelmente para aquecer água.

Jarrinhas semelhantes às encontradas na Alcáçova de Santarém são frequentes em contextos islâmicos do Sul do actual território português, a maioria datados dos séculos IX a XII. Registaram-se em Silves (Gomes, 1988, p. 195, 216, 238), no Cerro da Vila (Matos, 1987, p. 444), em Salir (Catáirino, 1992, p. 36-37, Fig. 7-1), Mértola (Torres, 1978, n.º 15; Torres et al., 1991, p. 501, n.º 002), Moura (Macias, 1993, p. 132, Fig. 9), Mesas do Castelhinho (Fabião e Guerra, 1991, p. 319; Guerra e Fabião, 1992, p. 98, n.º 14), Beja (Correia, 1991, p. 384, n.º 29) e no castelo de Palmela (Fernandes e Carvalho, 1993, p. 49). Na foz do Tejo, área geográfica mais directamente relacionada com Santarém, foram também recolhidas jarrinhas de cronologias idênticas, nomeadamente no Teatro Romano, na Igreja de S. Lourenço e na Rua Augusta (AAVV, 1994, p. 293, 294). Quanto ao padrão e técnicas decorativas, o paralelo mais próximo das jarrinhas de Santarém é a já citada jarrinha de Mértola (Torres et al., 1991, p. 501, n.º 002), cuja decoração, no colo, bojo e asas, é, também, pintada a branco, compondo-se de linhas paralelas e ondulantes. Nos restantes casos, a pintura é geralmente vermelha aplicada sobre vasos de pastas e superfícies claras.

Catálogo

Alc. Sant. 2075, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 4, n.º 1)

Quinze fragmento de bordo, colo e bojo de jarrinha. Colo alto, cilindróide com paredes convexas. Bordo arredondado, ligeiramente espessado internamente. Asas verticais, de secção oval. Na superfície externa são visíveis sinais de fogo, o que lhe confere uma coloração cinzenta muito escura (Munsell 2.5Y 2. 5/1). No entanto é perceptível que a superfície foi alisada e seria, certamente, coberta por uma aguada, sobre a qual foi aplicada uma decoração pintada a branco, no bordo, no colo e nas asas. No bordo: grupos de quatro traços paralelos. No colo: quatro linhas paralelas ao bordo e entre si abaixo das quais se desenvolve uma decoração ondulante sem que seja perceptível o motivo exacto que a compõe. Nas asas: dois grupos de quatro linhas paralelas. Pasta laranja acastanhado (Munsell 2.5YR 5/8), muito porosa, com abundantes elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Diâmetro do bordo: 14,3 cm; espessura da parede: 0,3 cm.

Alc. Sant. 2071, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 4, n.º 2)

Jarrinha (31 fragmentos em colagem) com colo alto, cilindróide com paredes convexas, e corpo bitroncocónico com carena sensivelmente a meio do bojo. Bordo arredondado, ligeiramente espessado internamente e fundo plano. Asas verticais, de secção oval. Na superfície externa são visíveis sinais de fogo, o que lhe confere uma coloração cinzenta muito escura (Munsell 7.5YR 3/1). No entanto é perceptível que a superfície foi alisada e seria, certamente, coberta por uma aguada. Decoração pintada a branco no colo e no bojo. No colo: quatro linhas paralelas ao bordo e entre si e quatro linhas ondulantes. No bojo: grupos de quatro linhas verticais e grupos de quatro linhas oblíquas. Pasta de cor laranja (Munsell 2.5YR 5/8), esponjosa e compacta, com abundantes elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Altura: 14,2 cm; diâmetro do bordo: 15 cm; espessura da parede: 0,3 cm.

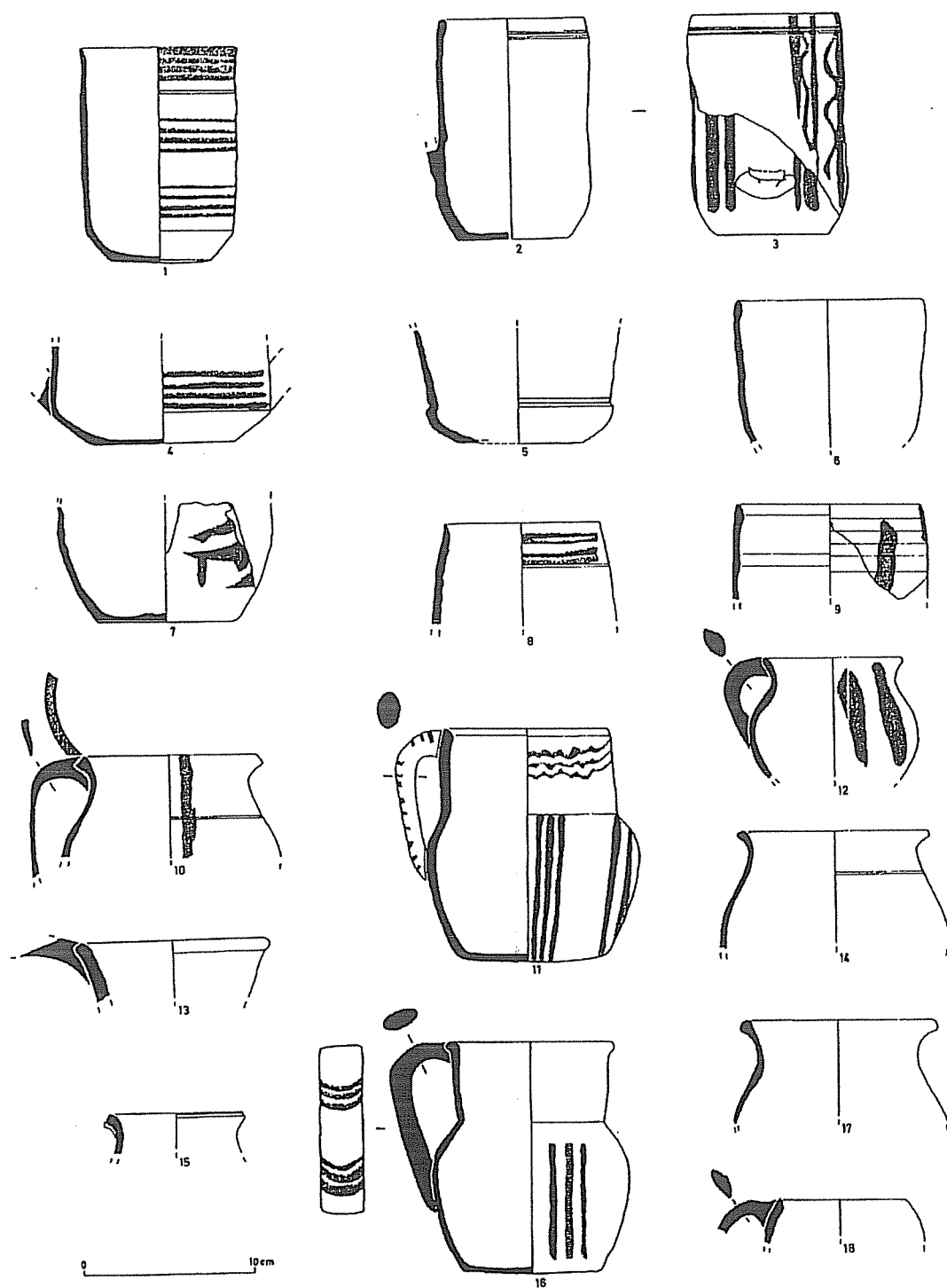


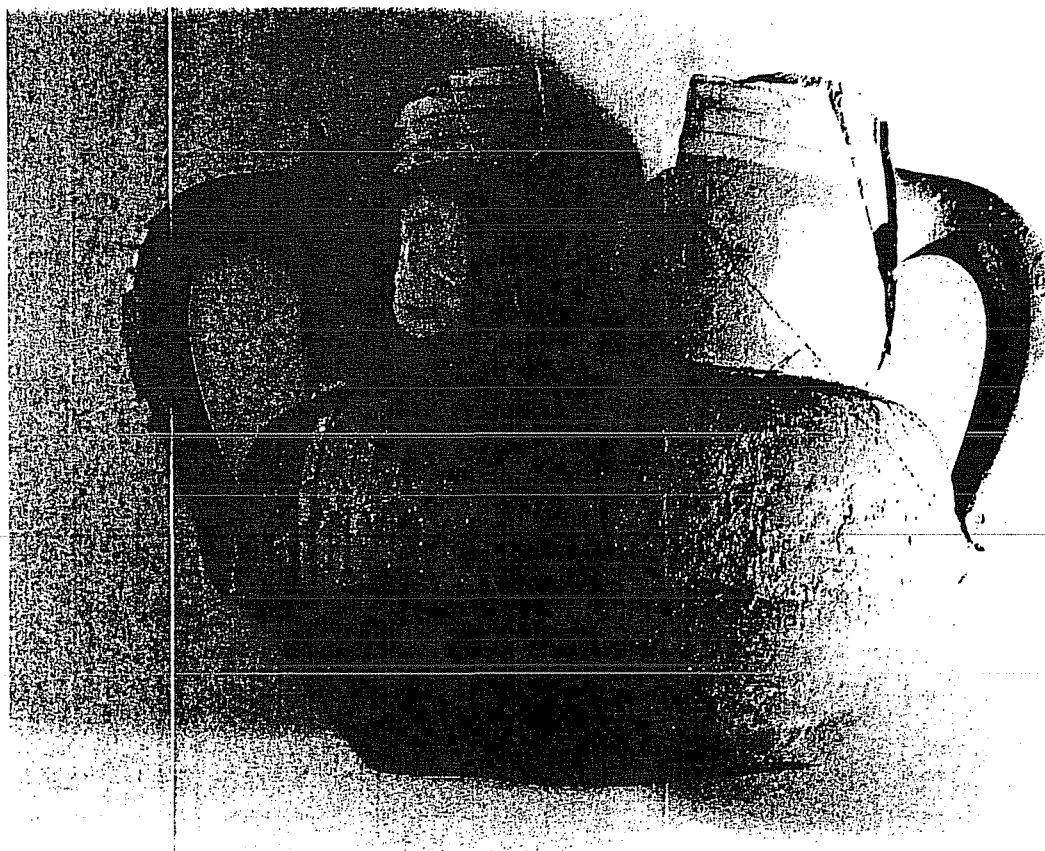
Fig. 5 1-9: copos; 10, 12-15 e 17: panelas; 11 e 16: púcaros; n.º 18: jarrinha.

Alc. Sant. 2074, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 4, n.º 3)

Jarrinha (18 fragmentos em colagem) com colo alto, cilindróide com paredes muito ligeiramente convexas, e corpo bitroncocónico com carena sensivelmente a meio do bojo. Bordo recto e fundo convexo. Asas verticais, de secção oval. Superfície externa coberta por um engobe de cor laranja (Munsell 10YR 5/8), alisado e sobre o qual foi aplicada uma decoração pintada a branco no colo, no bojo e nas asas. No colo: quatro linhas paralelas ao bordo e entre si e motivos arredondados. No bojo: grupos de quatro linhas verticais. Nas asas: dois grupos de quatro linhas paralelas. Pasta de cor laranja (Munsell 2.5YR 6/8), esponjosa, porosa, com abundantes elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Altura: 14,8 cm; diâmetro do bordo: 16,4 cm; espessura da parede: 0,4 cm.

Alc. Sant. 2073, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 4, n.º 4)

Quatro fragmentos em colagem de jarrinha, sem bordo e sem fundo, com colo alto, cilindróide com paredes muito ligeiramente convexas, e corpo globular. Asas verticais, de secção oval. Superfície coberta por um engobe de cor laranja (Munsell 10R 5/8), alisado e sobre o qual foi aplicada uma decoração pintada a branco no bojo e nas asas. No bojo: grupos de quatro linhas verticais. Nas asas: dois grupos de quatro linhas paralelas. No bordo: grupos de quatro linhas paralelas. Pasta de cor laranja acastanhada (Munsell 2.5YR 5/8), esponjosa, porosa, com abundantes elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Altura conservada: 13 cm; diâmetro do bordo: 14,2 cm; espessura da parede: 0,3 cm.



Fot. 5 Jarrinha n.º 2074 (Fig. 4, n.º 3). Foto de Victor S. Gonçalves.

Alc. Sant. 2072, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 4, n.º 5)

Três fragmentos de jarrinha (bordo colo e asa), com colo alto, cilindróide com paredes convexas, e corpo bitronco-cónico. Bordo invertido, ligeiramente espessado internamente e com inflexão na parede externa. Asas verticais, de secção circular. Superfície externa coberta por um engobe de cor cinzento escuro (Munsell 7.5YR 3/1), alisado e sobre o qual foi aplicada uma decoração pintada a branco no colo, no bordo e nas asas. No colo: quatro linhas paralelas ao bordo e entre si a que se seguem linhas onduladas em longos espaços compondo um motivo floral; nas asas: dois grupos de quatro traços finos; no bordo: traços finos. Pasta de cor laranja (Munsell 2.5YR 5/8), com núcleo cinzento (Munsell 7.5YR 4/1), dura, compacta com muitos elementos não plásticos de dimensões reduzidas. Diâmetro do bordo: 16,5 cm; espessura da parede: 0,36 cm.

Alc. Sant. 1946, Corte 2, K 9, Fossa 3 (Fig. 4, n.º 6)

Fragmento de bordo e asas de jarrinha. Bordo arredondado e espessado; asas verticais de secção oval. Superfície externa coberta com aguada laranja claro (Munsell 2.5YR 5/6) e pasta de cor vermelho alaranjado (Munsell 2.5YR 5/8), muito porosa, com abundantes elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Diâmetro do bordo: 16 cm; espessura da parede: 0,35 cm.

Alc. Sant. 1912, Corte 2, J 9, Fossa 2 (Fig. 4, n.º 7)

Fragmento de bordo e asas de jarrinha. Bordo arredondado e espessado; asas verticais de secção oval. Superfície externa, com vestígios de fogo e coberta com engobe acinzentado (Munsell 5YR 5/1). Pasta de cor laranja acastanhado (Munsell 2.5YR 5/6), esponjosa, com abundantes elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Diâmetro do bordo: 13,2 cm; espessura da parede: 0,3 cm.

Alc. Sant. 1910, Corte 2, J 9, Fossa 2 (Fig. 4, n.º 8)

Fragmento de bordo e asas de jarrinha. Bordo arredondado e espessado; asas verticais de secção oval. Superfície externa coberta com aguada laranja claro (Munsell 2.5YR 6/6) e pasta de cor vermelho acastanhado (Munsell 2.5YR 5/6), muito porosa, com abundantes elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Diâmetro do bordo: 12,4 cm; espessura da parede: 0,37 cm.

Alc. Sant. 2080, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 4, n.º 9)

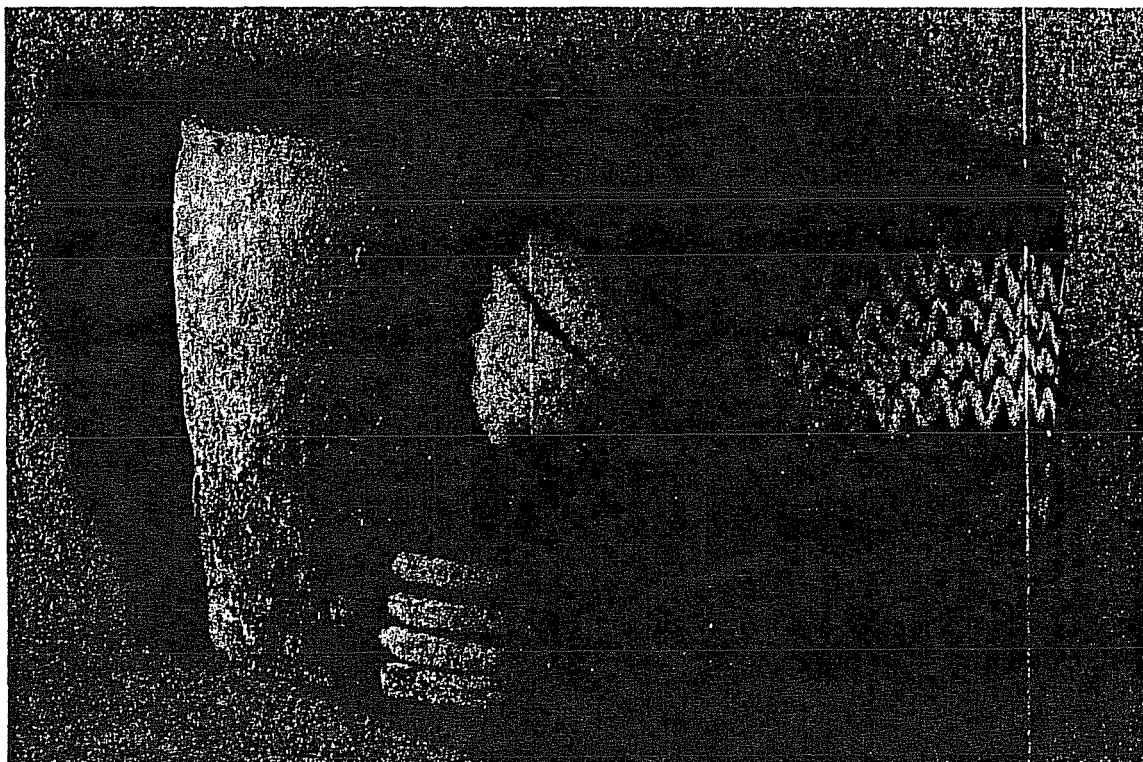
Três fragmento de bordo e colo de jarrinha. Colo alto, cilindróide de paredes convexas. Bordo vertical. Superfície externa coberta por uma aguada de cor laranja (Munsell 10R 5/6) sobre a qual é visível decoração pintada a branco no bordo e no colo. No bordo grupos de quatro traços paralelos. No colo: quatro linhas paralelas ao bordo e entre si e quatro linhas ondulantes. Pasta de cor laranja (Munsell 2.5YR 6/8), dura, esponjosa, com raros elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Diâmetro do bordo: 12,4 cm; espessura da parede: 0,4 cm.

Alc. Sant. 1943, Corte 2, K 9, Fossa 3 (Fig. 4, n.º 10)

Fragmento de bordo de jarrinha. Bordo arredondado e espessado internamente. Superfície externa coberta com aguada laranja acastanhado claro (Munsell 2.5YR 5/6) e pasta de cor castanho avermelhado (Munsell 10R 5/8), muito porosa, com abundantes elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Diâmetro do bordo: 12,6 cm; espessura da parede: 0,36 cm.

Alc. Sant. 1940, Corte 2, K 9, Fossa 3 (Fig. 4, n.º 11)

Fragmento de bordo e colo de jarrinha. Bordo arredondado e espessado internamente. Superfície externa coberta com aguada laranja claro e pasta de cor castanho avermelhado, porosa, com abundantes elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Diâmetro do bordo: 12 cm; espessura da parede: 0,35 cm.



Fot. 6 Colo da jarrinha n.º 2080 (Fig. 4, n.º 9). Foto de Victor S. Gonçalves.

Alc. Sant. 1972, Corte 2, K 9, Fossa 2 (Fig. 4, n.º 12)

Fragmento de bordo e colo de jarrinha. Bordo arredondado e espessado internamente. Superfície externa apresentando vestígios de utilização ao fogo, com cor negra (Munsell 7.5YR 4/1) e pasta de cor negra (Munsell 7.5YR), muito porosa, com abundantes elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Pintura a branco no colo, com motivo não identificável. Diâmetro do bordo: 12 cm; espessura da parede: 0,38 cm.

Alc. Sant. 1931, Corte 2, K 9, Fossa 3 (Fig. 5, n.º 18)

Fragmento de bordo, asa e colo de jarrinha. Bordo invertido e espessado internamente. O que existe da parede do colo faz supor que este teria paredes convexas. A asa seria vertical e tem secção oval. Superfície externa coberta com aguada castanha clara (Munsell 2.5YR 5/6) e pasta de cor vermelho alaranjado (Munsell 10R 6/8), esponjosa, com raros elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Diâmetro do bordo: 8 cm; espessura da parede: 0,37 cm.

3. 2. 2. Os copos (Figs. 4 e 5 e Foto 7)

Os copos são relativamente raros nos conjuntos de época muçulmana conhecidos. Em Santarém, no entanto, surgem com alguma abundância, tendo-se contabilizado dezassete, dos quais foram ilustrados catorze (exemplares quase inteiros, bordos e fundos) a que se junta mais três fragmentos de bordos (não ilustrados).

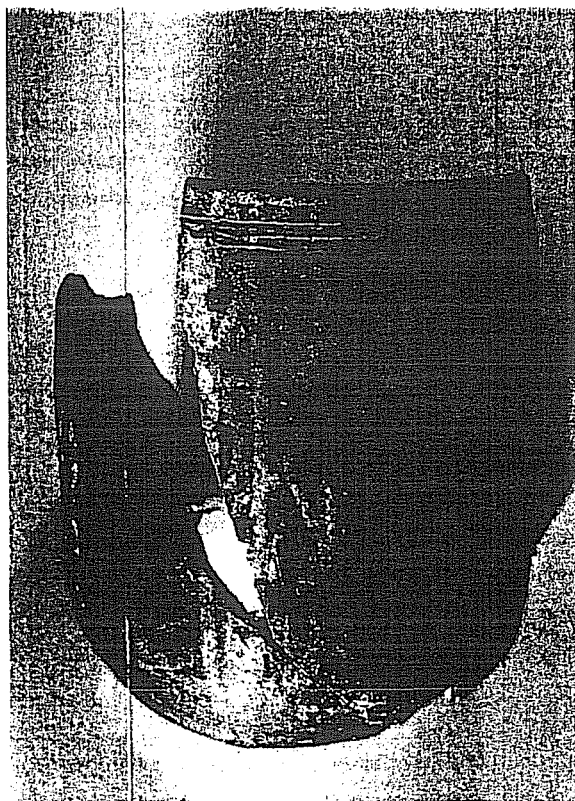
Trata-se de vasos altos, de corpo cilíndrico, munidos de uma asa vertical, que arranca imediatamente a seguir ao bordo e termina próximo do fundo que é plano. A ligação da parede ao fundo pode ser apenas indicada, apresentando, neste caso, uma secção arredondado (Fig. 5, n.ºs 2 e 6), ou pode ser marcada por uma forte inflexão na direcção da parede, inflexão essa marcada por uma carena (Fig. 5, n.ºs 4 e 5).

O bordo é vertical (Fig. 4, n.ºs 13-18 e Fig. 5, n.ºs 1, 8, 9) ou ligeiramente invertido (Fig. 5, n.º 2) e apresenta-se, quase sempre, espessado internamente.

Os copos são decorados com pintura branca, que se apresenta em grupos de quatro linhas horizontais, paralelas ao bordo e entre si (Fig. 5, n.ºs 1 e 2), em linhas verticais e ondulantes, perpendiculares ao bordo (Fig. 5, n.º 3) e outros motivos impossíveis de definir completamente.

Tudo indica que se trata de uma forma destinada ao serviço de mesa, muito possivelmente destinada a beber líquidos.

Apesar de, como já referimos, esta forma estar escassamente representada nos conjuntos cerâmicos portugueses de época muçulmana já publicados, existem copos em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1993, p. 53, n.º 119) e em Mértola (Torres et al., 1991, p. 503, n.º 008), onde foram datados dos séculos IX a XI. Alguns exemplares provenientes do Cerro da Vila, e classificados como jarrinhas, poderão talvez pertencer a copos, dada a semelhança morfológica que apresentaram com os que se recolheram em Santarém (Matos, 1987, p. 445, n.º 0141).



Fot. 7 Copo n.º 1935 (Fig. 5, n.ºs 2 e 3). Foto de Victor S. Gonçalves.



Fot. 8 Púcaro n.º 2076 (Fig. 5, n.º 11). Foto de Victor S. Gonçalves.

Catálogo

Alc. Sant. 2078, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 5, n.º 1)

Copo fragmentado (três fragmentos em colagem). Corpo cilíndrico e bordo exvertido. Superfície externa coberta por uma aguada de cor bege (Munsell 5YR 6/6), sobre a qual se observa uma decoração pintada a branco. Três grupos de quatro linhas pintadas horizontais paralelas entre si distribuem-se ao longo do corpo do copo. Pasta esponjosa, de cor vermelho alaranjado (Munsell 2.5YR 5/8), com raros elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Altura conservada: 13,2 cm; diâmetro do bordo: 9,2 cm; espessura da parede: 0,4 cm.

Alc. Sant. 1935, Corte 2, K 9, Fossa 2 (Fig. 5, n.ºs 2 e 3)

Copo com a asa fragmentada (cinco fragmentos em colagem). Corpo cilíndrico, bordo invertido, espessado internamente e fundo plano. O arranque da asa, em área próxima do fundo deixa antever que esta seria vertical. A superfície externa, que apresenta vestígios de fogo e tem cor cinzenta (Munsell 5YR 4/1), encontra-se polida e está decorada com pintura branca, composta por traços verticais paralelos entre si e linhas ondulantes também verticais. Pasta esponjosa, de cor vermelho alaranjado (Munsell 2.5YR 5/8), com raros elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Altura: 12,8 cm; diâmetro do bordo: 8,4 cm; espessura da parede: 0,34 cm.

Alc. Sant. 2079, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 5, n.º 4)

Três fragmentos de fundo e arranque de asa de copo. Superfície externa coberta por um engobe de cor castanho claro (Munsell 2.5YR 5/6) e polida. Decoração com pintura branca organizada em grupos de linhas horizontais, paralelas entre si. Ligação da parede ao fundo efectuada por uma carena acentuada, onde terminava a asa, que deveria ser vertical. Pasta dura de cor laranja (Munsell 2.5YR 5/8), compacta, pouco esponjosa com raros elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Diâmetro do fundo: 8 cm; espessura da parede: 0,38 cm.

Alc. Sant. 1971, Corte 2, K 9, Fossa 3 (Fig. 5, n.º 5)

Fragmento de fundo de copo. Ligação da parede ao fundo efectuada por uma canelura profunda imediatamente seguida por uma carena muito acentuada. Superfície coberta por uma aguada de cor bege. Pasta de cor vermelho acastanhado dura, compacta, pouco esponjosa com raros elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Diâmetro do fundo: 7,2 cm; espessura da parede: 0,41 cm.

Alc. Sant. 1937, Corte 2, K 9, Fossa 3 (Fig. 5, n.º 6)

Fragmento de bordo e parede de copo. Corpo cilíndrico, com paredes convexas, bordo invertido, espessado internamente. Superfície coberta por uma aguada de cor bege (Munsell 5YR 6/6). Pasta de cor castanho claro (Munsell 2.5YR 6/6) esponjosa com raros elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Diâmetro do bordo: 9,2 cm; espessura da parede: 0,39 cm.

Alc. Sant. 1909, Corte 2, K 9, Fossa 2 (Fig. 5, n.º 7)

Três fragmentos de fundo e parede de copo, com decoração impossível de definir, uma vez que não se delimita totalmente no fragmento. Superfície externa polida, coberta por uma aguada de cor bege (Munsell 5YR 5/4). Pasta de cor laranja avermelhado (Munsell 2.5YR 5/8) dura, compacta, pouco esponjosa com raros elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Diâmetro do fundo: 8 cm; espessura da parede: 0,36 cm.

Alc. Sant. 2077, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 5, n.º 8)

Fragmento de bordo e parede de copo. Corpo cilíndrico, com paredes ligeiramente convexas, bordo invertido. Superfície coberta por uma aguada de cor bege (Munsell 5YR 6/6). Pasta de cor castanho claro, esponjosa, com raros elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Linhas pintadas de branco decoram o corpo junto ao bordo. Diâmetro do bordo: 9,1 cm; espessura da parede: 4,2 cm.

Alc. Sant. 1973, Corte 2, K 9, Fossa 2 (Fig. 5, n.º 9)

Fragmento de bordo e parede de copo. Corpo cilíndrico, com paredes convexas, bordo invertido, espessado internamente. A superfície externa, que apresenta vestígios de fogo, é de cor cinzento escuro (Munsell 7.5YR 3/1) e está decorada com pintura branca, composta por traços largos, verticais. A pasta é esponjosa, de cor castanho escuro (Munsell 2.5YR 3/3), com raros elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Diâmetro do bordo: 8,8 cm; espessura da parede: 4,2 cm.

Alc. Sant. 1975, Corte 2, K 9, Fossa 2 (Fig. 4, n.º 13)

Fragmento de bordo de copo. Bordo invertido e espessado internamente. Superfície coberta por uma aguada de cor beije (Munsell 5YR 6/6), sobre a qual é visível uma decoração pintada a branco (traços grossos, junto ao bordo). Pasta de cor laranja (Munsell 2.5YR 5/8), esponjosa, com raros elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Diâmetro do bordo: 9,2 cm; espessura da parede: 0,35 cm.

Alc. Sant. 1974, Corte 2, K 9, Fossa 2 (Fig. 4, n.º 14)

Fragmento de bordo e parede de copo. Bordo invertido, espessado internamente. Superfície coberta por uma aguada de cor beije (Munsell 5YR 6/6). Pasta de cor laranja (Munsell 2.5YR 6/8), esponjosa, com raros elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Diâmetro do bordo: 10 cm; espessura da parede: 4,2 cm.

Alc. Sant. 1945, Corte 2, K 9, Fossa 3 (Fig. 4, n.º 15)

Fragmento de bordo e parede de copo. Bordo invertido, espessado internamente. O que existe da parede pressupõe um corpo cilíndrico. Superfície coberta por uma aguada de cor castanho alaranjada clara (Munsell 2.5YR 6/6). Pasta de cor castanho claro (Munsell 2.5YR 6/8), esponjosa, com raros elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Diâmetro do bordo: 10 cm; espessura da parede: 0,36 cm.

Alc. Sant. 1921, Corte 2, J 9, Fossa 2 (Fig. 4, n.º 16)

Fragmento de bordo e parede de copo. Bordo invertido. O que existe da parede pressupõe um corpo cilíndrico. Superfície externa coberta por um engobe cinzento (Munsell 2.5Y 5/1). Pasta de cor castanho avermelhado (Munsell 10R 5/6), esponjosa, com raros elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Diâmetro do bordo: 8 cm; espessura da parede: 0,34 cm.

Alc. Sant. 1916, Corte 2, J 9, Fossa 2 (Fig. 4, n.º 17)

Fragmento de bordo e parede de copo. Parede ligeiramente côncava e bordo espessado internamente. Superfície externa coberta por um engobe cinzento (Munsell 2.5Y 5/1), sobre o qual foi pintada a branco uma banda vertical. Pasta de cor vermelho acinzentado (Munsell 10R 5/6), compacta, esponjosa, com raros elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Diâmetro do bordo: 8,1 cm; espessura da parede: 0,36 cm.

Alc. Sant. 1917, Corte 2, J 9, Fossa 2 (Fig. 4, n.º 18)

Fragmento de bordo e parede de copo. Parede convexa e bordo exvertido espessado externa e internamente. Superfície externa coberta por uma aguada clara (Munsell 5YR 6/4), sobre a qual foi pintada a branco uma banda vertical. Pasta de laranja clara (Munsell 2.5R 6/6), compacta, esponjosa, com raros elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Diâmetro do bordo: 7,2 cm; espessura da parede: 0,36 cm.

3. 2. 3. Os púcaros (Fig. 5 e Fotos 8 e 9)

Os púcaros são vasos de uma única asa, com ou sem colo diferenciado, e com corpo de forma geral globular. Englobam-se na forma *Jarro* de Rosselló-Bordoy (1991, p. 166, n.º 34) e nos tipos 13 e 14 de Bazzana (1979, p. 158, n.º 3).

Utilizavam-se à mesa, para servir líquidos, mas, à semelhança das jarrinhas, podiam também utilizar-se na cozinha, nomeadamente para aquecer água.

Em Santarém, apenas se recolheram dois púcaros, ambos com colo alto e diferenciado. Nos dois casos, a asa, de secção oval, arranca do bordo, terminando na área média do bojo. O púcaro da Fig. 5, n.º 11 tem fundo ligeiramente convexo, bordo invertido e colo cilíndrico de paredes convexas. No caso do da Fig. 5, n.º 16 o fundo é plano, o bordo é exvertido e o colo é cilíndrico, de paredes rectas. Ambos os exemplares apresentam as superfícies decoradas com pintura branca, cuja temática decorativa se assemelha à das jarrinhas (linhas ondulantes paralelas entre si, no colo, e grupos de linhas verticais e paralelas entre si, no bojo).

Enquanto que o púcaro da Fig. 5, n.º 11 foi apenas usado para conter ou beber líquidos, as superfícies externas do púcaro da Fig. 5, n.º 16 apresentam-se escurecidas por acção do fogo, o que confirma a sua utilização na cozinha.

Os melhores paralelos para os púcaros encontrados em Santarém registam-se no Cerro da Vila (Matos, 1991, p. 439 e 441), em Mértola (Torres, 1978, n.º 3) e nas Mesas do Castelinho (Guerra e Fabião, 1993, p. 95).

Deve, ainda, referir-se que alguns fundos da amostra cerâmica estudada podem pertencer a esta forma. Não foram, contudo, aqui contabilizados, uma vez que a sua classificação formal se tornou difícil. De facto, e como já referimos em 3. 1., alguns desses fundos, com as superfícies externas enegrecidas pela acção do fogo, podem pertencer indistintamente a púcaros, jarrinhas ou panelas.

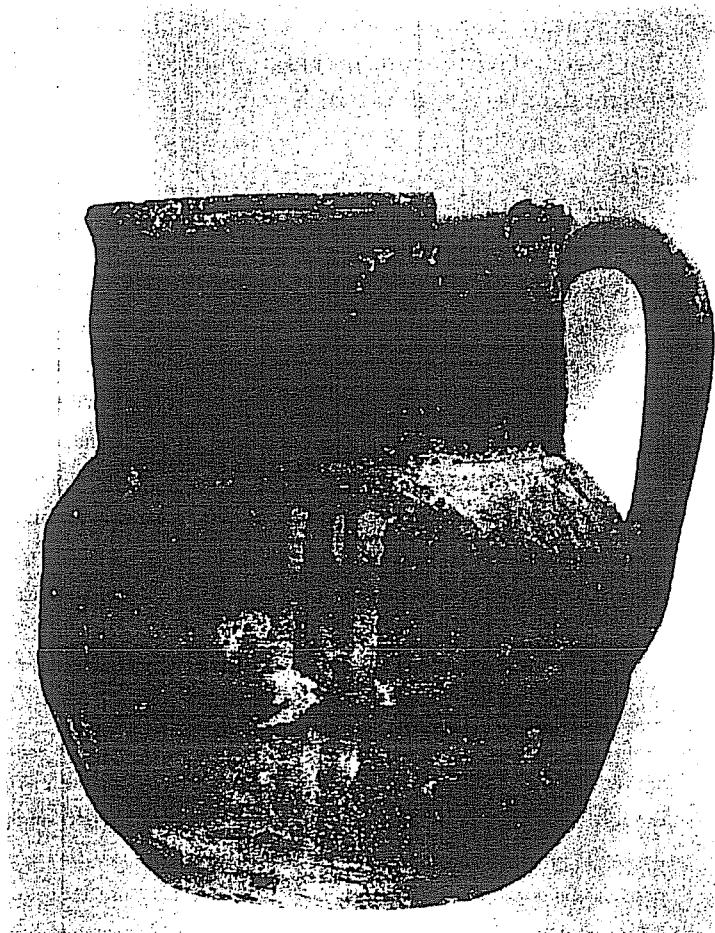
Catálogo

Alc. Sant., 2076, I 9, Fossa 1, Corte 2 (Fig. 5, n.º 11)

Púcaro de colo alto e desenvolvido e corpo globular. Bordo invertido e asa vertical de secção oval. Fundo ligeiramente convexo. Superfície externa polida, coberta por um engobe bege (Munsell 5YR 6/6) sobre o qual é visível uma decoração pintada no colo, bojo e asa. No colo: três linhas ondulantes, paralelas ao bordo e entre si. No bojo: grupos de três linhas verticais. Na asa: três grupo de linhas paralelas. Pasta de cor laranja acastanhada (Munsell 2.5YR 5/8), dura, compacta, pouco esponjosa, com raros elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Altura: 14 cm; Diâmetro do bordo: 9,5 cm; espessura da parede: 4,3 cm.

Alc. Sant., 1947, Corte 2, K 9, Fossa 2 (Fig. 5, n.º 16)

Púcaro de colo alto e desenvolvido e corpo globular. Bordo exvertido. Asa vertical de secção oval. Fundo plano. Superfície externa parcialmente enegrecida por acção do fogo de cor cinzento escuro (Munsell 7.5YR 2. 5/8), sendo, no entanto, ainda visível restos da decoração que possuía no bojo: linhas verticais pintadas de branco. Pasta de cor laranja (Munsell 2.5YR 6/8) esponjosa, com raros elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Altura: 13,5 cm; Diâmetro do bordo: 9 cm; espessura da parede: 0,4 cm.



Fot. 9 Púcaro n.º 1947 (Fig. 5, n.º 16). Foto de Victor S. Gonçalves.

3. 2. 4. As cantarinhas ou infusas (Fig. 6, n.ºs 1-7 e Foto 10)

As cantarinhas ou infusas são recipientes destinados a servir água à mesa. São de pequenas dimensões e têm colo cilíndrico, estreito e desenvolvido, bordo vertical e lábio pendente e triangular, e uma asa vertical, fitiforme, que arranca do colo e termina a meio do bojo. O fundo é plano e o bojo é globular ou esferoidal.

Em Santarém, pudemos contar nove cantarinhas (uma não ilustrada), duas quase inteiras e oito fragmentos de bordo. Os bordos n.ºs 4 e 6 assemelham-se formalmente a cântaros, mas optámos por incluí-los neste grupo, o que fazemos com algumas reservas.

A especificidade formal das cantarinhas de Santarém não permitiu a sua inclusão em nenhuma das tipologias disponíveis. No entanto, e se tivermos em conta a funcionalidade, podemos aproximá-las da forma *Jarro* de Rosselló-Bordoy (1991, p. 166).

As peças 1 e 2 possuem decoração pintada de branco na superfície externa (colo, bojo, e bordo no caso do exemplar n.º 1). Também os n.ºs 4 e 5 apresentam, a superfície do bordo decorada com pintura branca (traços no n.º 4 e totalmente preenchida no n.º 5).

Em Portugal recolheram-se cantarinhas no Cerro da Vila (Matos, 1991, p. 446, 447, n.º 008), onde foram datadas dos século IX-X.

Catálogo

Alc. Sant. 1988, Corte 2, K 9, Fossa 2 (Fig. 6, n.º 1)

Cantarinha ou infusa de colo alto e corpo globular. A asa vertical, de secção subcircular e de perfil em D, arranca da metade inferior do colo e termina a meio do bojo. O fundo é plano e o bordo é recto, com lábio pendente de parede côncava. No colo, ao nível do arranque da asa existe uma canelura. A ligação do colo ao bojo é marcada por uma ranhura. Superfície externa alisada e com um aguada bege (Munsell 2.5YR 6/6), sobre a qual, no bojo, na asa e no bordo é visível uma decoração pintada de branco. No bojo: a grupos de três linhas ondulantes paralelas ao bordo e entre si, seguem-se grupos de três linhas rectilíneas, igualmente paralelas ao bordo e entre si (padrão repetido quatro vezes). Este mesmo esquema decorativo representa-se, também, na vertical. Na asa: coração reticulada, sob a qual são visíveis três linhas ondulantes perpendiculares ao plano do bordo, mas paralelas entre si. No bordo: grupos de três traços. A pasta é dura, esponjosa, de cor rosa escura (Munsell 2.5YR 6/6), com raros elementos não plásticos de dimensões reduzidas. Altura: 22,4 cm; Diâmetro do bordo: 5,6 cm; espessura da parede: 0,4 cm.

Alc. Sant. 1989, Corte 2, K 9, Fossa 2 (Fig. 6, n.º 2)

Cantarinha ou infusa (dois fragmentos em conexão), sem bordo, nem fundo. Tem colo alto e corpo globular, com asa vertical, de secção oval e de perfil em D, que arranca da metade inferior do colo e termina a meio do bojo. Superfície externa alisada e com uma aguada acastanhada (Munsell 5YR 6/4) sobre a qual, no bojo, na asa e no colo é visível uma decoração pintada de branco. No bojo: grupos de três linhas verticais, paralelas entre si. Na asa: dois grupos de linhas paralelas em que duas linhas grossas enquadram um traço fino. No colo: três linhas paralelas ao bordo e entre si. A pasta é dura, esponjosa de cor laranja rosado (Munsell 2.5YR 5/8), com raros elementos não plásticos de dimensões reduzidas). Diâmetro do colo: 3,2 cm; espessura da parede: 0,36 cm.

Alc. Sant. 1952, Corte 2, K 9, Fossa 2 (Fig. 6, n.º 3)

Fragmento de bordo de cantarinha ou infusa. O bordo é aplanado. A superfície é alisada de cor igual à da pasta. Pasta pouco esponjosa, com raros elementos não plásticos de médias dimensões e de cor laranja claro (Munsell 2.5 YR 6/6). Diâmetro do bordo: 13,6 cm; espessura da parede: 0,6 cm.

Alc. Sant. 1918, Corte 2, J 9, Fossa 2 (Fig. 6, n.º 4)

Fragmento de bordo de cantarinha ou infusa. Bordo aplanado, com decoração pintada de branco (linhas paralelas entre si). Na superfície interna, imediatamente a seguir ao bordo, é visível uma canelura. Superfície externa coberta com uma aguada da cor da pasta que é castanha alaranjada (Munsell 2.5YR 6/6), pouco esponjosa, com raros elementos não plásticos de médias dimensões. Diâmetro do bordo: 14,4 cm; espessura da parede: 0,37 cm.

Alc. Sant. 2005, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 6, n.º 5)

Fragmento de bordo de cantarinha ou infusa. O bordo é aplanado e invertido, apresentando decoração pintada de branco. Superfície externa coberta com uma aguada da cor da pasta que é castanha alaranjada (Munsell 2.5YR 6/8), pouco esponjosa, com raros elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Diâmetro do bordo: 12,8 cm; espessura da parede: 0,97 cm.

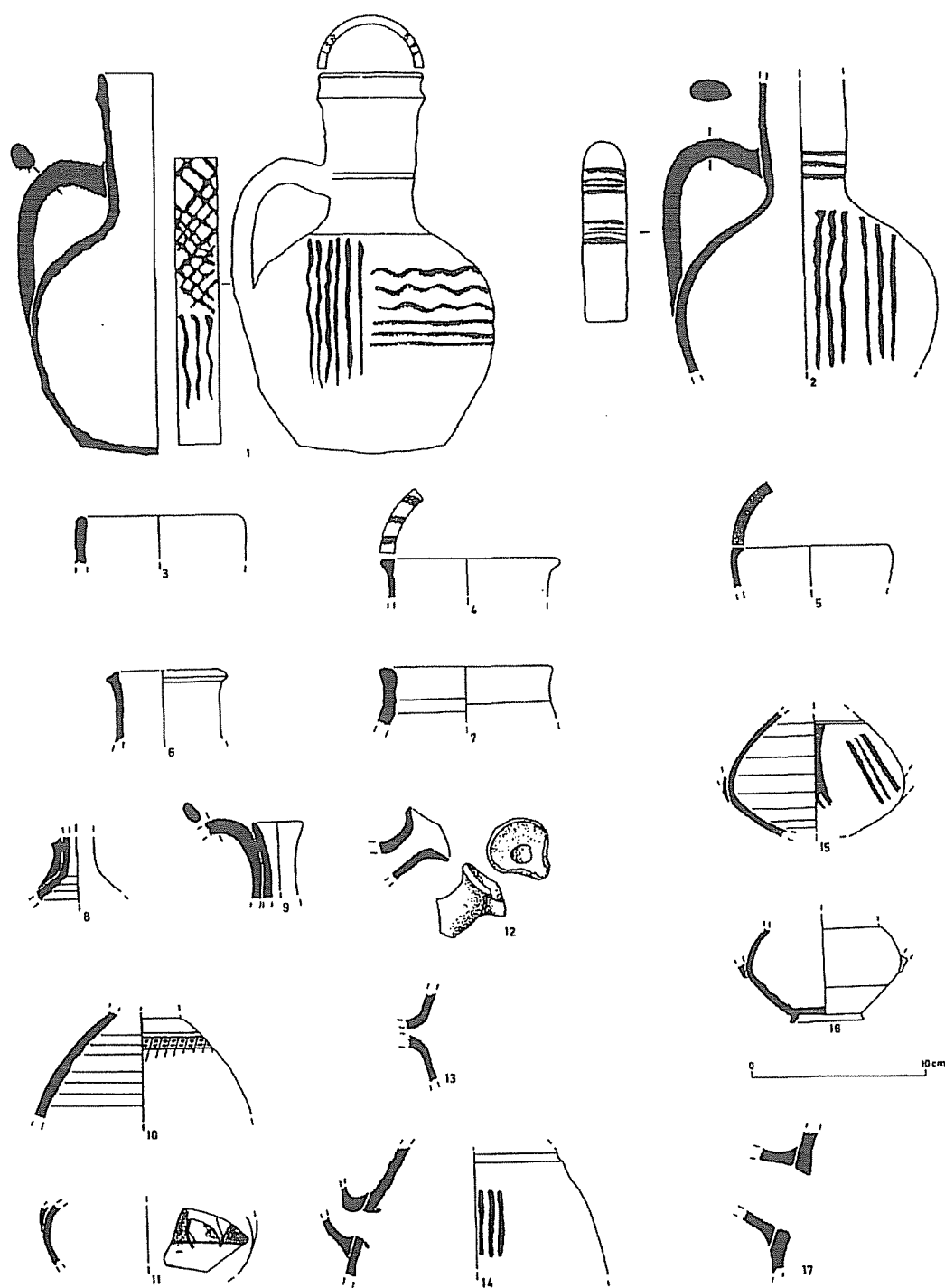


Fig. 6 1-7: cantarinhas; 8-10: garrafas vidradas; 11: garrafa de corda seca; 12 e 13: aguamanis (?); 14: bule vidrado; 16: pequeno pote vidrado; 17: jarro.



FIG. 10 Cantarinha ou infusa n.º 1988 (Fig. 6, n.º 1). Foto de Victor S. Gonçalves.

Alc. Sant. 1919, Corte 2, J 9, Fossa 2 (Fig. 6, n.º 6)

Fragmento de bordo de cantarinha ou infusa. O bordo é exvertido, com lábio pendente e triangular. Superfície externa com aguada castanha (Munsell 2.5YR 6/4). Pasta de cor vermelho rosado (Munsell 10R 6/6), com raros elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Diâmetro do bordo: 8,2 cm; espessura da parede: 0,42 cm.

Alc. Sant. 2031, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 6, n.º 7)

Cantarinha ou infusa. O bordo, que apresenta desgaste, tem lábio de secção semicircular, com ligeiro espessamento externo. O colo é cilíndrico. Pasta pouco esponjosa, com raros elementos não plásticos de médias dimensões e de cor bege rosado (Munsell 7.5 YR 7/4). A superfície é alisada de cor igual à da pasta. Diâmetro do bordo: 10 cm.

3. 2. 5. Os aguamanis (Fig. 6, n.os 12-13)

Os aguamanis são peças, formalmente, muito semelhantes às cantarinhas, diferenciando-se destas por possuírem um bico (trilobado ou zoomorfo). Destinavam-se a levar água à mesa para efectuar a lavagem das mãos. Tipologicamente, podem integrar-se na forma *Jarra* de Rosselló Bordoy (1991). De Santarém, são provenientes dois fragmentos de bico que podem, com algumas reservas, ter pertencido a esta forma. Também em Mértola a forma está mal representada, mas os dois exemplares que daí são provenientes foram datados dos século XI/XII (Torres, 1978).

Catálogo

Alc. Sant. 1986, Corte 2, K 9, Fossa 1 (Fig. 6, n.º 12)

Fragmento de vertedor, de bico triangular e trilobado, de aguamanil. Superfície externa coberta por uma aguada de cor castanho alaranjada (Munsell 10R 5/6) e pasta de cor acastanhada (Munsell 2.5YR 6/6), com raros elementos não plásticos de reduzidas dimensões.

Alc. Sant. 1992, Corte 2, J 9, Fossa 6 (Fig. 6, n.º 13)

Fragmento de vertedor, cilíndrico, de aguamanil. Superfície externa alisada, da cor da pasta, que é bege (Munsell 5YR 7/4), bem depurada, com raros elementos não plásticos de reduzidas dimensões.

3. 2. 6. *As garrafas (Fig. 6, n.ºs 8-11 e 15)*

As garrafas eram utilizadas como galhetas para levar à mesa líquidos como o azeite e o vinagre e enquadram-se na forma *Redoma* de Rosselló-Bordoy (1991, p. 166, n.º 40) e tipo 12 *Redoma* de Bazzana (1979, p. 156).

Esta forma apresenta, normalmente, um gargalo cilíndrico ou ligeiramente convexo, alto e estreito e bojo globular ou bitroncocónico, sendo a base ou saliente ou em anel. O bocal pode ser cilíndrico, sendo também comuns as variantes trilobadas. Na maior parte dos casos, estas formas receberam vidrado na superfície externa, existindo, em Santarém, um exemplar em cerâmica comum com decoração a branco, sendo as restantes quatro vidradas, uma das quais com corda seca parcial, o que totaliza nove garrafas.

Na estação arqueológica do Cerro da Vila (Vilamoura), encontramos garrafas semelhante às de Santarém, mais concretamente os n.ºs 34, 35 e 103 (Matos, 1991, p. 447)

3. 2. 6. 1. *Vidradas*

Esta forma apresenta bordo de lábio em bisel (Fig. 6, n.º 9) e o gargalo alto e estreito, possuindo uma asa de secção ovalada, que partia sensivelmente de meio do gargalo e assentaria no corpo. Um dos exemplares (Fig. 6, n.º 10) apresenta decoração no bojo que consiste numa faixa quadriculada incisa.

A superfície externa apresenta vidrado de cor amarela bastante uniforme ou amarelo com manchas esverdeadas. A dimensão dos fragmentos não permite saber se teriam ou não outra decoração pintada.

As pastas são claras, esbranquiçadas (Munsell 10YR 8/1), ou ligeiramente rosadas e alaranjadas (Munsell 2.YR 7/6), possuem texturas ou esponjosas ou pouco esponjosas/compactas, de boa classificação e com cerca de 20 % de e. n.p. de secção pequena, de difícil identificação.

O paralelo para este tipo de peças é proveniente de Mértola (Torres, 1991, p. 505), apresentando, no entanto, decoração a manganês sobre vidrado cor de mel e a datação proposta aponta para o século XI. Igualmente, no Cerro da Vila se recolheram garrafas, formalmente bastante semelhantes às de Santarém (Matos, 1991, p. 447, n.ºs 34, 35 e 103.)

Encontramos em Vale do Boto (Catarino et al., 1981, p. 15) uma garrafa vidrada de cor esverdeada, sendo a datação apontada o final do século XI.

Catálogo

Alc. Sant. 2106, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 6, n.º 10)

Garrafa. Fragmento de parte do colo e do corpo troncocónico, apresenta como decoração um sulco no corpo e uma faixa quadriculada incisa. A pasta é de textura esponjosa, de cor esbranquiçada (Munsell 10YR 8/1). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão pequena e média. A superfície exterior é vidrada a amarelo e o interior possui vestígios de vidrado amarelo e esverdeado; espessura da parede: 0,58 cm.

Alc. Sant. 2089, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 6, n.º 8)

Garrafa. Fragmento de gargalo cilíndrico e início do corpo troncocónico com arranque de uma asa da base do gargalo. Pasta de textura pouco esponjosa, de cor esbranquiçada (Munsell 10 YR 8/2). Possui cerca de 20 % de enp, classificação boa e a secção dos enp é de dimensão pequena e média, constituída por quartzos e micas. A superfície externa é vidrada num amarelo esverdeado claro. Diâmetro do gargalo neste ponto 1,8 cm; espessura da parede: 0,50 cm.

Alc. Sant. 2090, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 6, n.º 9)

Garrafa. Fragmento do bordo de lábio em bisel e gargalo cilíndrico e arranque de asa, de secção ovalada, do topo do bordo, elevando-se acima deste. Pasta de textura esponjosa, de cor rosada e alaranjada (Munsell 2.5YR 7/6). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp são de dimensão média. A superfície é vidrada a amarelo torrado com manchas esverdeadas. Diâmetro do bordo: 3 cm; espessura da parede: 0,59 cm.

3. 2. 6. 2. Corda seca parcial

A garrafa representada na Fig. 6, n.º 11 é, no conjunto do Corte 2 da Alcáçova de Santarém, o único fragmento que apresenta decoração de corda seca parcial. Dada a reduzida dimensão do fragmento pouco se pode distinguir dos motivos vidrados a verde escuro, apesar de terem sido delineados a traço de manganês. Este fragmento, possivelmente do bojo de uma garrafa, possui o arranque de uma asa, no local onde esta assentaria.

A pasta é de cor bege (Munsell 10YR 7/3), de textura esponjosa e apresenta uma classificação média com cerca de 20% de enp.

Catálogo

Alc. Sant. 2107, Corte 2, I 9, Fossa 1. (Fig. 6, n.º 11)

Possível garrafa. Fragmento de parte do corpo troncocónico com arranque da asa. Possui decoração de corda seca parcial com vidrado verde escuro com contornos previamente desenhados por traços a manganês, não sendo possível identificar o tipo de motivos dado a dimensão do fragmento. Pasta de textura esponjosa, de cor bege (Munsell 10 YR 7/3). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp de dimensão pequena e média sendo constituídos sobretudo por quartzos e micas.

3. 2. 6. 3. Cerâmica comum

Neste grupo das garrafas e com uma função semelhante à das vidrada, incluímos este recipiente (Fig. 6 n.º 15) de corpo bitroncocónico cujo fragmento sugere a existência de um colo ou gargalo estreito e cilíndrico. Apresenta decoração pintada a branco, com pelo menos duas séries

de três traços paralelos, na vertical, na parte superior do corpo. Sensivelmente a meio deste, é visível o local onde assentaria uma asa, possivelmente vertical de secção arredondada.

Para além da pintura, a superfície recebeu uma aguada de cor acastanhada (Munsell 2.5YR 5/2), na qual foi então pintada a decoração. Na superfície interna, são visíveis as estrias do torno.

A pasta é de textura esponjosa, de cor alaranjada (Munsell 10R 6/8) no exterior, e mais acinzentada junto à superfície interna (Munsell 2.5YR 4/2). Possui uma quantidade considerável de enp constituídos, sobretudo, por quartzos e micas, mas também cerâmica moída.

Catálogo

Alc. Sant. 2082, Corte 2, I 9, Fossa 1. Fig. 6, n.º 15.

Garrafa. Fragmento do corpo bitroncocónico com a parte superior com uma abertura estreita que deixa supor a existência de um gargalo ou colo estreito, cilíndrico. Apresenta na parte superior do corpo o local onde assentaria possivelmente a única asa que esta peça detinha. Possui decoração pintada a branco, constituída por séries de três linhas paralelas verticais. A pasta é de textura esponjosa de cor alaranjada (Munsell 10R 6/8) no exterior e mais acinzentada (Munsell 2.5YR 4/2) junto à superfície interna. Possui cerca de 20 a 30% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média, sendo constituídos sobretudo por quartzos e micas, mas também cerâmica moída. A superfície exterior recebeu uma aguada mais acastanhada (Munsell 2.5YR 5/2) que foi alisada, sendo posteriormente decorada a branco. A superfície interna foi simplesmente alisada e apresenta estrias do torno; espessura da parede: 0,54 cm.

3. 2. 7. Bule Vidrado (Fig. 6, n.º 14)

Os bules são recipientes que podem apresentar ou não a superfície exterior vidrada e que têm corpo globular, bordo alargado, e um bico vertedor cilíndrico no lado oposto à única asa que possuem. A sua utilização seria para servir líquidos à mesa ou para preparar infusões.

Não encontramos enquadramento para esta forma nas tipologias de Bazzana e Rosseló-Bordoy, apesar desta forma ser bastante comum no mundo muçulmano.

O único exemplar do corte 2 da Alcáçova de Santarém é um fragmento de parte do corpo globular com bico vertedor, possuindo decoração em ambos os lados do bico, que consiste numa faixa com caneluras verticais (Fig. 6 n.º 14).

A superfície é vidrada a verde escuro, embora o próprio vidrado se encontre bastante degradado, sendo o interior apenas alisado.

A pasta é clara, de cor esbranquiçada (Munsell 2.5YR 8/2), de textura pouco esponjosa e classificação boa.

Catálogo

Alc. Sant. 2087, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 6, n.º 14)

Bule. Fragmento de parte do corpo globular com bico vertedor cilíndrico. Apresenta uma decoração com caneluras verticais que ladeiam o bico vertedor. A pasta é pouco esponjosa/compacta, de cor esbranquiçada (Munsell 2.5 YR 8/2). Possui cerca de 20% de enp, classificação boa e a secção dos enp é de dimensão média. A superfície exterior é vidrada a verde escuro; espessura da parede: 0,65 cm.

3. 2. 8. *Pequeno pote vidrado (Fig. 6, n.º 16)*

Este tipo de recipientes, do qual o representado na Fig. 6, n.º 15 é exemplar único, servia certamente para guardar alimentos, como o mel, e, possivelmente, para os levar à mesa. Este pequeno pote apresenta um corpo bitroncocónico, com o arranque de duas asas e o fundo em anel. A parte superior do corpo, no local da fractura, apresenta um ressalto que parece indicar a aproximação do colo ou bordo.

A pasta é de textura pouco esponjosa, de cor esbranquiçada (Munsell 7.5YR 8/3), e possui bastantes enp de dimensão reduzida e média.

A superfície apresenta vidrado castanho escuro, no exterior, e alisamento simples com a presença de estrias do torno, no interior.

Este exemplar encontra semelhanças numa série de peças encontradas em Mértola (Khawli, 1993, p. 66), concretamente no Grupo 3 da série pote/Orza/Jarra, que, apesar de não apresentarem asas, possuem as mesmas pastas claras e vidrado castanho escuro, como o exemplar de Santarém.

Catálogo

Alc. Sant. 2088, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 6, n.º 16)

Pequeno pote. Fragmento que mostra o perfil quase completo da peça que possui de corpo bitroncocónico e os arranques de duas asas que saem do corpo. A parte superior do corpo no local onde se encontra fracturado apresenta o início de uma abertura que pensamos possa indicar o início do colo e bordo. A base é em anel. Pasta de textura pouco esponjosa de cor esbranquiçada (Munsell 7.5 YR 8/3). Possui cerca de 30% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão pequena/ média. A superfície exterior vidrado castanha escura e a superfície interna alisada e apresenta as estrias do torno. Diâmetro do fundo 4,2 cm; espessura da parede: 0,36 cm.

3. 2. 9. *Jarro (Fig. 6, n.º 17)*

Este recipiente de corpo globular ou bitroncocónico, bocal largo e um bico vertedor cilíndrico no lado oposto à asa, servia essencialmente para levar líquidos à mesa. Podemos enquadrar esta forma no *Jarro* de Rosselló-Bordoy (1991, p. 66, n.º 37), não encontrando paralelo na tipologia de Bazzana (1978).

Do único exemplar do Corte 2, apenas restou parte do bico vertedor cilíndrico. A superfície externa foi simplesmente alisada e apresenta a mesma cor alaranjada da pasta (Munsell 2.5YR 6/8). Esta é de textura esponjosa, apresentando cerca de 20 % de enp, constituídos, sobretudo, por quartzos e micas de dimensão média.

Catálogo

Alc. Sant. 2105, Corte 2, I 9, Fossa 3 (Fig. 6, n.º 14)

Jarro. Fragmento do bico vertedor de forma cilíndrica. Pasta de textura esponjosa, cor de laranja (Munsell 2.5 YR 6/8). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média, sendo constituídos por quartzos e micas. A superfície foi alisada e possui a mesma cor da pasta; espessura da parede: 0,71 cm.

3. 2. 10. As Tigelas (Figs. 7, 9 e 10)

As tigelas (vidradas ou não) serviriam para utilização individual, no serviço de mesa, durante a refeição, e apresentam uma variedade formal considerável. De uma maneira geral, estes vasos possuem bordos de lábio de secção semi circular ou ligeiramente biselado, ou secção triangular, esvasado. A parede é convexa ou possui uma carena pouco acentuada e a base é plana. As dimensões são variadas, embora tenhamos considerado como tigelas apenas os recipientes que têm diâmetros de bordo inferiores a 25 cm e que não apresentem sinais de terem sido expostas ao fogo. Neste último caso, optámos pela atribuição formal como caçoilas

Genericamente, podemos enquadrar esta forma no grupo *Ataifor*, *Zafa* de Rosselló-Bordoy (1991, p. 167), não existindo nenhum tipo em particular que possamos relacionar com as tigelas de Santarém. Este autor refere que a inexistência de vidrado nestas peças é indicador de uma cronologia mais recuada, o que não se aplica a Santarém. Na tipologia de Bazzana, identifica-se com os n.ºs 20, 21 e 22, com a designação de *Jofaina e cuenco* (Bazzana, 1978, p. 160-162).

No conjunto que aqui tratamos, foram identificadas nove tigelas, das quais sete constam do catálogo

3. 2. 10. 1. Vidradas

Os exemplares apresentados são duas tigelas que receberam vidrado integral monócromo, em ambas as superfícies, e possuem perfis com bordos espessados e voltados para o exterior, com a parte superior aplanada (Fig. 7, n.ºs 6 e 11). As paredes são convexas com uma ligeira carena e, embora não possamos dispor de nenhum exemplar completo, supomos que os fundos seriam, certamente, em anel.

A tigela da Fig. 7 n.º 6 apresenta o vidrado bastante homogéneo, amarelo torrado (melado) em ambas as superfícies, enquanto o outro exemplar (Fig. 7, n.º 11) possui a superfície interna coberta com um vidrado verde garrafa/escuro que escorre em parte para a parede externa que está revestida a vidrado amarelado.

As pastas são pouco esponjosas ou compactas, de cores esbranquiçadas (Munsell 10YR 8/2), com bastantes enp de dimensão pequena e média.

Catálogo

Alc. Sant. 2062, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 7, n.º 11)

Tigela. Fragmento de bordo de lábio de secção triangular espessado no exterior e aplanado no topo e parede convexa com uma ligeira carena. Apresenta um sulco na superfície externa. A pasta é pouco esponjosa, de cor esbranquiçada (Munsell 10YR 8/2). Possui cerca de 20% de e. n.p., classificação boa, e a secção dos elementos é de dimensão pequena e média. A superfície é revestida de vidrado, sendo o interior e o topo do bordo e escurimento para o exterior verde garrafa e o exterior amarelado com pintas castanhas. Diâmetro do bordo: 18 cm; espessura da parede: 0,51 cm. Apresenta sinais de uma trempe no topo do bordo.

Alc. Sant. 2063, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 7, n.º 6)

Tigela. Fragmento do bordo de lábio de secção triangular espessado no exterior e aplanado no topo e parede convexa com uma ligeira carena. Possui dois ligeiros sulcos junto à carena. A pasta é pouco esponjosa, de cor esbranquiçada (Munsell 10YR 8/4). Possui cerca de 20% de enp, classificação boa, elementos de secção pequena e média. Superfície vidrada amarelo torrado no interior e exterior. Diâmetro do bordo: 22 cm; espessura da parede: 0,51 cm.

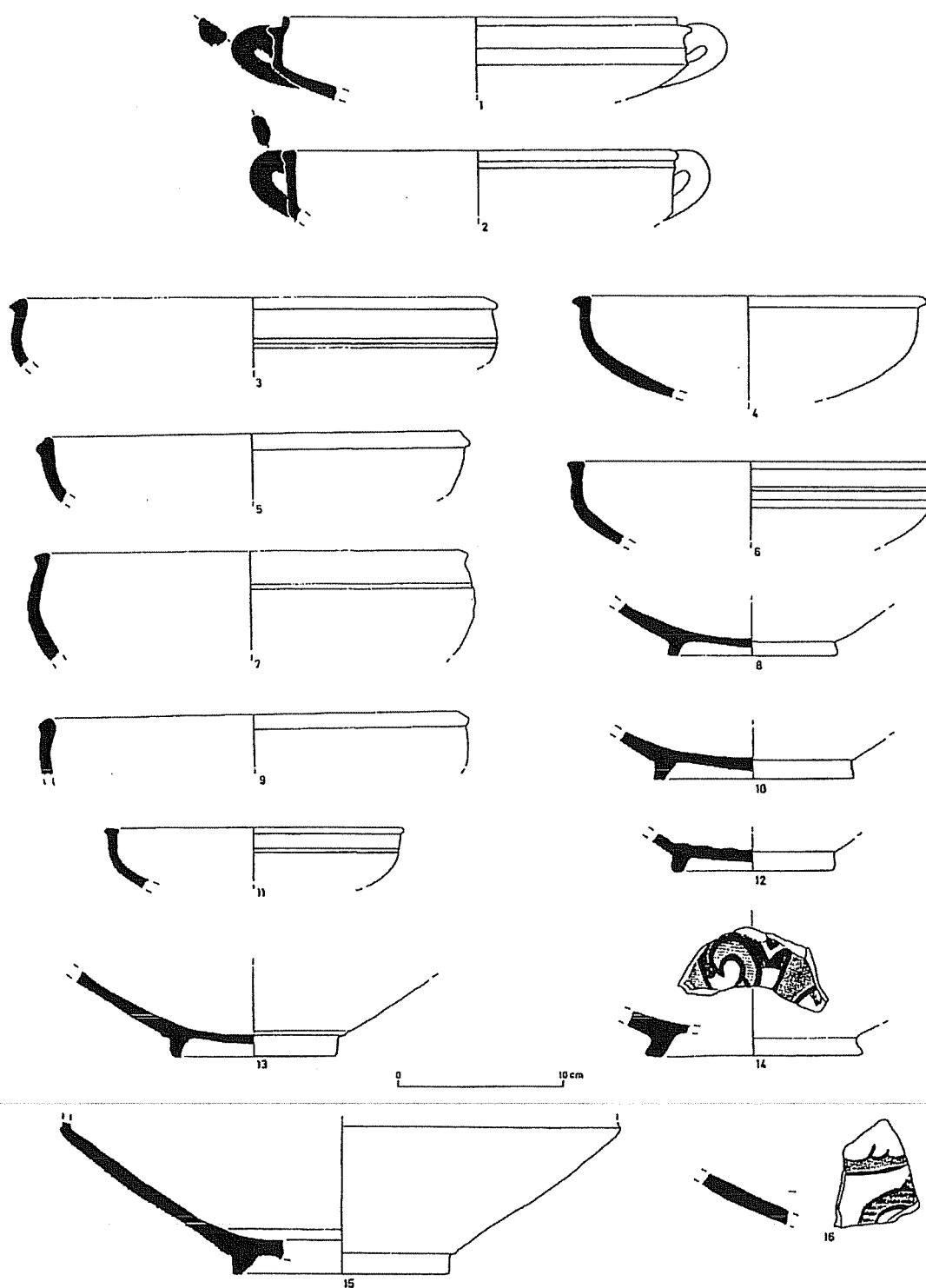


Fig. 7 1 e 2: caçoilas vidradas; 6 e 11: tigelas vidradas; 4: tigela de cerâmica comum; 3, 5, 7-10, 12, 13 e 15: grandes tigelas ou saladeiras vidradas; 14 e 16: tigelas corda seca.

3. 2. 10. 2. *Corda seca*

Apenas se detectaram dois fragmentos de tigelas com decoração de corda seca. Trata-se de parte de um fundo em anel (Fig. 7, n.º 14) e de um fragmento de parede (Fig. 7, n.º 16), cuja superfície interna recebeu este tipo de decoração, que se inicia na segunda metade do século X, com posterior desenvolvimento e difusão durante o século XI, com o período dos reinos Taifas.

O primeiro exemplar (Fig. 7, n.º 14) apresenta uma decoração com motivos de difícil identificação, dada a dimensão do fragmento, mas que pensamos poder ser uma estilização do motivo de Flor de Lis ou um bolbo. As cores utilizadas foram o verde claro e o branco, sendo visíveis os traços de separação, a manganês. A superfície exterior possui vidrado amarelado (melado). A pasta é de textura compacta, pouco esponjosa, de cor esbranquiçada (Munsell 2.5YR 8/3).

O fragmento de parede (Fig. 7, n.º 16) apresenta uma decoração geométrica de motivos possivelmente vegetalistas que a reduzida dimensão do fragmento não permite precisar. Regista-se a presença, do branco, do amarelo torrado e do verde claro, sendo igualmente visíveis as linhas de separação em manganês. A superfície exterior foi vidrada com amarelo (melado). A pasta é de textura pouco esponjosa e possui uma coloração rosada (Munsell 5YR 7/4), possuindo alguns enp de dimensão pequena e média.

Catálogo

Alc. Sant. 2085, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 7, n.º 14)

Tigela. Fragmento de fundo em anel com a superfície interna decorada com corda seca com motivos geométricos. A pasta é pouco esponjosa, de cor esbranquiçada (Munsell 2.5 YR 8/3). Apresenta cerca de 20% de enp, de classificação boa, sendo os elementos de pequena e média dimensão. A superfície exterior é vidrada com amarelo torrado. Diâmetro do fundo: 13,2 cm; espessura da parede: 1 cm.

Alc. Sant. 2086, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 7, n.º 16)

Tigela. Fragmento de parte da parede esvasada com decoração de corda seca com motivos decoração geométrica de motivos possivelmente vegetalistas que a reduzida dimensão do fragmento não permite precisar, com presença, além do branco, do amarelo torrado e o verde claro, sendo igualmente visíveis as linhas de separação em manganês. A pasta é pouco esponjosa, de cor rosada (Munsell 5YR 7/4). Possui cerca de 20% de enp, classificação boa, sendo a secção dos elementos de dimensão de pequena e média. A superfície exterior possui vidrado amarelado; espessura da parede: 0,95 cm.

3. 2. 10. 3. *Cerâmicas comuns*

São igualmente muito raros os exemplares de tigelas de reduzidas dimensões que serviriam para utilização individual. Apenas registamos os exemplares representados na Fig. 7, n.º 4, Fig. 8, n.º 7 e Fig. 10, n.º 6. Trata-se, de facto, dos únicos exemplares com menos de 25 cm de diâmetro de bordo e que não apresentam quaisquer sinais de terem sido utilizados ao lume.

Nestas tigelas encontramos um exemplar de pasta bege clara (Munsell 10 YR 8/4) que apresenta bordo de perfil triangular, espessado e exvertido e parede convexa (Fig. 7, n.º 4). Não possuímos a base desta peça, mas pelas suas semelhanças com os exemplares vidrados, pensamos

poder ter sido em anel. A superfície foi apenas alisada, sendo visíveis as estrias do torno na superfície exterior que apresenta a mesma coloração que a pasta. Esta é de textura pouco esponjosa e apresenta alguns enp de reduzida e média dimensão.

As outras duas tigelas têm pastas alaranjadas (Munsell 5YR 6/6), de texturas esponjosas, sendo abundantes os enp que atingem uma dimensão média (Fig. 8, n.º 7 e Fig. 10, n.º 6).

Catálogo

Alc. Sant. 2055, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 7, n.º 4)

Tigela. Dois fragmentos do bordo de secção triangular, voltado para o exterior e parede convexa. Pasta pouco esponjosa, de cor bege claro (Munsell 10YR 8/4). Possui cerca de 10% de enp, a classificação é boa e a secção dos enp é de dimensão pequena. A superfície é simplesmente alisada com sinais do torno na superfície exterior com a cor igual à da pasta. Diâmetro do bordo: 21 cm; espessura da parede: 0,76 cm.

Alc. Sant. 2018, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 8, n.º 7)

Tigela. Fragmento do bordo de lábio de secção semi circular e parede convexa. Apresenta um pequeno sulco que diferencia o bordo da parede. Pasta de textura esponjosa de cor alaranjada (Munsell 5YR 6/6). Possui cerca de 10% de enp e classificação média. A secção dos elementos é de dimensão média, constituída por partículas de quartzo, micas e bastante calcário. A superfície foi alisada com aguada simples da cor da pasta. Diâmetro do bordo: 24 cm; espessura da parede: 0,46 cm.

Alc. Sant. 2016, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 10, n.º 6)

Tigela. Fragmento do bordo em bisel, de secção triangular voltado para o exterior e parede convexa. Decoração constituída por séries de 4 traços brancos sobre o bordo. Pasta de textura esponjosa, de cor alaranjada (Munsell 2.5YR 6/8). Possui cerca de 10% de enp e classificação média. A secção dos elementos é de dimensão média, constituída sobretudo por partículas de quartzo e micas. A superfície foi alisada com uma aguada forte de cor alaranjada (Munsell 2.5YR 6/8) no interior e mais escura no exterior (Munsell 2.5YR 6/8). Diâmetro do bordo: 18 cm; espessura da parede: 0,40 cm.

3. 2. 11. As taças (Fig. 8)

As taças têm menores dimensões, uma morfologia específica e teriam uma função semelhante às tigelas, podendo servir igualmente para levar condimentos à mesa. Não encontramos enquadramento nas tipologias usadas e são igualmente bastante raras no próprio conjunto estudado, registando-se apenas três exemplares representados na Fig. 8, n.ºs 2, 4 e 6.

Estes pequenos recipientes apresentam bordos de lábio em bisel ou de secção semi circular e as paredes convexas, por vezes com uma ligeira carena. A única decoração que ostentam (no caso do exemplar da Fig. 8, n.º 2) é a pintura branca, numa faixa sobre o bordo, possuindo na parte exterior da parede, muito fina, uma pequena ranhura. O fragmento da Fig. 8, n.º 4 apresenta vestígios de pintura a branco, mas que não permitem compreender qual o tipo de decoração que teria.

As superfícies foram alisadas com aguadas que se tornaram mais acastanhadas (Munsell 2.5YR 4/2), certamente devido à cozedura.

As pastas possuem texturas pouco esponjosas, de tonalidade alaranjada, apresentando bastantes enp de dimensão média.

Em Santarém, encontramos apenas três peças com estas características.

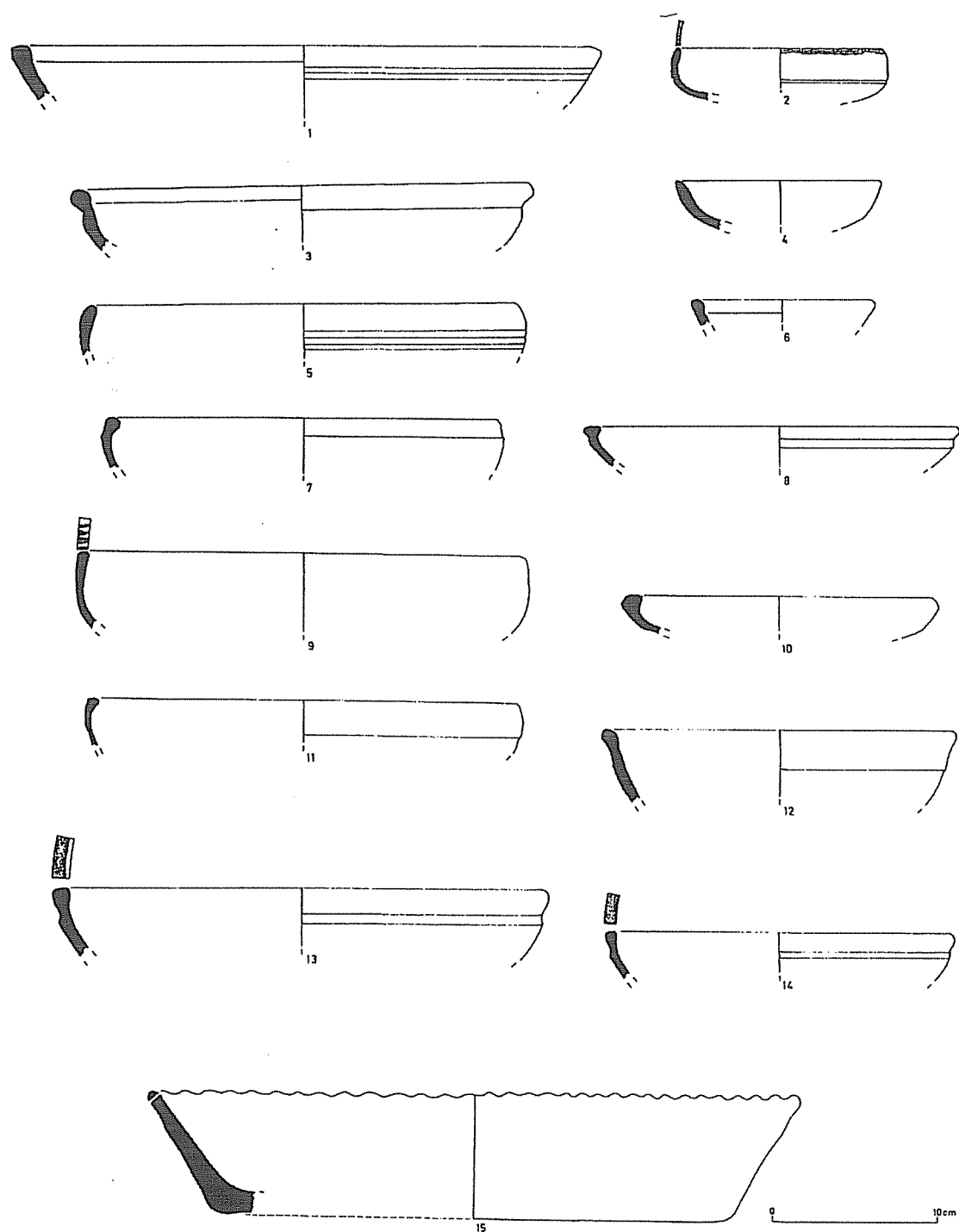


Fig. 8 1, 12, 13 e 15: caçoilas; 2, 4 e 6: taças; 3, 5, 9 e 11: grandes tigelas ou saladeiras; 8 e 10: pratos.

Catálogo

Alc. Sant. 2059, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 7, n.º 3)

Grande tigela ou saladeira. Quatro fragmentos (dois com colagem), do bordo em bisel de secção triangular ligeiramente espessado para o exterior, e parede convexa, com uma ligeira carena que apresenta, no exterior dois sulcos ligeiros. A pasta é pouco esponjosa, de cor esbranquiçada (Munsell 10 YR 8/2). Possui cerca de 20% de enp e classificação média. A secção dos elementos apresenta dimensão pequena e média. A superfície interna é vidrada de cor verde garrafa e o exterior verde garrafa e verde claro. Diâmetro do bordo: 29 cm; espessura da parede: 0,51 cm.

Alc. Sant. 2102, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 7, n.º 5)

Grande tigela ou saladeira. Fragmento do bordo em bisel, de secção triangular e espessado para o exterior e parede convexa. Pasta de textura pouco esponjosa de cor esbranquiçada (Munsell 5 YR 8/1). Possui cerca de 20% de enp, classificação boa e a secção dos elementos é de dimensão pequena e média. A superfície exterior possui vidrado verde claro e a interior e o topo do bordo são de cor verde garrafa. Diâmetro do bordo: 26 cm; espessura da parede: 0,68 cm.

Alc. Sant. 2060, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 7, n.º 7)

Grande tigela ou saladeira. Fragmento de bordo em bisel de secção triangular ligeiramente espessado para o exterior, e parede convexa, com uma ligeira carena. Apresenta um sulco exterior na parede entre o bordo e a carena. Pasta de textura pouco esponjosa, de cor esbranquiçada (Munsell 10 YR 8/3). Possui cerca de 20 % de enp, classificação média e a secção dos elementos é de dimensão pequena e média. A superfície interna e o topo do bordo são vidrados a verde garrafa e verde claro no exterior. Diâmetro do bordo: 26 cm; espessura da parede: 0,78 cm.

Alc. Sant. 2065, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 7, n.º 8)

Grande tigela ou saladeira. Fragmento da parede evasada e fundo em anel. Pasta de textura pouco esponjosa, de cor esbranquiçada rosada (com o cerne Munsell 2.5YR 8/3) e amarelado (Munsell 7.5YR 8/3)/ no exterior. Possui cerca de 20% de enp, classificação boa e a secção dos elementos é de dimensão pequena e média. Superfície vidrada a amarelo com manchas esverdeadas no interior e exterior. Diâmetro do fundo 10 cm; espessura da parede: 0,64 cm. Apresenta vestígios de uma trempe na superfície interna da base e sinais de exposição ao fogo.

Alc. Sant. 2068, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 7, n.º 9)

Fragmento de grande tigela ou saladeira. Fragmento de bordo em bisel, de secção triangular e espessado para o exterior e parede convexa. Pasta de textura pouco esponjosa, de cor esbranquiçada (Munsell 10 YR 8/4). Possui cerca de 20%, classificação média e a secção pequena e média. A superfície interna é vidrada amarelo torrado/melado no interior e melado mesclado de castanho no exterior. Diâmetro do bordo: 26 cm; espessura da parede: 0,53 cm.

Alc. Sant. 2064, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 7, n.º 10)

Grande tigela ou saladeira. Dois fragmentos com colagem do fundo em anel e parede convexa. Pasta de textura pouco esponjosa de cor bege (Munsell 10 YR 8/2). Possui cerca de 20% de enp, classificação boa e a secção dos elementos é de dimensão pequena e média. Superfície vidrada no exterior e interior excepto na superfície externa da base de cor amarelo esverdeado. Diâmetro do fundo: 12 cm; espessura da parede: 0,57 cm. Apresenta sinais de queimado na pasta.

Alc. Sant. 2069, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 7, n.º 12)

Fragmento de grande tigela ou saladeira. Dois fragmentos com colagem do fundo em anel com caneluras na superfície interna. Pasta pouco esponjosa, de cor esbranquiçada (Munsell 7.5 YR 8/2). Possui cerca de 20% enp, classificação

média e a secção dos elementos é de dimensão pequena e média. A superfície interna e externa é vidrada (excepto o exterior da base) de cor castanho amarelado e esverdeado e castanho no exterior. Diâmetro do fundo: 9,8 cm; espessura da parede: 0,62 cm. Apresenta a pasta por vezes cinzenta escura queimada.

Alc. Sant. 2070, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 7, n.º 13)

Grande tigela ou saladeira. Dois fragmentos com colagem da parede esvasada e fundo de anel. Pasta pouco esponjosa, de cor esbranquiçada (Munsell 10 YR 8/3). Possui cerca de 20 % de enp, classificação boa e a secção dos elementos é de dimensão pequena e média. A superfície é vidrada a verde escura no interior e amarela no exterior. Diâmetro do fundo: 10 cm; espessura da parede: 0,90 cm. Apresenta-se ligeiramente queimado na base.

Alc. Sant. 2066, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 7, n.º 15)

Grande tigela ou saladeira. Quatro fragmentos com colagem do fundo em anel e da parede convexa com carena. Entre o bordo e a carena, bastante acentuada, a parede deveria ser praticamente vertical. Pasta de textura pouco esponjosa, de cor esbranquiçada (Munsell 10 YR 8/3). Possui cerca de 20% de enp, classificação boa e a secção dos elementos é de dimensão pequena. A superfície interna e externa é vidrada (excepto exterior da base) de cor amarelada. Diâmetro do bordo: possivelmente cerca de 32 cm. Diâmetro do fundo: 13 cm; espessura da parede: 0,85 cm. Apresenta sinais de exposição ao fogo.

3. 2. 13. 2. Cerâmica comum

As grandes tigelas ou saladeiras de cerâmica comum apresentam uma variedade bastante assinalável, quer em termos morfológicos quer no tipo de acabamento que as superfícies receberam. Assim, temos um conjunto de recipientes que apresenta o bordo de lábio de secção semicircular (Fig. 8, n.º 9), por vezes espessado e exvertido (Fig. 8, n.º 3). Em outros exemplares, o bordo encontra-se curvado para o interior, com maior ou menor incidência (Fig. 8, n.ºs 5 e 11, Fig. 9, n.ºs 3, 5, 7 e 8). De uma maneira geral, as paredes são convexas e o fundo é aplanado.

Quanto ao tratamento das superfícies internas, verifica-se, na maioria dos casos, um simples alisamento com aguada de cor semelhante à pasta, de tonalidades laranja avermelhadas (Munsell 2.5 YR 4/8). No entanto, em alguns casos (Fig. 9, n.º 7) a superfície interna da tigela recebeu uma aguada forte ou engobe mais avermelhado (Munsell 10 R 4/8), que foi posteriormente brunido do centro para a periferia. Este tipo de acabamento, além de facilitar a remoção dos restos alimentares, fornece uma melhor impermeabilização das peças. O facto de não se encontrarem muitos exemplares destes recipientes com brunido interno poderá dever-se à dimensão dos fragmentos que, muitas vezes, não atingem a base da tigela, a área que é, normalmente, objecto deste tipo de acabamento.

Algumas destas grandes tigelas ou saladeiras apresentam uma decoração simples, constituída por séries de quatro ou mais traços pintados de branco sobre o bordo. Por vezes, as superfícies externas destas peças têm ainda um ou mais sulcos na parte exterior das carenas, ou diferenciando o final do bordo do início da parede convexa.

Os dois fundos apresentados parecem pertencer a grandes tigelas ou saladeiras (Fig. 10, n.ºs 9 e 10). Registam decoração a traço branco, e num dos casos (Fig. 10, n.º 10) esta decoração sobrepõe-se ao brunido que acabámos de caracterizar embora, aqui as tonalidades sejam de cor acastanhada (Munsell 5 YR 4/2). Os motivos decorativos são geométricos, com uma série de linhas paralelas seguidas por outras onduladas (Fig. 10, n.º 9) e circulares (Fig. 10, n.º 10).

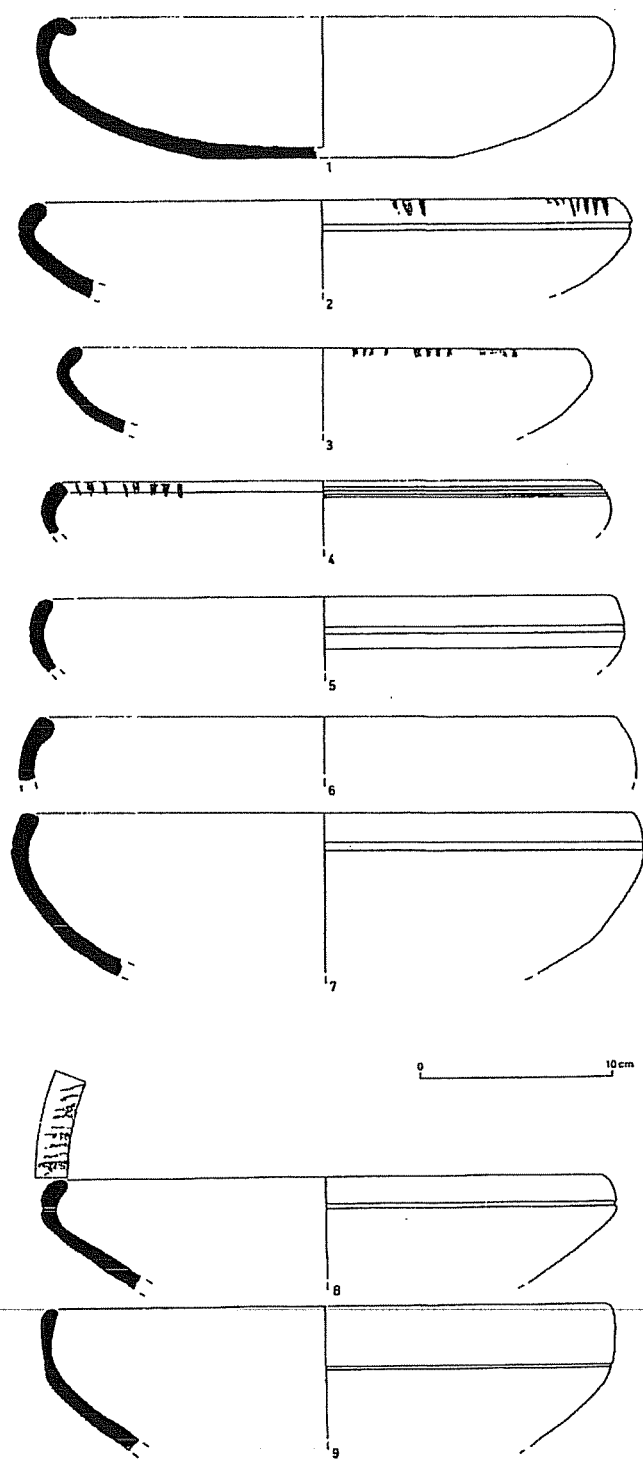


Fig. 9 1, 2, 4, 6, e 9: caçoilas; 3-5, 7 e 8: grandes tigelas ou saladeiras.

De uma forma geral, as pastas são de tonalidades alaranjada (Munsell 2.5 YR 5/6) e acastanhada, embora em alguns casos também possa surgir de cor acinzentada (Munsell 2.5 Y 5/1), textura esponjosa, sendo a presença de enp cerca de 20 a 30%. A classificação é média e a secção dos elementos é, na quase totalidade dos casos, de dimensão média. Na sua grande maioria, as partículas são constituídas por quartzo e micas com a presença de algum calcário.

Encontramos, na camada 6 do Castelo de Salir (Catarino, 1991, p. 35 e 38), tigelas ou malgas semelhantes às de Santarém. O exemplar da Fig. 8 n.º 5 encontra paralelo na Fig. 8, n.º 9 de Santarém, apesar de o nosso exemplar apresentar decoração no bordo que não sucede em Salir. Também a peça da Fig. 10, n.º 9, embora neste caso o fragmento de Santarém apresente apenas semelhanças formais pois por possuir sinais de ter sido exposta ao fogo, considerámo-la como caçoila. A forma da malga presente em Salir é representada na Fig. 8 n.º 6 encontra igualmente grandes semelhanças formais com as da nossa Fig. 10 (n.ºs 1-7), embora na Alcáçova de Santarém, a maioria destes recipientes tenha servido para cozinhar, ou quando tal não sucede, apresentam um diâmetro de bordo inferior ao de Salir. Os materiais do Castelo de Salir, camada 6, estão datados dos século XI-XII.

As cerâmicas encontradas no Castelo de Palmela (Fernandes e Carvalho, 1993, p. 53 e 54), mais concretamente as grandes taças da camada 6 da Galeria 4, datadas do período das taifas e Almorávida, apresentam grandes semelhanças com grandes tigelas ou saladeiras da Alcáçova de Santarém. De facto, as taças representadas nos n.ºs 122 e 123 têm formas quase idênticas às de algumas caçoilas de Santarém (Fig. 10, n.ºs 1 e 4), apresentando um dos exemplares de Palmela igualmente sinais de exposição ao fogo (n.º 123). A taça n.º 124 de Palmela apresenta semelhanças muito consideráveis com caçoilas e saladeiras da Alcáçova de Santarém, não só na forma, mas também no tipo de decoração.

Os pratos e malgas não vidrados do tipo I de Vale do Boto (Castro Marim) e do Castelo Velho de Alcoutim (Catarino, 1988, p. 131) têm semelhanças formais e ao nível do tratamento das superfícies, com brunidos e espatulados na superfície interna das peças, com os exemplares de Santarém, concretamente as caçoilas da Fig. 10, n.ºs 1-4. O tipo V, na sua variante C, apresenta também similitudes com as peças de Santarém.

Catálogo

Alc. Sant. 2012, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 8, n.º 3)

Grande tigela ou saladeira. Fragmento do bordo de lábio de secção semi circular e parede convexa. Apresenta um sulco no lado exterior da parede que diferencia o bordo da parede. Pasta de textura esponjosa de cor bege acinzentada (Munsell 2.5YR 6/1). Apresenta cerca de 20% de enp, classificação média, sendo a secção dos elementos de dimensão média e grande, sendo os elementos constituídos por quartzo e micas. A superfície foi alisada com aguada da mesma cor que a pasta. Diâmetro do bordo: 28 cm; espessura da parede: 0,78 cm.

Alc. Sant. 2017, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 8, n.º 5)

Grande tigela ou saladeira. Fragmento de bordo de lábio de secção semicircular, voltado para o interior e parede convexa. Apresenta um série de caneluras no exterior da parede. A pasta é de textura esponjosa, de cor alaranjada (Munsell 2.5 YR 5/6). Possui cerca de 20 % de enp, classificação média e a secção do elementos é de dimensão médio, sendo constituídos sobretudo por quartzos e micas. A superfície foi alisada com uma aguada forte ou engobe mais avermelhado (Munsell 2. 5 YR 4/6). Diâmetro do bordo: 27 cm; espessura da parede: 0,67 cm.

Alc. Sant. 2010, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 8, n.º 9)

Grande tigela ou saladeira. Fragmento do bordo de secção semi circular parede convexa com uma ligeira carena. Apresenta decoração de uma série de pelo menos três traços pintados a branco sobre o topo do bordo. A pasta é de textura muito esponjosa, de cor de laranja avermelhado (Munsell 2.5 YR 4/8). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média, sendo constituídos essencialmente por quartzos e micas. A superfície foi alisada com uma aguada forte ou engobe da cor da pasta. Diâmetro do bordo: 27 cm; espessura da parede: 0,50 cm.

Alc. Sant. 1942, Corte 2, K 9, Fossa 3 (Fig. 8, n.º 11)

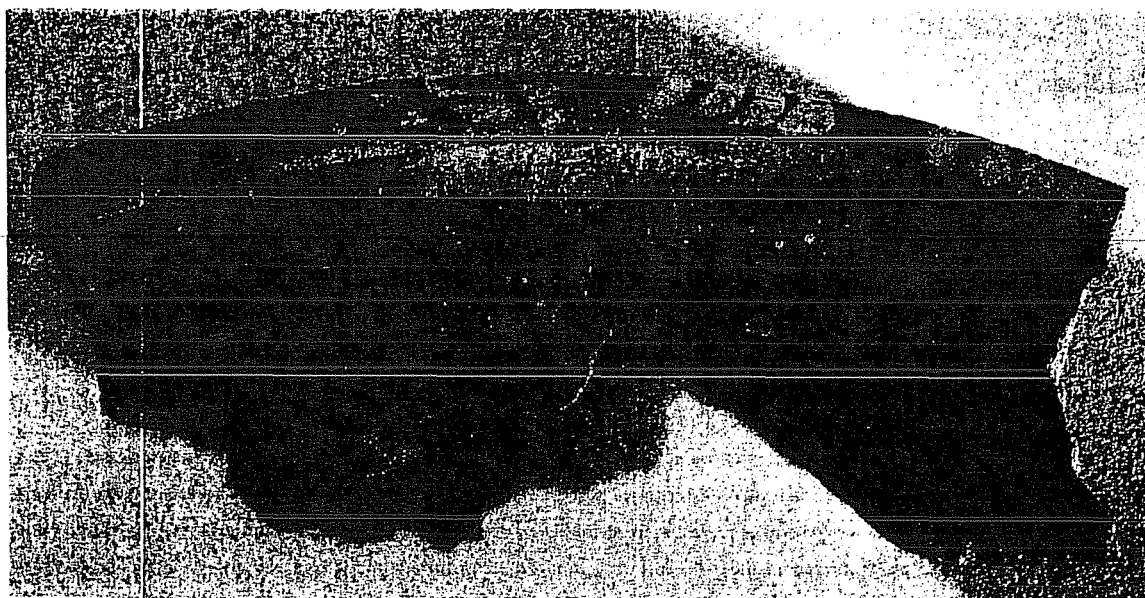
Grande tigela ou saladeira. Fragmento do bordo de secção triangular, exvertido e aplanado no topo, e parede convexa. Pasta de textura esponjosa de cor alaranjada (Munsell 2.5YR 5/6). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média. As superfícies interna e externa apresentam uma aguada da mesma cor que a pasta. Diâmetro do bordo: 26, 8 cm; espessura da parede: 0,38 cm.

Alc. Sant. 1999, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 9, n.º 3)

Grande tigela ou saladeira. Três fragmento com colagem do bordo de lábio de secção semi circular voltado sobre o interior e parede convexa. Apresentam decoração de três séries de quatro traços a branco sobre o bordo. A pasta é muito esponjosa, de cor cinzenta clara (Munsell 2.5Y 5/1). Possui cerca de 20 % de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média, sendo constituídos por poucos quartzos e raras micas. A superfície foi alisada com aguada acinzentada (Munsell 2.5 YR 5/1) e apresenta manchas da cozedura. Diâmetro do bordo: 28 cm; espessura da parede: 0,58 cm.

Alc. Sant. 2007, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 9, n.º 4)

Grande tigela ou saladeira. Dois fragmentos com colagem do bordo de lábio de secção semi circular voltado sobre o interior, com a parte superior ligeiramente aplanada e parede convexa. Apresenta decoração de uma série de sete traços pintados a branco sobre o bordo, e três pequenos sulcos na parte exterior da parede. A pasta é de textura esponjosa de cor alaranjada (Munsell 2.5. YR 6/8). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp de dimensão média sendo constituídos por quartzos e micas. A superfície foi alisada com aguada da cor da pasta. Diâmetro do bordo: 28 cm; espessura da parede: 0,46 cm.



Fot. 11 Grande tigela ou saladeira n.º 1999 (Fig. 9, n.º 3). Foto de Victor S. Gonçalves.

Alc. Sant. 2006, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 9, n.º 5)

Grande tigela ou saladeira. Fragmento de bordo de lábio de secção semicircular, voltado para o interior e parede convexa. Apresenta duas caneluras no exterior da parede. Pasta de textura muito esponjosa, de cor de laranja (Munsell 2.5 YR 5/8). Possui cerca de 10 % de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média sendo os enp constituídos por quartzos e micas. A superfície foi alisada com uma aguada forte ou engobe de cor acinzentada (Munsell 7.5 YR 4/1). Diâmetro do bordo: 30 cm; espessura da parede: 0,50 cm.

Alc. Sant. 2000, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 9, n.º 7)

Grande tigela ou saladeira. Fragmento do bordo de secção semi circular ligeiramente aplanado no topo e levemente voltado sobre o interior e parede convexa. Apresenta um sulco no exterior que marca o final do bordo e início da parede. Pasta de textura esponjosa de cor bege (Munsell 5YR 7/6) e alaranjada (Munsell 5YR 5/8). Possui cerca de 20 % de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média sendo constituídos por quartzos e micas. A superfície foi alisada uma com aguada forte ou engobe mais avermelhado (Munsell 10R 4/8) no fundo e parede do interior para o exterior e no topo do bordo. Diâmetro do bordo: 33 cm; espessura da parede: 0,84 cm.

Alc. Sant. 2004, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 9, n.º 8)

Grande tigela ou saladeira. Dois fragmentos sem colagem do bordo de lábio de secção semi circular voltado sobre o interior e parede convexa. Apresenta séries de nove ou dez traços pintados a branco sobre o bordo e no exterior apresenta um pequeno sulco. Pasta de textura esponjosa, de cor alaranjada (Munsell 2.5YR 5/6). Possui cerca de 20% de enp, média e a secção dos enp é de dimensão média, sendo constituídos sobretudo por quartzos e micas. A superfície interior foi apenas alisada com uma aguada mais avermelhada (Munsell 10R 5/8). A aguada, de cor mais avermelhada (Munsell 10R 5/8), ainda cobre parte da parede exterior. Diâmetro do bordo: 30 cm; espessura da parede: 0,69 cm.

Alc. Sant. 2002, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 10, n.º 9)

Grande tigela ou saladeira. Fragmento do fundo plano com decoração pintada a branco no centro do fundo, formada por uma série de quatro traços paralelos, pintados a branco seguidos de outros ondulados. Pasta de textura esponjosa, de cor alaranjada (Munsell 2.5 YR 6/8). Possui cerca de 20%, classificação média e a secção dos enp de dimensão constituídos sobretudo por quartzo e micas. A superfície interna foi alisada com uma aguada forte acastanhada (Munsell 5YR 4/2) depois brunida do interior para o exterior. Diâmetro do fundo: 20 cm; espessura da parede: 0,61 cm.

Alc. Sant. 2019, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 10, n.º 10)

Grande tigela ou saladeira. Fragmento do fundo plano com decoração pintada a branco constituída por séries de círculos que se sobrepõem parcialmente. Pasta de textura esponjosa, de cor alaranjada (Munsell 5YR 5/8). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão. A superfície interior é alisada com uma aguada simples alaranjada (Munsell 5YR 6/8). Diâmetro do fundo: 10 cm; espessura da parede: 0,70 cm.

3. 2. 14. Caçoilas (Fig. 7, 8, 9 e 10)

As caçoilas, apesar de apresentarem formas semelhantes às das grandes tigelas ou saladeiras, possuem como traço distintivo essencial os sinais de utilização ao fogo e teriam uma utilização culinária, podendo também surgir com as superfícies vidradas. É frequente terem um formato de bordo preparado para receber uma tampa. Nos exemplares vidrados, as asas podem ser duas ou quatro. Podem enquadrar-se no Grupo *Cazuela* de Rosselló-Bordoy (1991, p. 169) e na forma n.º 19 de Bazzana (1979, p. 160).

As caçoilas totalizam 51 exemplares, sendo alvo de descrição e desenho 17.

3. 2. 14. 1. Vidradas

As caçoilas vidradas possuem ou bordos de lábio de perfil semi circular com aba exterior para receber um testo (Fig. 7, n.º 1) ou ligeiramente espessado exteriormente (Fig. 7, n.º 2). As suas paredes são quase verticais, carenadas e o fundo seria possivelmente abaulado. Apresentam asas de orelha de secção ovalada, que partem do bordo ligando-se ao corpo na área da carena.

As superfícies internas e o topo do bordo são totalmente vidrados a castanho amarelado, apresentando o exterior apenas alguns pingos ou escorrimentos.

As pastas destas caçoilas são alaranjadas (Munsell 2.5YR 6/8), bastante esponjosas, com enp constituídos, sobretudo, por quartzos e micas de dimensão média. Um dos exemplares apresenta sinais de fogo (Fig. 7, n.º 2).

Catálogo

Alc. Sant. 2061, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 7, n.º 1)

Caçoila. Fragmento de bordo de lábio de secção semi circular com aba exterior para receber um testo, parede com carena acentuada e fundo convexo. Apresenta uma asa em orelha de perfil ovalado que parte da aba exterior e assenta na parte inferior da carena. Pasta de textura esponjosa, de cor alaranjada (Munsell 2.5YR 6/8). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média. A superfície é vidrada amarelo acastanhado no interior e no topo do bordo com manchas esverdeadas e simplesmente alisada no exterior com pingos de vidrado esverdeado. Diâmetro do bordo: 24 cm; espessura da parede: 0,63 cm. Na superfície externa apresenta sinais de uma trempe.

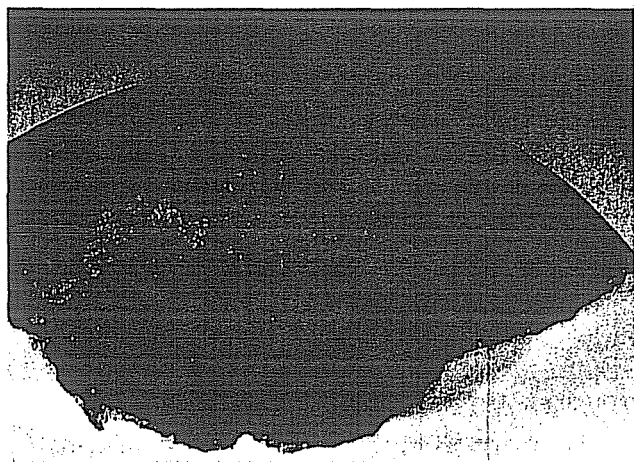
Alc. Sant. 2067, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 7, n.º 2)

Caçoila. Fragmento de bordo de lábio de secção quadrangular, ligeiramente espessado sobre o exterior parede vertical com carena. Apresenta uma asa em orelha de perfil ovalado que arranca da parte inferior do bordo e assenta na carena. Pasta de textura esponjosa, de cor alaranjada (Munsell 2.5YR 6/6). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média sendo constituídos por quartzos e micas. A superfície interna, o topo do bordo e da asa e parte do exterior da parede são vidrados com castanho amarelado. Diâmetro do bordo: 24 cm; espessura da parede: 0,62 cm. Apresenta sinais de utilização ao fogo.

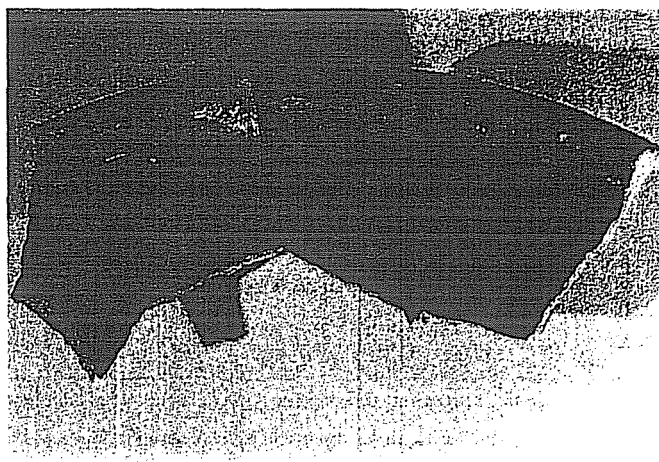
3. 2. 14. 2. Cerâmica comum

No grupo das caçoilas de cerâmica comum registamos uma grande variedade de formas e tipos de acabamento das superfícies, em grande parte semelhante às das grandes tigelas e saladeiras. Alguns exemplares apresentam bordos de lábio de secção semicircular (Fig. 8, n.ºs 1 e 12 e Fig. 9, n.º 9), com paredes que apresentam ou uma ligeira carena, ou são simplesmente convexas, com fundo aplanado. Por vezes os bordos são de perfil triangular, em bisel, voltados para o exterior, sendo as paredes convexas e os fundos planos (Fig. 10, n.ºs 1, 2, 3, 4, 5, e 7). Exemplar único é a caçoila representada na Fig. 11, n.º 8, que tem bordo de secção semicircular em aba curva virada sobre o interior para receber um testo ou tampa, e parede vertical.

Tal como sucede com as grandes tigelas ou saladeiras, as superfícies destes recipientes podem ser simplesmente alisadas (Fig. 8, n.º 1, Fig. 9, n.º 1, Fig. 10, n.ºs 5 e 8) ou serem alisadas



Fot. 12 Caçoila n.º 1996 (Fig. 9, n.º 1). Foto de Victor S. Gonçalves.



Fot. 13 Caçoila n.º 1995 (Fig. 10, n.º 3). Foto de Victor S. Gonçalves.

com aguadas fortes ou engobes e de seguida brunidas do centro da base para a periferia o que produz um efeito radial (Fig. 10, n.ºs 1, 2, 3, 4, e 7). O exemplar da Fig. 9, n.º 6 apresenta a aguada forte ou engobe avermelhado brunido no topo do bordo, sendo de supor que o fundo também teria este tratamento, o que não nos é possível assegurar, dada a dimensão do fragmento. As colorações das superfícies podem ser cinzentas escuras acastanhadas (Munsell 5YR 2.5/1), ou avermelhadas (Munsell 10YR 4/8).

Algumas caçoilas exibem decoração pintada a branco no bordo, sob a forma de séries de traços (Fig. 9, n.º 2 e Fig. 10, n.º 4). Igualmente se regista a presença de sulcos na parede exterior, quer na ligeira carena que apresentam, quer diferenciando o bordo do início da parede, como é o caso dos exemplares da Fig. 9, n.º 2 e da Fig. 10, n.ºs 1, 2, 4, 5 e 8.

As pastas possuem texturas bastante esponjosas com enp constituídos sobretudo por quartzos e micas de secção de dimensão média. São de diversas tonalidades desde as alaranjadas (Munsell 2.5YR 6/8) até às cinzentas escuras acastanhadas (Munsell 7.5YR 4/3).

Considerámos, embora com bastantes reservas, o recipiente da Fig. 8, n.º 15 como sendo uma caçoila, por apresentar, na sua superfície externa, sinais de exposição ao fogo. De facto, esta peça, única no conjunto do Corte 2 da Alcáçova de Santarém, apresenta o bordo de secção semi-circular com decoração ondulada, a parede troncocónica e o fundo plano, o que a poderia relacionar igualmente com as formas abertas dos alguidares. A inexistência de qualquer tratamento da superfície no interior, que foi apenas alisado, parece, no entanto, excluir esta hipótese. A espessura das paredes permite pensar que esta peça é um braseiro. A sua forma poderia estar assim explicada, concorrendo a favor desta atribuição a espessura das paredes, os sinais de fogo em ambas as superfícies e a inexistência de tratamento da superfície interna.

Catálogo

Alc. Sant. 2015, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 8, n.º 1)

Caçoila. Fragmento do bordo de secção quadrangular arredondado e parede espessa convexa. Pasta de textura esponjosa, de cor rosada acastanhada (Munsell 2.5YR 5/4). Possui cerca de 20 % de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média e é constituído sobretudo por quartzos e micas. A superfície foi alisada com uma aguada simples de cor acastanhada no interior (Munsell 5YR 5/4) e cinzenta escura no exterior (Munsell 5YR 5/1). Diâmetro do bordo: 36 cm; espessura da parede: 0,89 cm. Apresenta sinais de queimado no exterior de ter ido ao lume.

Alc. Sant. 1955, Corte 2, K 9, Fossa 2 (Fig. 8, n.º 12)

Caçoila. Fragmento de bordo de lábio de secção semi circular e parede convexa. A separação entre o bordo e a parede faz-se por uma canelura na superfície exterior da parede. Pasta de textura esponjosa, de cor acastanhada e acinzentada escura (Munsell 7.5YR 4/1). Possui cerca de 20 % de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média, sendo constituídos sobretudo por quartzos e algumas micas. A superfície interna e externa foi simplesmente alisada e apresenta a mesma coloração que a pasta e zonas mais claras acastanhadas (Munsell 7.5YR 5/4). Diâmetro do bordo: 15,2 cm; espessura da parede: 0,59 cm.

Alc. Sant. 1954, Corte 2, K 9, Fossa 1 (Fig. 8, n.º 13)

Caçoila. Fragmento de bordo de lábio de secção semi circular e parede convexa. Possui uma canelura que faz a separação entre o bordo e o início da parede convexa. Apresenta sinais de decoração pintada sob a forma de uma faixa branco topo do bordo. Pasta de textura esponjosa de cor castanha alaranjada (Munsell 2.5YR 5/4). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média. A superfície foi alisada com uma aguada da cor da pasta. Diâmetro do bordo: 30,4 cm; espessura da parede: 0,70 cm.

Alc. Sant. 1956, Corte 2, J 9, Fossa 6 (Fig. 8, n.º 15)

Possível caçoila (?). Fragmento que permite a reconstituição total com bordo de lábio de secção semi circular com decoração ondulada no topo do bordo, parede envasada e base plana. Pasta de textura esponjosa, de cor cinzenta (Munsell 10R 5/1) no cerne e exterior acastanhado (Munsell 10R 4/2). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média, sendo os enp constituídos sobretudo por quartzos e algumas micas. A superfície é bastante irregular, tendo sido alisada com uma aguada que possui as cores da pasta e castanho um pouco mais claro (Munsell 7.5YR 6/4). Diâmetro do bordo: 28 cm. Diâmetro da base: 22 cm; altura: 8 cm; espessura da parede: 1,12 cm.

Alc. Sant. 1996, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 9, n.º 1)

Caçoila. Quatro fragmentos com colagem que permitem a reconstituição total com bordo de secção semi circular voltado para o interior, parede convexa e fundo plano. Pasta de textura esponjosa, de cor cinzenta acastanhada (Munsell 5YR 2.5/1). Possui cerca de 20 % de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média sendo constituídos por quartzos e micas. A superfície foi simplesmente alisada e apresenta a mesma coloração que a pasta. Diâmetro do bordo: 32 cm; diâmetro do fundo: 12,8 cm; altura: 7,2 cm; espessura da parede: 0,77.

Alc. Sant. 2013, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 9, n.º 2)

Caçoila. Dois fragmentos com colagem do bordo de lábio de secção semi circular voltado sobre o interior e parede convexa. Apresenta decoração de séries de 8 traços brancos pintados sobre o bordo e um sulco na parede. Pasta de textura esponjosa, de cor cinza. esc. acastanhado (Munsell 7.5YR 4/3). Possui cerca de 10% de enp, classificação média e os enp de secção de dimensão média são constituídos por quartzo, micas e algum calcário. Superfície interna simplesmente alisada com aguada com traços do torno de cor cinzenta escura (Munsell 2.5Y 3/1). Diâmetro do bordo: 32 cm; espessura da parede: 0,90 cm. A cor cinzenta escura deve-se à cozedura, mas também ao contacto com o fogo.

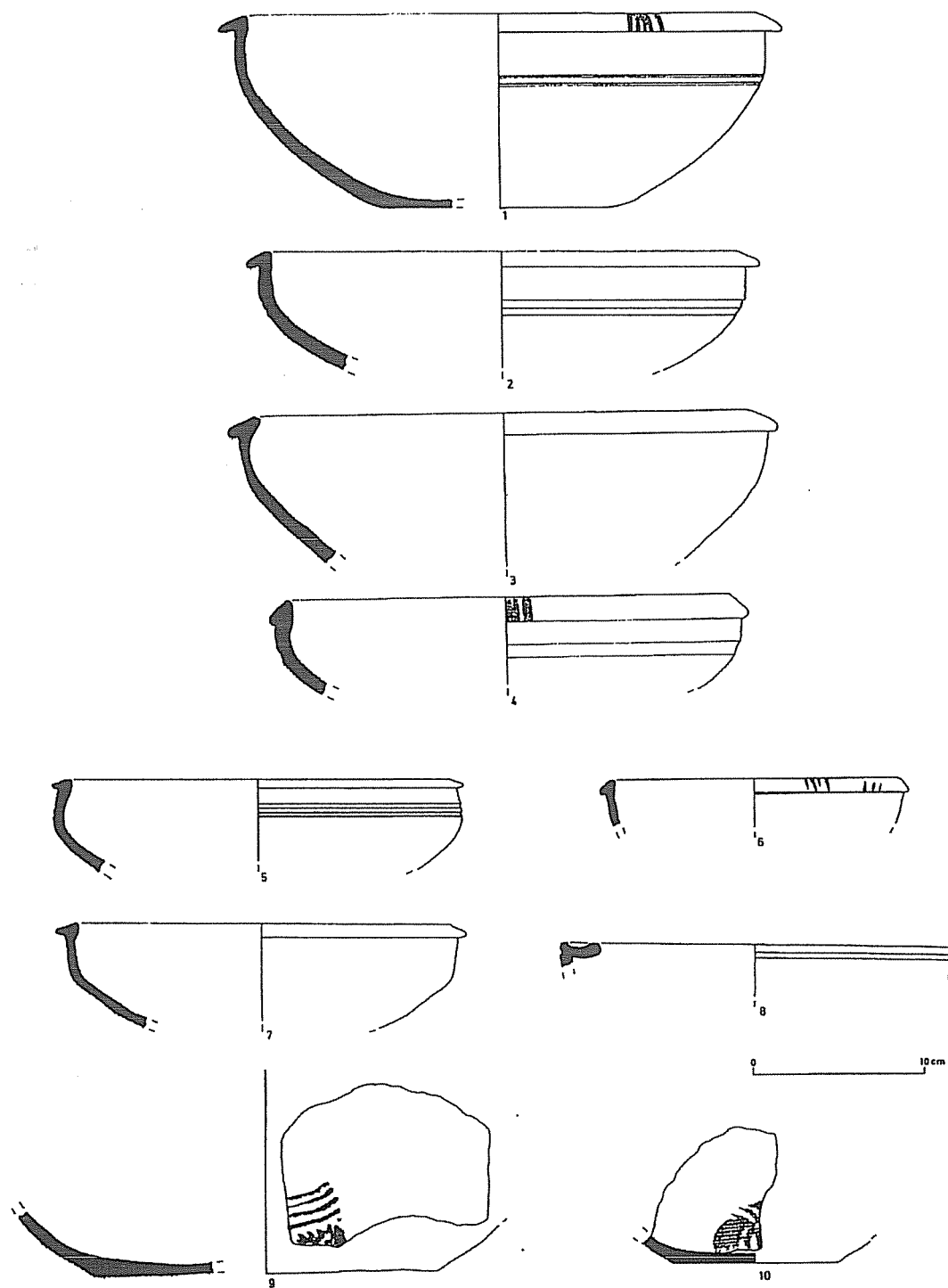


Fig. 10 1-5, 7 e 8: caçoilas; 6: tigela; 9 e 10: grandes tigelas ou saladeiras.

Alc. Sant. 2008, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 9, n.º 6)

Caçoila. Fragmento do bordo de lábio com o topo aplanado e parede convexa. Pasta de textura esponjosa, de cor castanha acinzentada (Munsell 7.5YR 4/2). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média e constituídos sobretudo por quartzo e micas. A superfície é de cor cinzenta escura e acastanhada (Munsell 7.5YR 5/4), alisada com aguada simples e o topo do bordo encontra-se brunida. Diâmetro do bordo: 30 cm; espessura da parede: 0,71 cm. Apresenta sinais de queimado no exterior.

Alc. Sant. 1994, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 9, n.º 9)

Caçoila. Dois fragmentos com colagem de bordo de lábio de secção semi circular e parede convexa com carena. Apresenta um sulco ligeiro na parede exterior, na zona da carena. Pasta de textura esponjosa, de cor laranja acastanhada (Munsell 2.5YR 6/6). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média e constituídos sobretudo por quartzo e micas. A superfície interna foi alisada com uma aguada forte ou engobe (de cor mais acinzentada/acastanhada (Munsell 2.5YR 3/1) e castanha (Munsell 2.5YR 4/4) e brunida do interior para o exterior. Diâmetro do bordo: 30 cm; espessura da parede: 0,84 cm. Apresenta sinais de fogo no exterior.

Alc. Sant. 2001, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 10, n.º 1)

Caçoila. Quatro fragmentos (três com colagem) que permitem ver a quase totalidade da forma. Bordo de secção triangular voltado para o exterior, parede convexa e fundo plano. Apresenta como decoração séries de pelo menos cinco traços a branco no topo do bordo. Pasta de textura esponjosa de cor avermelhada (Munsell 10YR 5/6) avermelhado com cerne acastanhado. Possui cerca de 20 % de enp, classificação média e a secção é de dimensão média predominando os quartzos e as micas. A superfície foi alisada com uma aguada forte ou engobe avermelhado (Munsell 10YR 4/8) e quase preto 10YR 2.5/1, e brunido do centro para a periferia. Diâmetro do bordo: 33 cm; diâmetro do fundo: 14 cm; altura: 11,6 cm e espessura da parede: 0,73 cm. Apresenta sinais de utilização ao fogo.

Alc. Sant. 2014, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 10, n.º 2)

Caçoila. Fragmento do bordo de secção triangular voltado para o exterior e parede convexa. Pasta de textura esponjosa, castanha escura (Munsell 2.5YR 3/1). Possui cerca de 20 % de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média composto sobretudo por quartzo, micas e algum calcário. O topo do bordo e superfície interna com aguada forte ou engobe da cor da pasta e negro, brunida do centro para a periferia. Diâmetro do bordo: 30 cm; espessura da parede: 0,91 cm. Escuro da cozedura mas parece também ter ido ao lume.

Alc. Sant. 1995, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 10, n.º 3)

Caçoila. Dois fragmento do bordo de lábio em bisel, de secção triangular e parede convexa com carena. Pasta de textura esponjosa, de cor laranja acastanhada (Munsell 2.5YR 6/6). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média e são constituídos sobretudo por quartzo e micas. A superfície interna foi alisada com uma aguada forte ou engobe de cor mais acastanhada (Munsell 2.5YR 3/1) e brunida do centro para a periferia. Diâmetro do bordo: 30 cm; espessura da parede: 0,86 cm. Apresenta sinais de fogo no exterior.

Alc. Sant. 2011, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 10, n.º 4)

Caçoila. Dois fragmentos com colagem do bordo de secção triangular, voltado para o exterior e parede convexa. Apresenta uma série de traços pintados a branco sobre o bordo. Pasta de textura esponjosa de cor rosada (Munsell 10YR 6/6). Possui cerca de 30 % de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média constituídos sobretudo por quartzos e micas. A superfície interior e o topo do bordo foram revestidos com aguada forte ou engobe avermelhado (Munsell 10YR 4/8) e brunido do centro para a periferia. Diâmetro do bordo: 28 cm; espessura da parede: 0,78 cm. Apresenta sinais de exposição ao fogo no exterior.

Alc. Sant. 2009, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 10, n.º 5)

Caçoila. Dois fragmentos sem colagem do bordo em bisel de secção triangular voltado para o exterior e parede convexa. Pasta de textura esponjosa de cor preta. Possui cerca de 30%, classificação média e a secção é de dimensão média. A superfície é de cor preta e foi alisada. Diâmetro do bordo: 24 cm; espessura da parede: 0,70 cm. Encontra-se muito queimado da cozedura mas também de ter sido exposto ao fogo.

Alc. Sant. 1997, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 10, n.º 7)

Caçoila. Fragmento do bordo em bisel, de secção triangular, voltado para o exterior e parede convexa. Apresenta séries de 8 traços brancos sobre o bordo. Pasta de textura esponjosa de cor alaranjada (Munsell 2.5YR 5/8). Possui cerca de 20%, classificação média. O interior e o topo do bordo foram alisados com aguada forte ou engobe acastanhada (Munsell 2.5YR 4/4) e brunidos do centro para a periferia. Diâmetro do bordo: 24 cm; espessura da parede: 0,60 cm. Apresenta sinais de exposição ao fogo.

Alc. Sant. 2033, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 10, n.º 8)

Caçoila. Fragmento do bordo de secção semi circular em aba e virado sobre o interior preparado para receber um testo e parede quase vertical. Pasta de textura esponjosa cinzenta escura (Munsell 7.5YR 4/1). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média. A superfície foi alisada, cor cinzenta muito escura (Munsell 7.5YR 2.5/1). Diâmetro interno do bordo: 18 cm; espessura da parede: 0,70 cm. Apresenta-se muito queimado de ter sido exposto ao fogo.

3. 2. 15. As panelas (Figs. 5, 11 e 12 e Foto 14)

Constituindo de longe a forma mais representada em Santarém, pudemos identificar um total de cento e cinquenta e cinco fragmentos de panelas, sendo o nosso catálogo composto por trinta e uma destas peças, das quais uma é vidrada.

As panelas eram recipientes que serviam para a cozedura de alimentos. Podendo apresentar alguma variedade no tipo de bordo e colo, geralmente possuem o corpo globular ou bitroncocónico, o fundo plano ou ligeiramente convexo e duas asas opostas.

Esta forma integra-se no grupo *marmitta* de Rosselló-Bordoy (1991, p. 168), sendo os exemplares que mais se assemelham com a generalidade das formas de que dispomos os representados nos n.ºs 77 e 80, e tipo 5 *olla* de Bazzana (1978, p. 154, Fig. 5, n.º 3).

3. 2. 15. 1. Vidrada

Em Santarém, existe uma única panela vidrada (Fig. 12, n.º 5). Trata-se de um exemplar de bordo de secção triangular, espessado e exvertido, colo alto, troncocónico e início de corpo globular, que se diferencia do colo através de uma canelura. Este bordo apresenta um ressalto no interior, que servia certamente para receber uma tampa.

A superfície interna foi vidrada com um tom amarelado (melado) uniforme. O exterior foi simplesmente alisado e a parte superior do bordo apresenta sinais de desgaste.

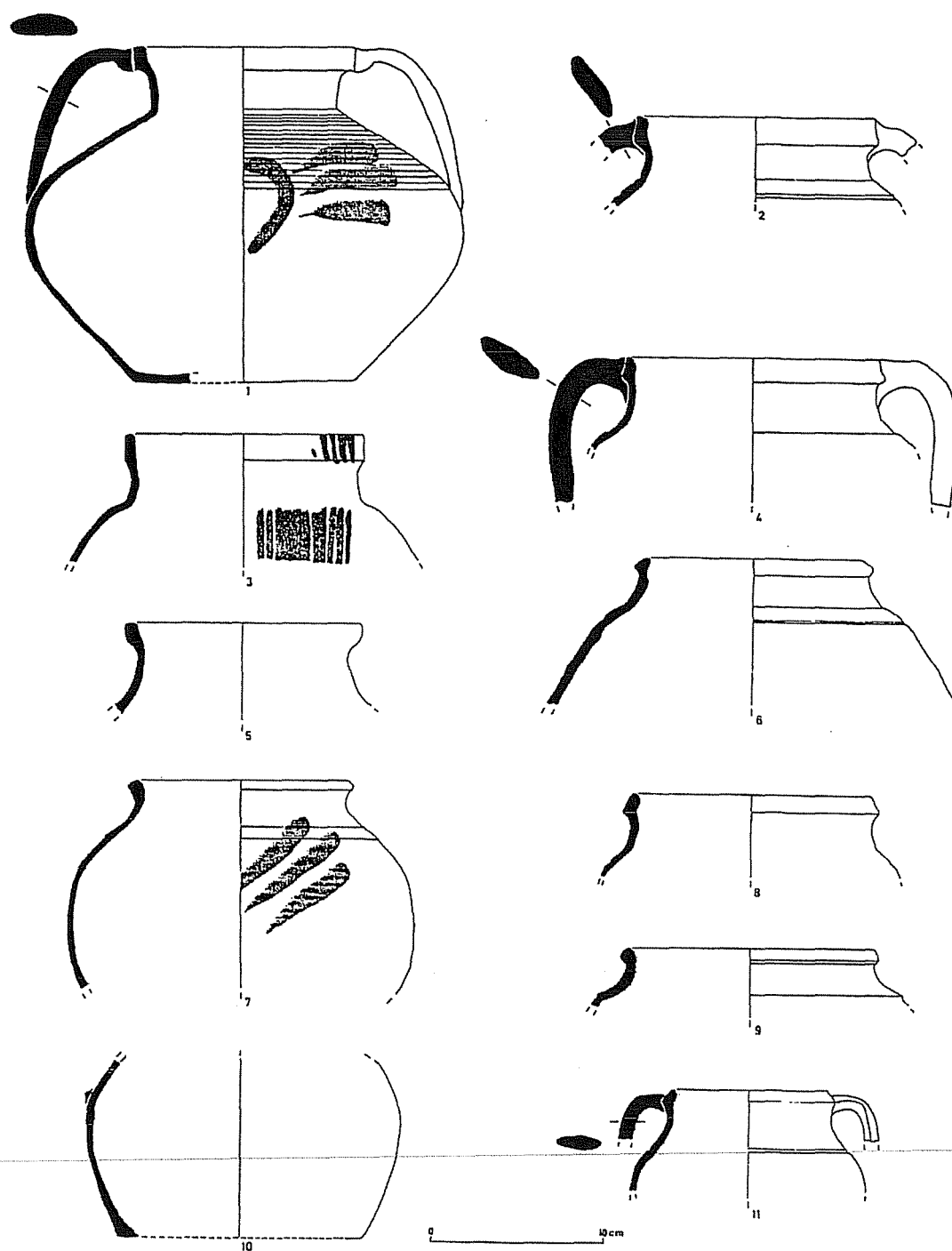


Fig. 11 Panelas.

Catálogo

Alc. Sant. 2104, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 12, n.º 5)

Panela. Fragmento de bordo de secção triangular, espessado e exvertido, colo alto diferenciado e troncocónico e início do corpo globular que se separa do colo através de uma canelura. Esta forma de bordo apresenta um ressalto no interior que servia certamente para receber uma tampa, encontrando-se o topo do bordo com a superfície desgastada. Pasta de textura bastante esponjosa de cor alaranjada acastanhada (Munsell 2.5YR 5/6). Possui uma quantidade considerável de enp de dimensão média e pequena.

A superfície interna foi vidrada com um tom amarelado (melado) uniforme. O exterior foi simplesmente alisado e apresenta a mesma coloração que a pasta. Diâmetro do bordo: 13 cm; espessura da parede: 0,44 cm.

3. 2. 15. 2. Cerâmica comum

Na Alcáçova de Santarém, as panelas oferecem uma diversidade formal considerável. Assim, puderam identificar-se um conjunto destes recipientes (Grupo I) que se caracteriza por bordos de perfil quadrangular mais ou menos espessado (Fig. 11, n.ºs 1 e 3) e ligeiramente biselado (Fig. 11, n.ºs 2, 4, 6 e 11), ou semicirculares (Fig. 11, n.ºs 8 e 10), sendo os colos, pouco diferenciados, estrangulados e curtos e os corpos bitroncocónicos no caso da única panela deste grupo cujo perfil se encontra completo (Fig. 11, n.º 1). É de supor, no entanto, que os corpos destas panelas pudessem ser igualmente globulares. As asas de fita, verticais, partem sempre do topo dos bordos e assentam a meio do corpo. Os exemplares representados na Fig. 11, n.ºs 1 e 2, apresentam um ressalto na parte interna do bordo, para receberem uma tampa.

Além de algumas ranhuras presentes no corpo destas peças, sob as asas ou diferenciando os colos do início do corpo, algumas panelas apresentam decoração pintada a branco. No caso da panela da Fig. 11, n.º 1, a decoração é constituída por séries de três traços grosseiros pintados de branco sobre a parte superior do corpo, na horizontal, e outro traço na parte central; no outro exemplar (Fig. 10, n.º 3) a decoração é feita com: uma série de onze traços finos, pintados a branco, na vertical, localizados na parte superior do corpo e com uma série de quatro traços idênticos, na parte exterior do bordo. As dimensões destas panelas são diversas, podendo os bordos atingir os 15 cm de diâmetro para o maior, e os 8 cm para o de menores dimensões.

As panelas do Grupo II apresentam bordos de perfil semi circular com espessamento exterior, e exvertidos, colos pouco diferenciados, estrangulados e corpos globulares (Fig. 5, n.ºs 10, 12, 13, 14, 15 e 17, Fig. 11, n.ºs 5 e 7 e Fig. 11, n.ºs 2, 4, 6, 8, 10, 12 e 14). As asas de fita ou de secção ovalada, verticais, partem do topo do bordo, nos casos dos exemplares da Fig. 5, n.ºs 10, 12 e 13.

A decoração também está presente neste grupo com motivos semelhantes aos descritos anteriormente, como é o caso do exemplar da Fig. 11, n.º 7, em que estão presentes os três traços grosseiros pintados com tinta branca, mas desta vez oblíquos e não na horizontal. Salientamos ainda a presença deste mesmo tipo de decoração na pequena panela da Fig. 5, n.º 12. Os restantes exemplares que englobamos neste grupo apresentam uma decoração limitada a uma faixa pintada de branco, no bordo (Fig. 5, n.ºs 10, 14 e 17 e Fig. 12, n.ºs 2 e 12).

As panelas do grupo III apresentam bordos de lábio de secção semicircular, colos altos bem diferenciados e o início de corpos que supomos serem globulares (Fig. 12, n.ºs 1, 7, 9, 11 e 13. Na forma dos colos existe, no entanto, uma variedade considerável, entre formas esvasadas (Fig. 12, n.ºs 11 e 13), cilíndricas e com caneluras exteriores (Fig. 12, n.º 7). Registam-se ainda colos exvertidos com o bordo virado para o interior (Fig. 12, n.º 9). Consideramos igualmente neste grupo o exemplar representado na Fig. 12, n.º 1, pois apresenta também um colo bem diferenciado, alto e

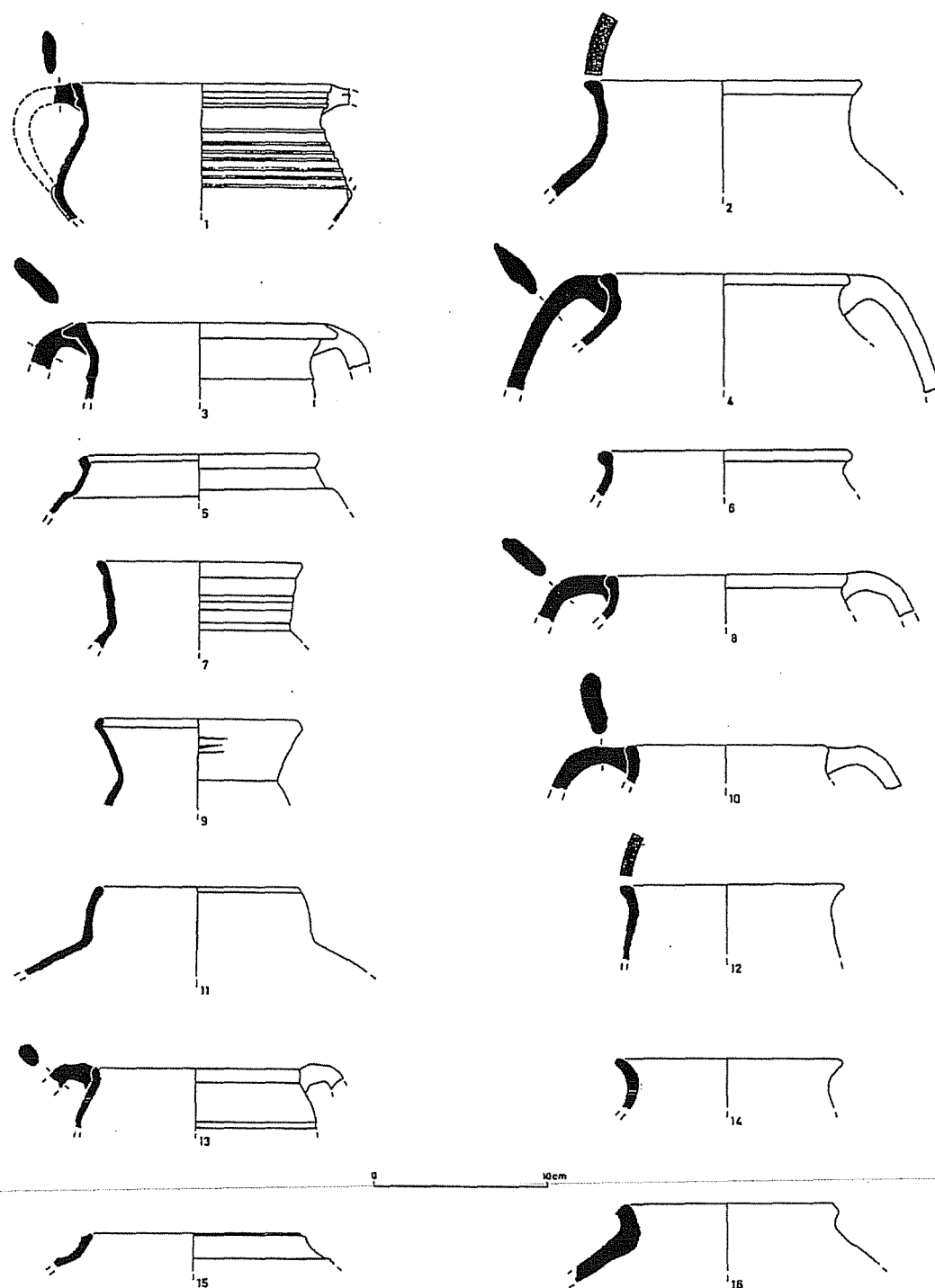


Fig. 12 Painéis; 5: painela vidrada.

exvertido. No caso desta pequena panela com caneluras na parte superior do corpo, este seria certamente bitroncocónico, verificando-se igualmente a existência de uma asa, vertical, de perfil ovalado, que parte do topo do bordo que assentaria sensivelmente a meio do corpo.

Considerámos apenas duas panelas no Grupo III, que se distingue dos restantes pelo facto dos bordos se apresentarem espessados e voltados para o exterior, sendo possivelmente o corpo globular.

Impossível de integrar nos Grupos que estabelecemos, o exemplar da Fig. 12, n.º 15 é único. Apresenta um bordo de lábio biselado, não tem praticamente colo e o corpo seria certamente globular.

A panela representada na Fig. 12 n.º 9 apresenta um corpo globular e a base plana.

De uma maneira geral, as pastas das panelas são de textura esponjosa ou pouco esponjosa, apresentando normalmente bastantes enp de dimensão pequena e média. As colorações variam entre os alaranjados (Munsell 2.5YR 5/6), os acastanhados (Munsell 5YR 4/4), ou os rosados (Munsell 5 YR 6/6).

As superfícies foram alisadas com aguadas que, ou permaneceram das mesmas cores que as pastas, ou apresentam tonalidades mais escuras, acastanhadas (Munsell 10 YR 3/1) ou castanho acinzentadas (Munsell 5YR 4/1), devido ao processo de cozedura. Frequentemente, a parte inferior da asa ou do corpo apresenta sinais de exposição ao fogo.

Encontramos paralelos muito próximos das panelas de Santarém em estações arqueológicas como o Cerro da Vila (exemplares n.ºs 13 e 58) e, sobretudo no que diz respeito à decoração com os três traços grosseiros paralelos oblíquos, nomeadamente os exemplares apresentados com o n.ºs 14, 18 e 60, que possuem uma só asa (Matos, 1991, p. 439 e 440).

Constatamos igualmente que a panela da Fig. 12, n.º 7 apresenta grandes semelhanças com o exemplar n.º 2 da fig. 7 do Castelo de Salir (Catarino, 1992, p. 35-36). As panelas por nós designadas por grupo I têm afinidades com a da Fig. 8, n.º 1 (p. 37 e 38). Este conjunto de materiais surge na camada 6 deste sítio arqueológico, com uma datação que aponta para o século XI-XII.

As Mesas do Castelinho oferecem também exemplares semelhantes aos de Santarém (Guerra e Fabião, 1993, p. 95).

As intervenções na área urbana de Lisboa, nomeadamente na Rua Augusta (Lisboa Subterrânea, 1994, p. 237, n.ºs 297 e 298), forneceram pelo menos dois potes ou panelas com decoração de pinceladas mais elaborada que as de Santarém, mas com a mesma temática decorativa, datadas dos sécs. XI- XII.

Em Mértola (Macias, 1991, p. 409 e 410), as panelas n.ºs 5 e 8, estão datadas do século XI-XII e apresentam semelhanças com as da Alcáçova de Santarém.

As panelas provenientes de Vale do Boto (Castro Marim) e do Castelo Velho de Alcoutim (Catarino, 1988, p. 124 e 125) possuem parecenças assinaláveis com as de Santarém. Efectivamente, as panelas do tipo I com o colo bem diferenciado apresentam semelhanças com os da Fig. 13, n.º 11 de Santarém, encontrando-se datadas, no Algarve, do século XI-XII; do tipo III, com datação do período califal até ao século XI, assemelham-se às da Fig. 13, n.ºs 2-14.

Catálogo

Alc. Sant. 1911, Corte 2, K9, Fossa 3 (Fig. 5, n.º 10)

Panela. Dois fragmentos com colagem do bordo, parede e asa. Ligação do bordo ao bojo obtida através de um estrangulamento na parede. Bordo exvertido e em bisel e corpo muito possivelmente globular. No início do bojo é visível uma canelura. Pintura branca e uma linha vertical, também pintada a branco no corpo. Asa vertical, de secção oval. Pasta de textura esponjosa, de cor alaranjada (Munsell 2.5YR 6/8). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média constituída por quartzos, micas. A superfície foi alisada com uma aguada que ficou acinzentada / acastanhada (Munsell 2.5YR 4/1), no exterior devido à cozedura. A superfície interna manteve a cor da pasta. Diâmetro do bordo: 9,2 cm; espessura da parede: 0,36 cm.

Alc. Sant. 1926, Corte 2, K9, Fossa 2 (Fig. 5, n.º 12)

Panela. Três fragmentos com colagem de que está ausente o fundo. Ligação do bordo ao bojo obtida através de um estrangulamento da parede. Bordo exvertido e corpo globular. Superfície externa do bojo decorada com traços oblíquos pintados de branco. Asa curva, vertical e de secção oval. Pasta de textura esponjosa de cor acinzentada no cerne (Munsell 10YR 6/1) e acastanhada no exterior (Munsell 5 YR 5/6) ou totalmente cinzenta escura numa parte da peça (Munsell 5YR 4/1). Possui cerca de 30% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média, sendo compostos sobretudo por quartzos e micas. A superfície foi alisada com uma aguada que ficou cinzenta escura pelo menos em parte da peça, no exterior (Munsell) e a superfície interna mantém, em parte, a cor acastanhada da pasta. Diâmetro do bordo: 8 cm; espessura da parede: 0,34 cm. Apresenta sinais de ter sido exposta ao fogo.

Alc. Sant. 1976, Corte 2, J8, Fossa 1 (Fig. 5, n.º 13)

Panela. Fragmento de bordo e asa. Bordo exvertido e ligeiramente espessado. O que existe da parede deixa supor estarmos na presença de um colo alto e desenvolvido, com paredes côncavas. A asa parte do bordo e era, seguramente, vertical e de secção oval. Pasta de textura esponjosa de cor cinzenta acastanhada no cerne (Munsell 10YR 6/1) e alaranjada acastanhada no exterior (Munsell 2.5YR 5/6). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média, sendo constituídos por quartzos. A superfície foi alisada com uma aguada de cor alaranjada como a pasta, por vezes mais acastanhada. Diâmetro do bordo: 12 cm; espessura da parede: : 0,8 cm.

Alc. Sant. 1934, Corte 2, K 9, Fossa 3 (Fig. 5, n.º 14)

Panela. Três fragmentos com colagem de bordo e bojo de panela, com bordo exvertido e em bisel. Ligação do bordo ao bojo obtida através de um estrangulamento na parede. Corpo globular. Canelura no início do bojo. Pasta de textura pouco esponjosa de cor alaranjada (Munsell 2.5YR 5/6). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média e pequena sendo constituídos por quartzo e micas. A superfície foi alisada com uma aguada castanha acinzentada devido à cozedura. (Munsell 2.5YR 4/1). Diâmetro do bordo: 11 cm; espessura da parede: 0,34 cm.

Alc. Sant. 1977, Corte 2, J 9, Fossa 6 (Fig. 5, n.º 15)

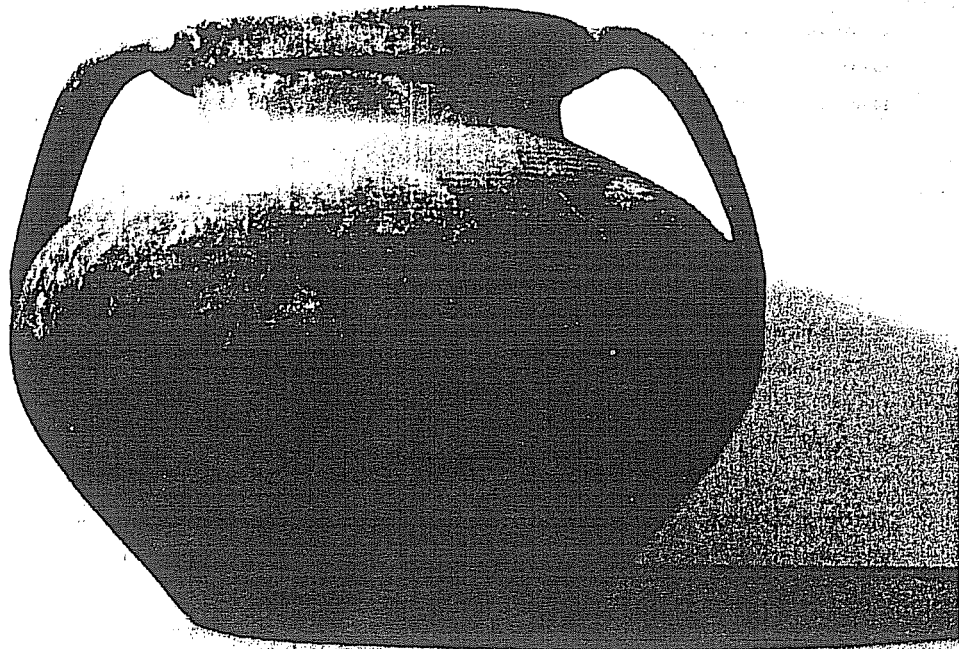
Fragmento de bordo de panela, com bordo exvertido e em bisel. Pasta de textura esponjosa de cor laranja acastanhada (Munsell 2.5YR 5/6). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão pequena e média sendo constituídos por quartzos e micas. A superfície foi alisada com uma aguada da mesma cor que a pasta. Diâmetro do bordo: 8 cm; espessura da parede: 0,38 cm.

Alc. Sant. 1932, Corte 2, K 9, Fossa 3 (Fig. 5, n.º 17)

Fragmento de bordo e bojo de panela, de colo curto e pouca desenvolvido e bordo exvertido e espessado. Corpo globular. Pasta de textura esponjosa de cor acinzentada (Munsell 5YR 5/1) junto à superfície interna e alaranjada (Munsell 2.5YR 6/8) na externa. Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média sendo constituídos sobretudo por quartzos e micas. A superfície foi alisada com uma aguada da cor da pasta, sendo o interior cinzento e o exterior e uma parte do interior do bordo alaranjado. Diâmetro do bordo: 12 cm; espessura da parede: 0,34 cm

Alc. Sant. 2084, Corte 2, Fossa Fig. 11, n.º 1)

Panela. Seis fragmentos com colagem que produzem o perfil completo. Bordo de secção quadrangular, espessado, colo curto, estrangulado e corpo bitroncocónico e base plana. Do topo do bordo partem duas asas verticais, de fita que assentam sensivelmente a meio do corpo. A parte superior do corpo apresenta uma série de estrias do torno/ caneluras e está decorada com três traços grosseiros pintados a branco, na horizontal. A pasta é de textura esponjosa de cor acastanhada (Munsell 2.5YR 4/6). Possui cerca de 20% enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média consti-



Fot. 14 Panela n.º 2084 (Fig. 11, n.º 1). Foto Victor S. Gonçalves

tuídos por quartzos e micas. A superfície foi alisada com uma aguada mais avermelhada (Munsell 10YR 5/6) e cinzento escura da exposição ao fogo. Diâmetro do bordo: 13,5 cm; diâmetro do fundo 14 cm; altura 19 cm; espessura da parede: 0,52 cm.

Alc. Sant. 2034, Corte 2, I 10, Fossa 4 (Fig. 11, n.º 2)

Panela. Dois fragmentos com colagem do bordo de secção triangular e arranque de asa de fita que parte do bordo. Colo pouco diferenciado. Apresenta uma pequena ranhura sob o arranque da asa. Pasta de textura pouco esponjosa de cor alaranjada (Munsell 2.5YR 6/6). Possui cerca de 20% de enp, classificação boa e secção dos enp é de dimensão média sendo constituídos por bastantes quartzos. A superfície foi alisada com uma aguada acastanhada escura (Munsell 10YR 3/1). Diâmetro do bordo: 14 cm; espessura da parede: 0,50 cm. Apresenta bastantes concreções calcárias.

Alc. Sant. 2025, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 11, n.º 3)

Panela. Dois fragmentos sem colagem, do bordo de lábio de secção semi circular, com espessamento exterior, colo cilíndrico bem diferenciado e início do corpo hemisférico. Apresenta uma ranhura que diferencia o colo do bojo e decoração pintada branco num conjunto de traços na vertical presentes no corpo. Pasta de textura esponjosa de cor castanha, rosada acinzentado (Munsell 5YR 5/3). Superfície alisada com aguada da cor da pasta e com manchas de tons próximos desta. Diâmetro do bordo: 12 cm; espessura da parede: 0,36 cm. Pintura muito desgastada.

Alc. Sant. 2021, Corte 2, I 10, Fossa 4 (Fig. 11, n.º 4)

Panela. Fragmento do bordo de secção triangular, colo pouco diferenciado e corpo globular. Apresenta uma asa de fita que arranca do bordo. Apresenta uma pequena ranhura no bojo. Pasta de textura esponjosa de cor (Munsell 10R 5/8). Possui cerca de 20% de enp, classificação boa e a secção dos enp é de dimensão média. A superfície exterior foi alisada com uma aguada acastanhada (Munsell 2.5YR 5/2). Diâmetro do bordo: 15 cm; espessura da parede: 0,38 cm. Apresenta sinais de fogo na parte inferior da asa.

Alc. Sant. 2027, Corte 2, I 8, Fossa 1 (Fig. 11, n.º 5)

Panela. Fragmento do bordo de secção semicircular com espessamento externo, colo pouco diferenciado e corpo hemisférico. Pasta esponjosa (Munsell 5YR 5/8). Possui cerca de 10 % de enp, classificação boa e a secção dos enp é de média. A superfície foi alisada com uma aguada acastanhada (Munsell 7.5YR 5/3). Diâmetro do bordo: 14 cm; espessura da parede: 0,45 cm.

Alc. Sant. 2024, Corte 2, I 9, Fossa 3 (Fig. 11, n.º 6)

Panela. Fragmento do bordo de secção triangular, colo exvertido e início da parede globular. Apresenta uma pequena ranhura que diferencia o colo do corpo. Pasta de textura esponjosa de cor castanha rosada (Munsell 5YR 5/3). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção do enp é de dimensão média sendo constituídos por quartzo e micas. A superfície é da cor da pasta e foi alisada e apresenta manchas da cozedura castanha acinzentada (Munsell 5YR 4/1). Diâmetro do bordo: 14 cm; espessura da parede: 0,52 cm.

Alc. Sant. 1957, Corte 2, K 9, Fossa 2 (Fig. 11, n.º 7)

Panela. Cinco fragmentos com colagem do bordo de lábio de secção semi circular espessado no exterior e esvasado, colo curto, estrangulado e parte do corpo hemisférico. Possui decoração constituída por três traços grossos pintados a branco sobre o bojo e ligeiras ranhuras na distinção do colo e do corpo. Pasta de textura pouco esponjosa com o cerne cinzento (Munsell 10R 4/1) e alaranjada rosada no exterior (Munsell 2.5YR 6/8). Possui cerca de 20 % de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média a grande constituídos essencialmente por quartzos e micas e alguma cerâmica moída. A superfície exterior foi alisada com uma aguada que apresenta diversas tonalidades devido à cozedura entre o alaranjado (Munsell 5YR 6/6) e cinzento acastanhado 5YR 4/1). A superfície interna foi simplesmente alisada de cor alaranjada como o exterior d pasta. Diâmetro do bordo: 13 cm; espessura da parede: 0,3 cm.

Alc. Sant. 2020, Corte 2, I 10, Fossa 4 (Fig. 11, n.º 8)

Panela. Fragmento do bordo de lábio de secção semi circular, com espessamento exterior, colo cilíndrico bem diferenciado e início do corpo hemisférico. Apresenta apenas uma pequena ranhura no colo. Pasta de textura muito esponjosa de cor alaranjada (Munsell 2. 5YR 5/6). Possui 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média sendo constituídos sobretudo por quartzos e micas. A superfície foi alisada com aguada da cor da pasta e acinzentada (Munsell 2. 5 YR 4/1). Diâmetro do bordo: 14 cm; espessura da parede: 0,29 cm. As variantes na cor são devido à cozedura.

Alc. Sant. 1908, Corte 2, K 9, Fossa 2 (Fig. 11, n.º 10)

Panela. Dois fragmentos do corpo globular e base plana. Apresenta o local onde assentaria uma asa e na parte superior do corpo possui uma série de caneluras ligeiras, do torno. Pasta de textura esponjosa de cor alaranjada (Munsell 2.5YR 5/6) e acastanhada (Munsell 2.5YR 4/4). Possui cerca de 20% de enp, classificação boa e a secção dos enp é de dimensão média. A superfície foi alisada com uma aguada que no processo de cozedura ficou mais escura que a pasta, com tonalidades acastanhadas e acinzentadas. Diâmetro do fundo: 14,4 cm; espessura da parede: 0,35 cm.

Alc. Sant. 2029, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 11, n.º 9)

Panela. Fragmento de bordo de secção semicircular colo diferenciado do corpo hemisférico. Apresenta uma ligeira canelura que separa o colo do corpo. Pasta de textura esponjosa de cor (Munsell 5YR 6/6). Possui cerca de 10% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média. A superfície foi alisada e é de cor alaranjada (Munsell 5 YR 6/6). Diâmetro do bordo: 15 cm; espessura da parede: 0,41 cm.

Alc. Sant. 2040, Corte 2, I 10 (banquete sul), Fossa 4 (Fig. 11, n.º 11)

Panela. Dois fragmentos com colagem do bordo de secção triangular com espessamento exterior, colo cilíndrico pouco diferenciado e corpo globular. Arranque de uma asa de fita do bordo. Possui um Sulco no início do corpo Pasta

de textura muito esponjosa de cor rosada (Munsell 5YR 6/6). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média. A pasta foi alisada com uma aguada que ficou quase preta na cozedura (Munsell 7.5 YR 3/2). Diâmetro do bordo: 10 cm; espessura da parede: 0,31 cm.

Alc. Sant. 2041, Corte 2, I 10 (banquete sul), Fossa 4 (Fig. 12, n.º 1)

Panela. Dois fragmentos do bordo de lábio de secção semi circular espessado no exterior com duas caneluras colo pouco diferenciado e corpo troncocónico. Possui uma asa de fita que arranca do bordo e termina na parte inferior do corpo. O bordo e corpo apresentam um conjunto de caneluras. Pasta de textura muito esponjosa de cor acastanhada (Munsell 2.5 YR 4/2). Possui cerca de 30 % de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média. A superfície foi Alisada com aguada cinzenta escura (Munsell 7.5YR 3/1). Diâmetro do bordo: 15 cm; espessura da parede: 0,37 cm.

Alc. Sant. 1959, Corte 2, K 9, Fossa 2 (Fig. 12, n.º 2)

Panela. Fragmento de bordo de lábio de secção semi circular, com espessamento e exvertido, colo alto e estrangulado e início do corpo hemisférico. Apresenta decoração de uma faixa pintada a branco no topo do bordo, com escorrimento para o interior, e possivelmente no colo (não é possível ter a certeza dada a dimensão do fragmento). Pasta de textura esponjosa de cor alaranjada (Munsell 2.5YR 6/6). Possui cerca de 30% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média constituída por quartzos, micas e cerâmica moída. A superfície externa e interna foi alisada com uma aguada cinzenta escura 5YR 5/1). Diâmetro do bordo: 16 cm; espessura da parede: 0,6 cm.

Alc. Sant. 2035, Corte 2, I 10 (banquete sul), Fossa 4 (Fig. 12, n.º 3)

Panela. Fragmento do bordo de secção triangular com espessamento exterior e exvertido, colo pouco diferenciado igualmente exvertido e início da parede globular. Arranque de asa de fita que parte do bordo. Apresenta uma canelura que diferencia o colo do bojo. Pasta esponjosa cor alaranjada (Munsell 5YR 5/6) e cinzenta escura (Munsell 5YR 4/1). Possui cerca de 30% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média. A superfície foi alisada com uma aguada com cores que podem ir desde o laranja (Munsell 5YR 5/6) ao cinzento escuro (Munsell 5YR 4/1). Diâmetro do bordo: 16 cm; espessura da parede: 0,46 cm. Apresenta sinais de queimado da cozedura e de ter estado exposto ao fogo e vestígios de desgaste da aguada no bordo e asa.

Alc. Sant. 1958, Corte 2, K 9, Fossa 1 (Fig. 12, n.º 4)

Panela. Cinco fragmentos com colagem do bordo de lábio de secção semi circular espessado no exterior e esvasado, colo curto, estrangulado e parte do corpo hemisférico. Possui uma asa de fita que arranca do topo do bordo e assentaria na base do bojo. A pasta é de textura esponjosa de cor acastanhada (Munsell 5YR 4/4). Possui cerca de 20 % de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão pequena e média, sendo constituído por quartzo, micas e cerâmica moída. A superfície foi alisada com uma aguada castanha mais escura (Munsell 5YR 3/2). Diâmetro do bordo: 14,4 cm. Possui sinais de ter ido ao fogo.

Alc. Sant. 1962, Corte 2, K 9, Fossa 1. (Fig. 12, n.º 6)

Panela. Dois fragmentos com colagem do bordo de lábio de secção semi circular espessado no exterior e esvasado, colo curto, estrangulado e parte do corpo hemisférico. Pasta de textura esponjosa de cor castanha acinzentada (Munsell 7.5 YR 4/2). Possui cerca de 20 % de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média, sendo constituídos sobretudo por quartzos e micas. A superfície é alisada da mesma cor que a pasta. Diâmetro do bordo: 14,8 cm; espessura da parede: 0,4 cm.

Alc. Sant. 2028, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 12, n.º 7)

Panela. Fragmento do bordo com espessamento exterior, colo alto ligeiramente esvasado com caneluras e início do corpo hemisférico. Apresenta uma série de caneluras no colo. Pasta de textura esponjosa de cor (Munsell 5YR 6/8). Possui cerca de 10% de enp, classificação boa e a secção dos enp é de dimensão média. A superfície foi alisada com uma aguada cinzenta escura (Munsell 5 YR 4/1). Diâmetro do bordo: 12 cm; espessura da parede: 0,44 cm.

Alc. Sant. 1961, Corte 2, K 9, Fossa 2 (Fig. 12, n.º 8)

Panela. Fragmento de bordo de lábio de secção semicircular, com espessamento e exvertido, colo estrangulado e arranque de uma asa de fita que parte do bordo. Pasta de textura esponja de cor acastanhada no cerne (Munsell 10YR 5/3) e alaranjada no exterior (Munsell 5YR 6/6). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média e são constituídos por quartzo e micas. A superfície foi alisada com uma aguada da cor da parte exterior da pasta. Diâmetro do bordo: 14 cm e espessura da parede: 0,4 cm.

Alc. Sant. 2101, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 12, n.º 9)

Panela. Fragmento do bordo com ressalto, em bisel colo alto esvasado e início do corpo globular. Apresenta três traços horizontais no colo pintados a branco. Pasta de textura esponjosa alaranjada (Munsell 2.5 YR 6/8). Possui cerca de 10% de enp, classificação boa e a secção dos enp é de dimensão média. A superfície exterior foi alisada e apresenta sinais de exposição ao fogo, de cor preta (Munsell 2.5YR 2. 5/1). Diâmetro do bordo: 10 cm; espessura da parede: 0,4 cm.

Alc. Sant. 1960, Corte 2, K 9, Fossa 2 (Fig. 12, n.º 10)

Panela. Fragmento de bordo de secção semi circular espessado e exvertido, colo curto, ligeiramente estrangulado e início do corpo globular. Apresenta ligeiros sinais de pintura na asa de fita que parte do topo do bordo. Pasta de textura pouco esponjosa de cor alaranjada (Munsell 5YR 6/6). Possui cerca de 20% de enp, classificação boa e a secção dos enp é de dimensão pequena. A superfície foi alisada com uma aguada da cor da pasta. Diâmetro do bordo: 12 cm; espessura da parede: 0,42 cm.

Alc. Sant. 2023, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 12, n.º 11)

Panela. Dois fragmentos com colagem de bordo de lábio de secção semicircular, colo cilíndrico e início do corpo hemisférico. Pasta de textura esponjosa cor de laranja acastanhada (Munsell 2.5 YR 4/6). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média sendo constituídos por . A superfície exterior alisada com aguada acastanhada acinzentada (Munsell 2.5YR 4/1). Diâmetro do bordo: 12 cm. Apresenta sinais de fogo no exterior, espessura da parede: 0,50 cm.

Alc. Sant. 1990, Corte 2, K 9, Fossa 1 (Fig. 12, n.º 12)

Panela. Fragmento do bordo espessado e exvertido em bisel, colo ligeiramente estrangulado e início do corpo globular. Apresenta pintura a branco no topo do bordo. A pasta é de textura esponjosa de cor alaranjada (Munsell 5YR 5/6). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de média, sendo constituídos por quartzos e micas. A superfície foi alisada com uma aguada ligeiramente mais clara que a pasta, amarelada (Munsell 7.5YR 6/4 ou 6/6). Diâmetro do bordo: 13 cm; espessura da parede: 0,44 cm.

Alc. Sant. 2042, Corte 2, I 10 (banquete sul), Fossa 4 (Fig. 12, n.º 13)

Panela. Fragmento de bordo de lábio de secção semi circular, com ligeiro estrangulamento no colo e corpo globular. Arranque de uma asa de perfil circular do bordo. Pasta de textura esponjosa de cor rosa alaranjado (Munsell 5YR 6/6). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média. A superfície foi alisada com uma aguada mais acinzentada (Munsell 5YR 5/1). Diâmetro do bordo: 12 cm; espessura da parede: 0,35 cm.

Alc. Sant. 1963, J 9, Fossa 6 (Fig. 12, n.º 14)

Panela. Fragmento do bordo espessado e exvertido em bisel, colo ligeiramente estrangulado e início do corpo globular. A pasta é de textura esponjosa de cor laranja acastanhada (Munsell 5YR 5/4). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de média, sendo constituídos por quartzos e micas. A superfície foi aliadas com uma aguada que se tornou cinzenta escura (Munsell 5YR 4/1) no topo do bordo e parte do exterior da parede. Diâmetro do bordo: 13 cm; espessura da parede: 0,37 cm.

Alc. Sant. 2032, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 12, n.º 15)

Panela. Fragmento do bordo de lábio em bisel, com espessamento exterior e início do corpo globular. Apresenta um pequeno sulco no início do corpo. Pasta de textura pouco esponjosa de cor rosada (Munsell 5YR 6/4). Possui cerca de 10% de enp, classificação boa e a secção dos enp é de dimensão pequena. A superfície foi alisada com aguada castanha acinzentada (Munsell 5YR 4/1). Diâmetro do bordo: 13 cm; espessura da parede: 0,46 cm.

3. 2. 16. Os cântaros ou bilhas (Fig. 13, n.ºs 1-12 e Fotos 15, 16 e 17)

Os cântaros destinam-se a conter e a transportar água. São vasos de dimensão média/grande, que morfologicamente se distinguem por terem duas asas verticais, colo alto, corpo globular, ovóide ou bitroncocónico e fundos planos ou com ônfalos.

Tipologicamente, integram-se na forma *Jarra* de Rosselló-Bordoy (1991, p. 164) e no tipo 7 de Bazzana (Bazzana, 1979, p. 156).

Em Santarém, os cântaros são abundantes, tendo-se reconstituído graficamente doze exemplares (Fig. 13, n.ºs 1-12). Podemos ainda contabilizar mais vinte bordos que correspondem a esta forma, o que perfaz um total de trinta e dois cântaros.

Deve ainda referir-se que apenas um cântaro apresenta um perfil mais completo, faltando-lhe, no entanto, o fundo (Fig. 13, n.º 1). Possui um bojo bitroncocónico e um colo troncocónico, de paredes convexas. Também troncocónico e de paredes convexas é o colo do cântaro n.º 2 da Fig. 13. Ambos apresentam também semelhanças ao nível do perfil do bordo, que tem lábio pendente, arredondado e engrossado. Colos troncocónicos, mas de paredes rectas, possuem os n.ºs 7 e 9. Nos restantes cântaros, os colos são cilíndricos, apresentando, por vezes, caneluras ou ranhuras (n.ºs 4, 9 e 10). Quase todos possuem lábio, aplanados (n.ºs 4, 5 e 7) ou triangulares (n.ºs 6, 10, 11 e 12), mais ou menos pendentes. As asas do cântaro da Fig. 13, n.º 1 são verticais e fitiformes, de perfil em D, e arrancam da área final do colo, terminando a meio do bojo. Alguns cântaros de Santarém têm as superfícies decoradas com pintura branca, nomeadamente no colo, bojo e bordo. Trata-se de linhas circulares, ondulantes ou paralelas.

Cântaros semelhantes aos de Santarém registaram-se nas camadas 4 e 8 do Castelo de Silves (Gomes, 1988, p. 193, 208), no Cerro da Vila (Matos, 1991, p. 448) e em Mértola (Macias, 1991, p. 417; Torres et al. 1991, p. 525; Khawli, 1993, p. 72-74). Deve referir-se que alguns dos cântaros de Mértola apresentam temáticas decorativas semelhantes às detectadas em Santarém, sendo a decoração da nossa peça n.º 1 da Fig. 13, praticamente igual às que se registam naquele sítio do Baixo Alentejo (Torres et al, 1991, p. 525, n.ºs 0030 e 0032; Khawli, 1993, p. 72, n.º 9). No entanto, em Santarém a pintura é branca, enquanto que em Mértola é vermelha.

Catálogo

Alc. Sant. 2103, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 13, n.º 1)

Catorze fragmentos em colagem de bordo, colo e bojo de cântaro (mais oito fragmentos). Bordo com lábio pendente, arredondado e engrossado. Colo troncocónico, de paredes convexas e corpo bitroncocónico. Asas verticais, fitiformes, de perfil em D, que arrancam do colo e terminam na área média do bojo. Superfícies cobertas por uma aguada de cor cinzenta (Munsell 10YR 5/1) sobre a qual é aplicada uma pintura branca no lábio, colo, e bojo. No lábio linhas são verticais e paralelas entre si; no colo, linhas paralelas ao bordo e entre si; no bojo, linhas circulares definem um espaço

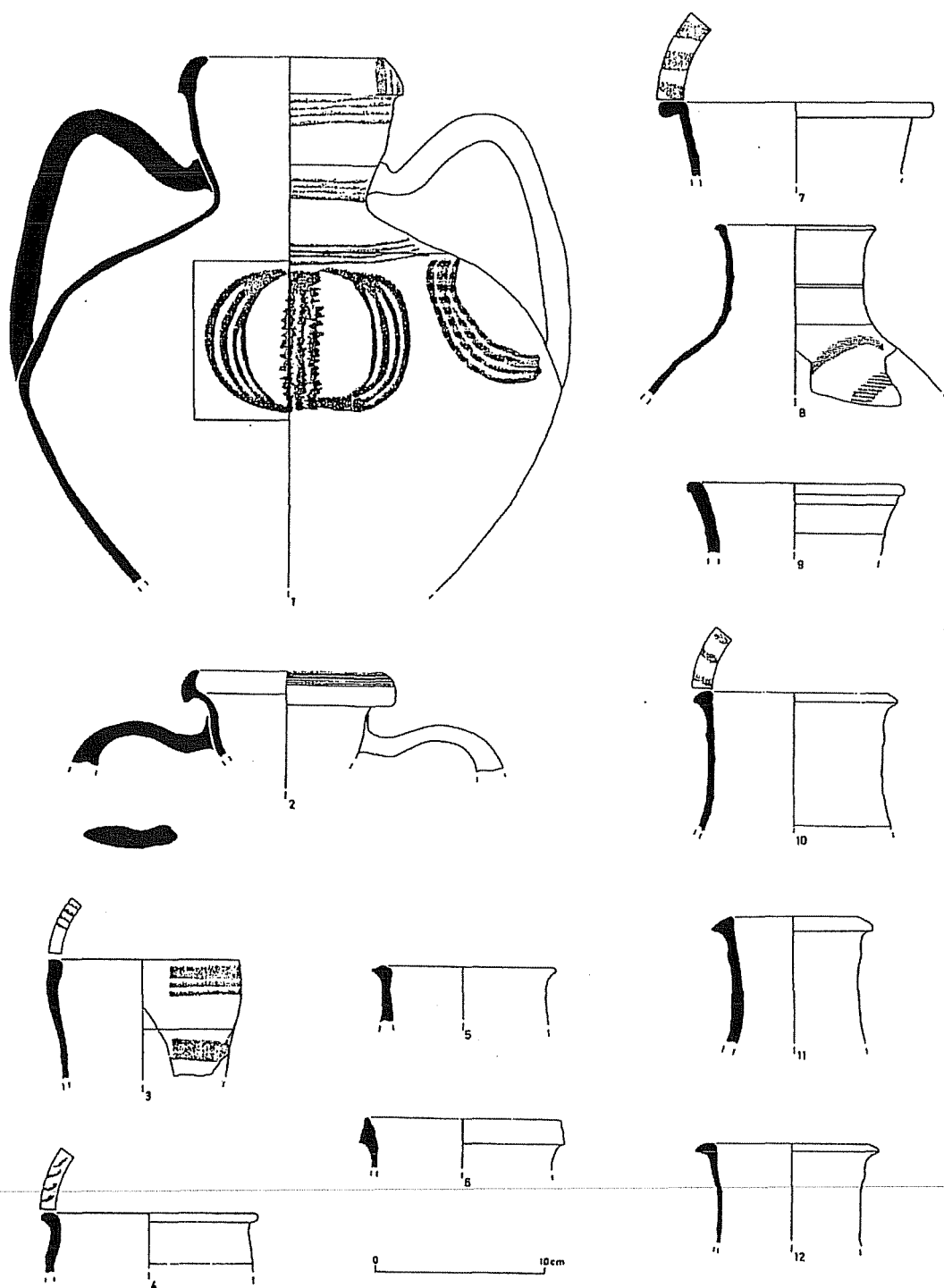
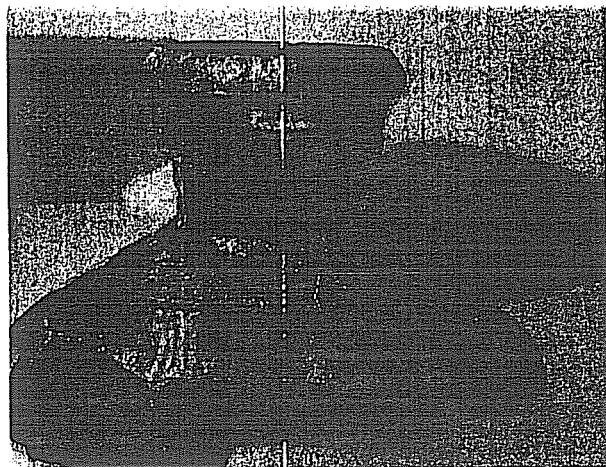


Fig. 13 Cántaros.



Fot. 15 Bordo, colo e bojo do cântaro n.º 2103 (Fig. 13, n.º 1). Foto de Victor S. Gonçalves.



Fot. 16 Pormenor da decoração do bojo do Cântaro n.º 2103. Foto de Victor S. Gonçalves.

igualmente circular, no centro do qual se enquadram linhas perpendiculares, ondulantes. A pasta é laranja (Munsell 2.5YR 6/8), esponjosa, com abundantes elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Altura conservada: 32 cm; Diâmetro do bordo: 11,2 cm; espessura da parede: 0,4 cm.

Alc. Sant. 2081, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 13, n.º 2)

Dois fragmentos de bordo, colo e asa de cântaro. Bordo com lábio pendente, arredondado e engrossado. O colo é troncocónico, de paredes convexas. A asa, que arranca do colo, seria vertical, fitiforme e de perfil em D. No lábio são visíveis 4 ranhuras. A superfície não apresenta nenhum tratamento e é de cor castanha. A pasta é acastanhada (Munsell 2.5YR 5/8), esponjosa, com abundantes elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Diâmetro do bordo: 12,5 cm; espessura da parede: 0,4 cm.

Alc. Sant. 2083, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 13, n.º 3)

Três fragmentos de bordo e colo de cântaro. Lábio aplanado. Colo cilíndrico. Superfícies cobertas com aguada de cor laranja claro (Munsell 2.5YR 7/8), sobre a qual, no lábio e no colo, foi aplicada pintura branca composta por linhas e traços. Pasta laranja (Munsell 2.5YR 6/8), esponjosa, com abundantes elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Diâmetro do bordo: 11,6 cm; espessura da parede: 0,37 cm.

Alc. Sant. 1950, Corte 2, K 9, Fossa 1 (Fig. 13, n.º 4)

Fragmento de bordo e colo de cântaro. Lábio aplanado e exvertido. Superfície do lábio decorada com linhas pintadas de branco e superfície externa com aguada castanha clara (Munsell 7.5YR 7/4). Pasta esponjosa com abundantes componentes não plásticos de reduzidas dimensões e de cor castanho alaranjado (Munsell 2.5YR 5/8). Diâmetro do bordo: 12,8 cm; espessura da parede: 0,39 cm.

Alc. Sant. 1920, Corte 2, J 9, Fossa 2 (Fig. 13, n.º 5)

Fragmento de bordo e colo de cântaro. Lábio aplanado e ligeiramente pendente, de perfil triangular. Superfície com aguada cinzenta (Munsell 10R 5/1) e pasta dura, compacta de cor laranja (Munsell 10R 6/8). Diâmetro do bordo: 10,8 cm; espessura da parede: 0,62 cm.

Alc. Sant. 1987, Corte 2, J9, Fossa 3 (Fig. 13, n.º 6)

Fragmento de bordo e colo de cântaro. Lábio pendente. Diâmetro do bordo: 11,8 cm; espessura da parede: 0,34 cm.

Alc. Sant. 2026, Corte 2, J9, Fossa 1 (Fig. 13, n.º 7)

Dois fragmentos com colagem, de bordo e colo de cântaro. Lábio aplanado. Colo troncocónico. Superfície do lábio decorada com traços pintados de branco. Superfície coberta por aguada cinzenta (Munsell 5YR 4/1). Pasta dura, compacta, com raros enp de reduzidas dimensões, com núcleo cinzento claro (Munsell 5YR 5/1), e de cor laranja (Munsell 2.5YR 6/6). Diâmetro do bordo: 16 cm; espessura da parede: 0,37 cm.

Alc. Sant. 1948, Corte 2, J9, Fossa 2 (Fig. 13, n.º 8)

Fragmento de bordo, colo e bojo de cântaro. Bordo exvertido e espessado. Colo cilíndrico, com uma canelura na sua zona mesial e um ressalto na ligação ao bojo. Superfície externa coberta por aguada castanha clara (Munsell 5YR 6/4), estando o bojo decorado com traços curvilíneos, pintados de branco. Pasta laranja claro (Munsell 10R 6/8), dura e compacta. Diâmetro do bordo: 9,6 cm; espessura da parede: 0,34 cm.

Alc. Sant. 1951, Corte 2, K9, Fossa 2 (Fig. 13, n.º 9)

Fragmento de bordo e colo de cântaro. Bordo exvertido e espessado. Colo talvez troncocónico, com ranhuras. Superfícies cobertas com aguada da cor da pasta que é laranja claro (Munsell 2.5 YR 6/8), dura e compacta com poucos enp de reduzidas dimensões. Diâmetro do bordo: 12,8 cm, espessura da parede: 0,6 cm.

Alc. Sant. 1949, Corte 2, J9, Fossa 2 (Fig. 13, n.º 10)

Fragmento de bordo e colo de cântaro. Lábio pendente e triangular. Colo cilíndrico, com um ressalto na ligação ao bojo. Superfície com aguada laranja (Munsell 10R 5/8) com lábio decorado com traços pintados de branco. Pasta dura, compacta de cor laranja (Munsell 10R 6/8). Diâmetro do bordo: 12 cm; espessura da parede: 0,38 cm.

Alc. Sant. 1914, Corte 2, J9, Fossa 2 (Fig. 13, 11)

Fragmento de bordo e colo de cântaro. Lábio pendente e triangular. Colo cilíndrico. Superfícies cobertas por aguadas de cor beige (Munsell 7.5YR 7/6). Pasta castanha alaranjada (Munsell 2.5YR 5/8), dura, compacta, com raros enp de reduzidas dimensões. Diâmetro do bordo: 10 cm; espessura da parede: 0,68 cm.

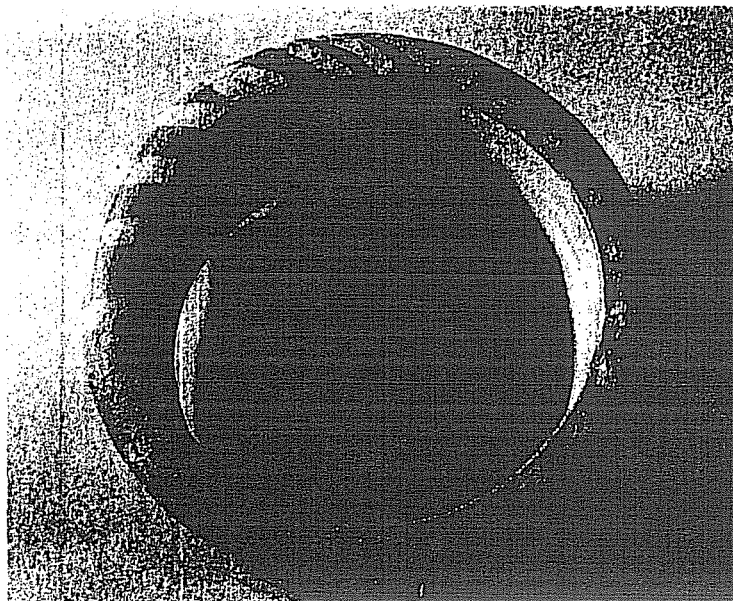
Alc. Sant. 1944, Corte 2, J9, Fossa 2 (Fig. 13, n.º 12)

Fragmento de bordo e colo de cântaro. Lábio pendente e triangular. Colo cilíndrico. Superfícies cobertas por aguadas de cor beige (Munsell 7.5YR 7/6). Pasta castanha alaranjada (Munsell 2.5YR 5/8), dura, compacta, com raros enp de reduzidas dimensões. Diâmetro do bordo: 10 cm; espessura da parede: 0,38 cm.

3. 2. 17. As talhas (Fig. 14, n.ºs 1-9)

As talhas eram contentores de grandes dimensões para armazenamento de produtos alimentares como cereais, vinho e azeite. Apresentam geralmente bordos espessados e exvertidos, colos altos, ligeiramente estrangulados, o corpo hemisférico ou troncocónico e a base plana.

Esta forma enquadra-se no tipo *Tinaja/Alfania* de Rosselló-Bordoy (1991, p. 162 e 163), tendo aqui uma considerável variedade quer de formas quer de dimensões, embora não haja nenhum tipo que se possa relacionar, com exactidão, com os nossos exemplares. Segundo este autor, este contentor poderia ser transportado (quando apresenta o fundo pontiagudo) nos alforjes dos animais. Este tipo de contentores, com uma longa tradição desde pelo menos desde a Antiguidade



Fot. 17 Bordo do cântaro n.º 1949 (Fig. 13, n.º 10). Foto Victor S. Gonçalves.

Clássica, encontra-se igualmente representada na tipologia de A. Bazzana, no tipos 1, *Alfabia* (1979, p. 153).

No corte 2 da Alcáçova de Santarém, foram identificados doze fragmentos destes vasos cerâmicos. Os que aqui representamos apresentam bordos em aba, de secção arredondada, voltados sobre o exterior (fig. 14, n.ºs 1, 2, 4 e 7), de perfil triangular nos casos dos n.ºs 5 e 8 da fig. 14, e de perfil quadrangular, nos casos dos exemplares n.ºs 3 e 6 e da mesma figura. Nestas últimas peças, a forma da parte interna do bordo parece ter sido realizada com a preocupação de estes contentores receberem uma tampa. De uma maneira geral, os fragmentos de que dispomos revelam colos altos, apenas ligeiramente estrangulados, cilíndricos ou exvertidos.

As superfícies destas peças apresentam alisamentos simples, com as mesmas cores que a pasta acastanhada (Munsell 5YR 5/3) ou alaranjada (Munsell 2.5 YR 6/6). O exemplar n.º 8 da Fig. 14 possui a superfície alisada com uma aguada forte ou engobe de cor avermelhado (Munsell 10YR 5/6).

Três dos exemplares estudados apresentam decoração, sendo num dos casos constituída por duas séries de 4 linhas onduladas, incisas ainda com a pasta fresca, sobre o topo do bordo (Fig. 14, n.º 1). Noutro exemplar, a decoração é obtida por um tipo de picotado igualmente impresso a fresco sobre o topo do bordo (Fig. 14, n.º 5). O fragmento de parede (Fig. 14, n.º 9) apresenta dois cordões plásticos com decoração digitada.

As pastas são alaranjadas ou acastanhadas como as superfícies, ou mesmo acinzentadas (Munsell 5YR 5/1), mas apresentam, num número significativo de casos, o núcleo acinzentado (Munsell 7.5YR 5/1). A textura é bastante esponjosa e possui cerca de 20 a 30% de enp constituídos, essencialmente, por quartzos e micas, com secção de dimensão média ou grande.

Encontramos talhas semelhantes às de Santarém em Mértola (Khawli, 1992, p. 71), mais concretamente na talha recolhida à superfície na Alcáçova do Castelo, datada do 1º quarto do século XIII, o que não é de estranhar se tivermos em consideração que estes recipientes perduram até aos nossos dias, seguindo uma longa tradição com origem, pelo menos, no período romano.

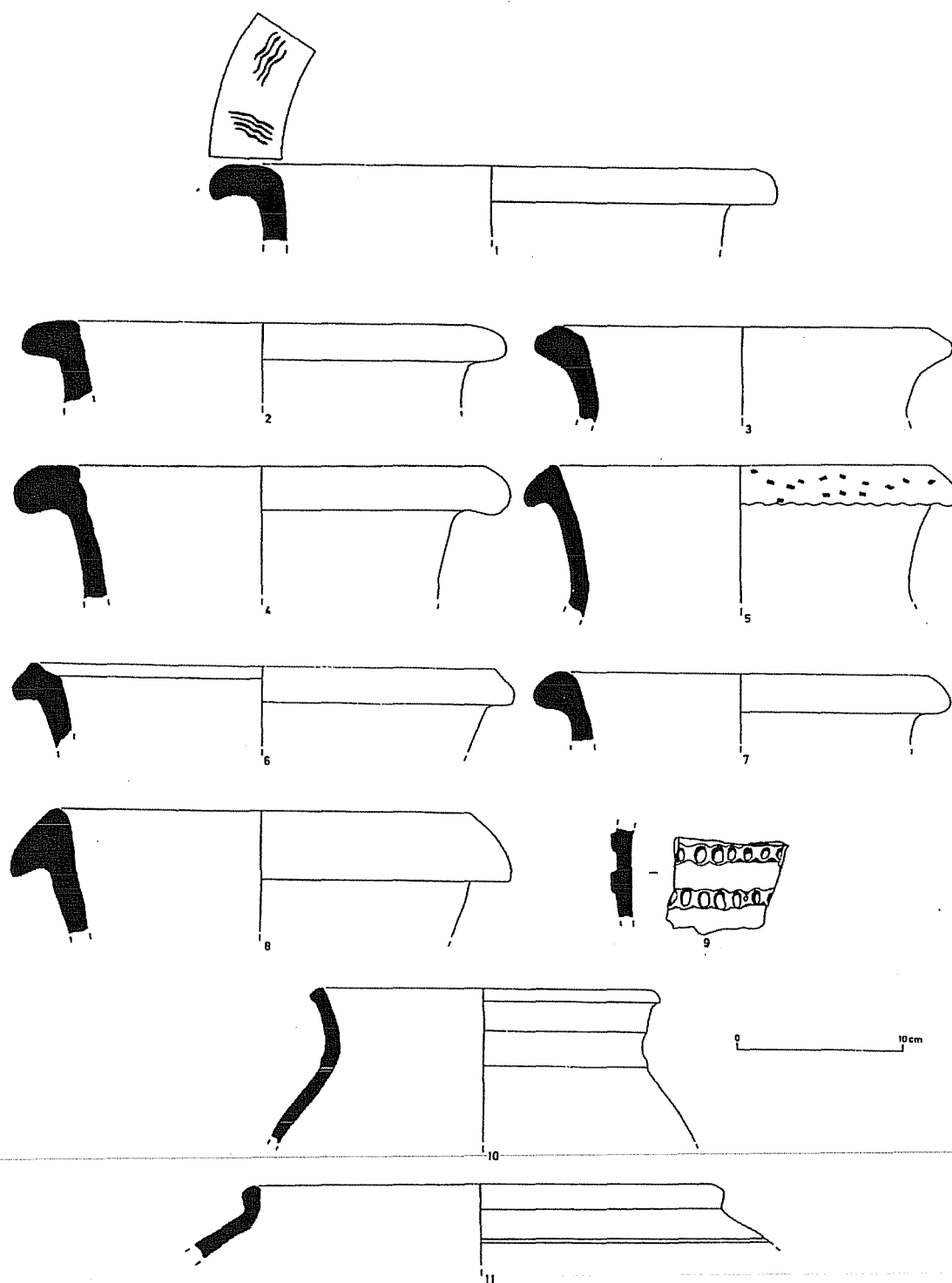


Fig. 14 Talhas e potes (10 e 11).

Catálogo

Alc. Sant. 2048, Corte 2, I 9, Fossa 4 (Fig. 14, n.º 1)

Talha. Fragmento de bordo em aba, voltado sobre o exterior, de secção semicircular e colo cilíndrico. Apresenta duas séries de quatro linhas onduladas incisas sobre a parte superior do bordo. A pasta é de textura esponjosa, de cor acastanhada (Munsell 5YR 6/6). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média sendo compostos por bastante quartzo e alguma mica. A superfície foi alisada com aguada da cor da pasta. Diâmetro do bordo: 34 cm; espessura da parede: 1,42 cm.

Alc. Sant. 2037, Corte 2, I 9, Fossa 3 (Fig. 14, n.º 2)

Talha. Fragmento de bordo em aba, voltado para o exterior de secção semi circular e colo cilíndrico. Pasta de textura esponjosa, de cor acinzentada (Munsell 5YR 5/1). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média/grande, sendo constituídos sobretudo por quartzo e mica. A superfície foi alisada com aguada de cor semelhante à pasta. Diâmetro do bordo: 29 cm; espessura da parede: 1,79 cm. Possui sinais de fogo no interior, o que se deve certamente a um fenómeno pós-deposicional.

Alc. Sant. 2046, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 14, n.º 3)

Talha. Fragmento do bordo em aba, de secção semi circular voltado sobre o exterior e colo cilíndrico. Pasta de textura esponjosa com o cerne cinzento acastanhado (Munsell 2.5 YR 4/1) e o exterior alaranjado (Munsell 2.5YR 6/6). Possui cerca de 20% de enp, classificação média, e a secção dos enp é de dimensão média, sendo constituídos por quartzo, micas e alguma cerâmica moída. A superfície foi alisada com aguada da mesma cor que o exterior da pasta, de cor alaranjada (Munsell 2.5YR 6/6). Diâmetro do bordo: 25 cm; espessura da parede: 1,51 cm. Apresenta sinais de desgaste no topo do bordo e na superfície interna do bordo e colo.

Alc. Sant. 2052, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 14, n.º 4)

Talha. Fragmento do bordo em aba voltado para o exterior, de secção semi circular e colo alto cilíndrico. Pasta de textura muito esponjosa, de cor acastanhada (Munsell 2.5YR 5/2). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a dos enp é de dimensão média composta por quartzo e mica. A superfície foi alisada com uma aguada da cor da pasta. Diâmetro do bordo: 30 cm; espessura da parede: 1,26 cm. Apresenta sinais de desgaste na superfície interna do bordo.

Alc. Sant. 2039, Corte 2, I 10 banquette sul, Fossa 4 (Fig. 14, n.º 5)

Talha. Dois fragmentos com colagem de bordo em aba de secção semicircular, virado sobre o exterior e colo alto, ligeiramente estrangulado. Apresenta decoração ponteadas incisas. A pasta é de textura muito esponjosa e a cor do cerne é acinzentada (Munsell 2.5 YR 4/1) e o exterior é alaranjado (Munsell 2.5. YR 6/6). Possui cerca de 20 % de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média, compostos por quartzo e mica. A superfície foi alisada com aguada de cor semelhante à parte exterior da pasta. Diâmetro do bordo: 26 cm; espessura da parede: 1,22 cm. Superfície interna e exterior bastante desgastada.

Alc. Sant. 2047, Corte 2, I 9, Fossa 1. (Fig. 14, n.º 6)

Talha. Bordo exvertido, de secção quadrangular e colo cilíndrico. Pasta de textura muito esponjosa com o cerne de cor cinzenta (Munsell 7.5YR 5/1) e o exterior alaranjado (Munsell 5YR 6/8). Possui cerca de 30% de enp, classificação média e a dos enp é de dimensão média/grande, sendo constituído por quartzo e algum mica. A superfície foi alisada e é de cor acastanhada (Munsell 5YR 5/3). Diâmetro do bordo: 30 cm; espessura da parede: 1,39 cm.

Alc. Sant. 2049, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig 14, n.º 7)

Talha. Fragmento do bordo de aba voltado sobre o exterior, de semi circular e colo baixo cilíndrico. Pasta de textura muito esponjosa de cor cinzenta acastanhada (Munsell 7.5 6/2) no cerne e alaranjada (Munsell 2.5 YR 6/6) no exterior.

Possui cerca de 30% de enp, classificação média e a dos enp é de dimensão média/grande sendo compostos por quartzo e alguma mica. A superfície foi alisada, no exterior, com uma aguada forte ou engobe cinzento acastanhada que apenas se conserva em parte (Munsell 2.5YR 4/1). Diâmetro do bordo: 25 cm; espessura da parede: 1,35 cm. Apresenta sinais de grande desgaste na superfície interna e no topo do bordo.

Alc. Sant. 2051, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 14 n.º 8)

Talha. Três fragmentos (dois com colagem), do bordo em aba voltado sobre o exterior, de secção triangular e colo alto, cilíndrico. Pasta de textura muito esponjosa, de cor cinzenta escura (Munsell 7.5YR 4/1). Possui cerca de 30% de enp, classificação média e a dos enp é de dimensão média sendo constituídos por quartzo, micas e algum calcário. A superfície foi alisada com uma aguada forte ou engobe avermelhada (Munsell 10YR 5/6). Diâmetro do bordo: 30 cm; espessura da parede: 1,79 cm. Apresenta sinais de fogo no interior do colo, certamente devido a um fenómeno pós-deposicional.

Alc. Sant. 2022, Corte 2. I 10 banquete sul, Fossa 4 (Fig. 14, n.º 9)

Talha. Fragmento da parede de uma talha com dois cordões plásticos com decoração digital. Pasta de textura esponjosa com o cerne cinzento (Munsell 7.5YR 5/1) e o exterior acastanhado 5YR 5/3). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a dimensão dos enp é de dimensão média sendo constituídos por quartzo e mica. A superfície foi alisada com aguada em ambas as superfícies externa e interna rosada acastanhada semelhante à parte exterior da pasta; espessura da parede: 1,11 cm.

3. 2. 18. Os Potes (Fig. 14 e 15)

Os potes têm uma função idêntica à das talhas, servindo igualmente para guardar alimentos como azeitonas, apresentando dimensões inferiores. Se quanto à funcionalidade, estão próximas das talhas, a sua morfologia encontra maiores afinidades nas panelas. A distinção entre estas duas formas é clara, não só pelas maiores dimensões dos potes, mas também pela inexistência, nestes contentores, de sinais de exposição ao fogo e pela ausência de asas.

Podem enquadrar-se estes potes no tipo *Orza/Ancolla* de Rosselló Bordoy (1991, p. 164) não sendo possível estabelecer uma identificação directa com quaisquer das formas apresentadas. A integração na tipologia de Bazzana, permite relacionar os nossos potes com as chamadas *Alfabetas* (2) ou *Alcolla* (3) (Bazzana, 1978, p. 153 e 154).

Os potes presentes no Corte 2 da Alcáçova de Santarém, num total de sete exemplares, apresentam bordos de lábio de secção quadrangular, sendo o colo: alto e exvertido com o início do bojo marcado por uma ranhura na superfície exterior (Fig. 14, n.º 10); curto, apresentando o início do corpo globular (Fig. 14, n.º 11). Considerá-los igualmente como pote o exemplar da Fig. 12, n.º 16.

As superfícies são simplesmente alisadas com aguadas das mesmas tonalidades que as pastas, de cores castanhas claras, acinzentadas e alaranjadas, encontrando-se por vezes ligeiros sulcos na parede externa.

As pastas são bastante características nestes potes e diferem do conjunto dos restantes vasos cerâmicos. As texturas são muito esponjosas e apresentam, não só uma grande quantidade de enp (por vezes atinge os 40%), mas os próprios enp são de média e grande dimensão. Estas partículas são constituídas, sobretudo, e tal como sucede no restante do conjunto, por quartzos e micas, possuindo o exemplar da Fig. 12, n.º 16 uma grande quantidade de cerâmica moída.

Catálogo

Alc. Sant. 1915, Corte 2, J 9, Fossa 1 (Fig. 12, n.º 16)

Pote. Fragmento do bordo de lábio de secção quadrangular, exvertido, colo curto ligeiramente estrangulado e início do corpo globular. Pasta de textura muito esponjosa de cor alaranjada. Possui cerca de 30 a 40% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média/grande, constituída sobretudo por quartzo, micas e uma quantidade assinalável de cerâmica moída. A superfície foi alisada com uma aguada simples da mesma cor que a pasta. Diâmetro do bordo: 12,8 cm e espessura da parede: 0,8 cm.

Alc. Sant. 1953, Corte 2, J 8, Fossa 1 (Fig. 14, n.º 10)

Pote. Três fragmentos com colagem do bordo de lábio de secção quadrangular ligeiramente exvertido, colo alto, cilíndrico e início do corpo globular marcado pela existência de uma canelura na superfície exterior. Pasta de textura muito esponjosa de cor bege alaranjada (Munsell 5YR 6/4). Possui cerca de 30 a 40% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média/grande, constituída sobretudo por quartzo e calcário e raras micas. A superfície foi alisada mas na superfície interna a aguada não consegue esconder as partículas de quartzo em grande quantidade. A superfície interna é de cor castanha clara (Munsell 7.5YR 6/4) e a exterior apresenta manchas mais acinzentadas (Munsell 7.5YR 3/1). Diâmetro do bordo: 20 cm espessura da parede: 0,8 cm.

Alc. Sant. 2036, Corte 2, I 9, Fossa 3 (Fig. 14, n.º 11)

Pote. Fragmento de bordo de lábio de secção triangular arredondado e ligeiramente voltado sobre o exterior, colo inexistente e início do bojo globular. A pasta é de textura esponjosa com o cerne bege (Munsell 7.5YR 6/4) e o exterior alaranjado (Munsell 2.5YR 6/8). Possui cerca de 30%, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média, constituído por quartzos e micas. A superfície foi alisada com aguada simples da cor do exterior da pasta, de cor alaranjada (Munsell 2.5YR 6/8). Diâmetro do bordo: 29 cm; espessura da parede: 0,94 cm. Apresenta sinais de desgaste na superfície interna do bordo e bojo.

3. 2. 19. Os alguidares (Fig. 15)

Os alguidares são grandes recipientes abertos, com o bordo e base bastante largas e parede troncocónica. A funcionalidade e as dimensões são bastante diversificadas. Podem encontrar-se na cozinha e servir na lavagem e preparação de legume, ou para amassar o pão, ou podem igualmente servir em funções de carácter higiénico para lavar a roupa ou a louça, entre outras.

Integram-se no grupo *lebrillo*, *alcadafe* de Rosselló Bordoy, sendo o n.º 93 o que mais semelhanças apresenta com as formas de Santarém (Rosselló Bordoy, 1991, p. 169). Na tipologia de Bazzana, esta forma enquadra-se no tipo 18 *alcadafe* ou *lebrillo*. Trata-se, efectivamente, de uma forma com raízes que poderão remontar, ao mundo clássico, e que eram normalmente fabricadas em cerâmica comum, sendo, no entanto, possível a existência de exemplares com a superfície interna vidrada.

O conjunto de quarenta e um exemplares de alguidares presentes no Corte 2 da Alcáçova de Santarém são fabricados em cerâmica comum. Apresentam, de uma maneira geral, bordos de secção semicircular (Fig 15, n.ºs 1, 2, 3, 5 e 7) ou de perfil triangular, como sucede com Fig. 15, n.ºs 4 e 6, com dimensões que podem ir dos 60 cm aos 38 cm. A parede é troncocónica e a base é plana, ligeiramente mais estreita que o bordo.

As superfícies destes grandes recipientes abertos são simplesmente alisadas no exterior, sendo o interior e o topo do bordo revestidos com uma aguada forte ou engobe avermelhado (Munsell 5YR 4/8) polido com um seixo rolado, o que permitia uma melhor impermeabilização das peças. Os exemplares representados nos n.ºs 4 e 6 da Fig. 15, apresentam um simples alisamento na superfície interna, pouco comum neste tipo de peças.

As pastas, tal como sucede com os potes apresentam algumas particularidades em relação ao conjunto. A textura é muito esponjosa, o que não sucede nas restantes peças, a secção dos enp é, no caso específico dos alguidares, de dimensão média a grande, tendo os enp a composição habitual (quartzo e mica). As suas cores variam entre os alaranjados (Munsell 7.5YR 6/6) e rosados no exterior (Munsell 10R 6/8), sendo o cerne, na maior parte das vezes, acinzentado (Munsell 10YR 5/1). A classificação é média e a quantidade de enp é de cerca de 30%.

Os alguidares de Santarém apresentam paralelo em locais como Vale do Boto (Catarino et al., 1981, p. 13 e 20), sendo aqui datados dos finais do século XI.

Catálogo

Alc. Sant. 2053, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 15, n.º 1)

Alguidar. Fragmento do bordo de secção semi circular voltado sobre o exterior, corpo troncocónico e fundo plano. Pasta de textura muito esponjosa com o cerne cinzento (Munsell 10YR 5/1) e o exterior laranja (Munsell 7.5YR 6/6). Possui cerca de 30% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média a grande, sendo constituídos essencialmente por quartzos e micas. A superfície interior e o topo do bordo foram alisados com uma aguada forte ou engobe avermelhado (Munsell 2.5 YR 4/8) e polidos com um seixo e o exterior foi simplesmente alisado. Diâmetro do bordo: 54 cm; diâmetro do fundo 31 cm; altura 10,4 cm; espessura da parede: 1,35 cm.

Alc. Sant. 2050, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 15, n.º 2)

Alguidar. Fragmento de bordo de secção semi circular, em aba, voltado sobre o exterior e parede troncocónica. Pasta de textura muito esponjosa e cerne de cor cinzenta (Munsell 10YR 6/1) e o exterior alaranjado (Munsell 2.5YR 6/8). Possui cerca de 30 % de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média/grande, sendo constituídos por quartzo e micas. A superfície interna e o topo do bordo foram alisados com uma aguada forte ou engobe avermelhado (Munsell 10R 5/6), polido com um seixo rolado. O exterior foi alisado simplesmente com uma aguada da cor do exterior da pasta. Diâmetro do bordo: 53 cm; espessura da parede: 1,41 cm.

Alc. Sant. 2054, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 15, n.º 3)

Alguidar. Fragmento do bordo de secção semi circular, voltado sobre o exterior e parede troncocónica. A textura é muito esponjosa, sendo o cerne castanho claro (Munsell 7.5YR 6/4 e o exterior (Munsell 2.5YR 6/6). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média/ grande sendo constituídas por quartzo e micas. Interior e topo do bordo alisados com uma aguada forte/engobe alaranjado (Munsell 2.5YR 6/6), polido com um seixo, e o exterior com um alisamento simples. Diâmetro do bordo: 38 cm; espessura da parede: 1,10 cm.

Alc. Sant. 1913, Corte 2, J 8, Fossa 2 (Fig. 15 n.º 4)

Possível alguidar (?). Fragmento de bordo de secção triangular, exvertido e parte da parede troncocónica. Pasta de textura esponjosa com o cerne acastanhado claro (Munsell 10YR 6/3) e o exterior mais alaranjado (Munsell 5YR 6/6). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média, sendo constituídos por quartzo e micas. A superfície interna e externa foi alisada com uma aguada da mesma cor que o exterior da pasta. Diâmetro do bordo: 28 cm; espessura da parede: 0,9 cm.

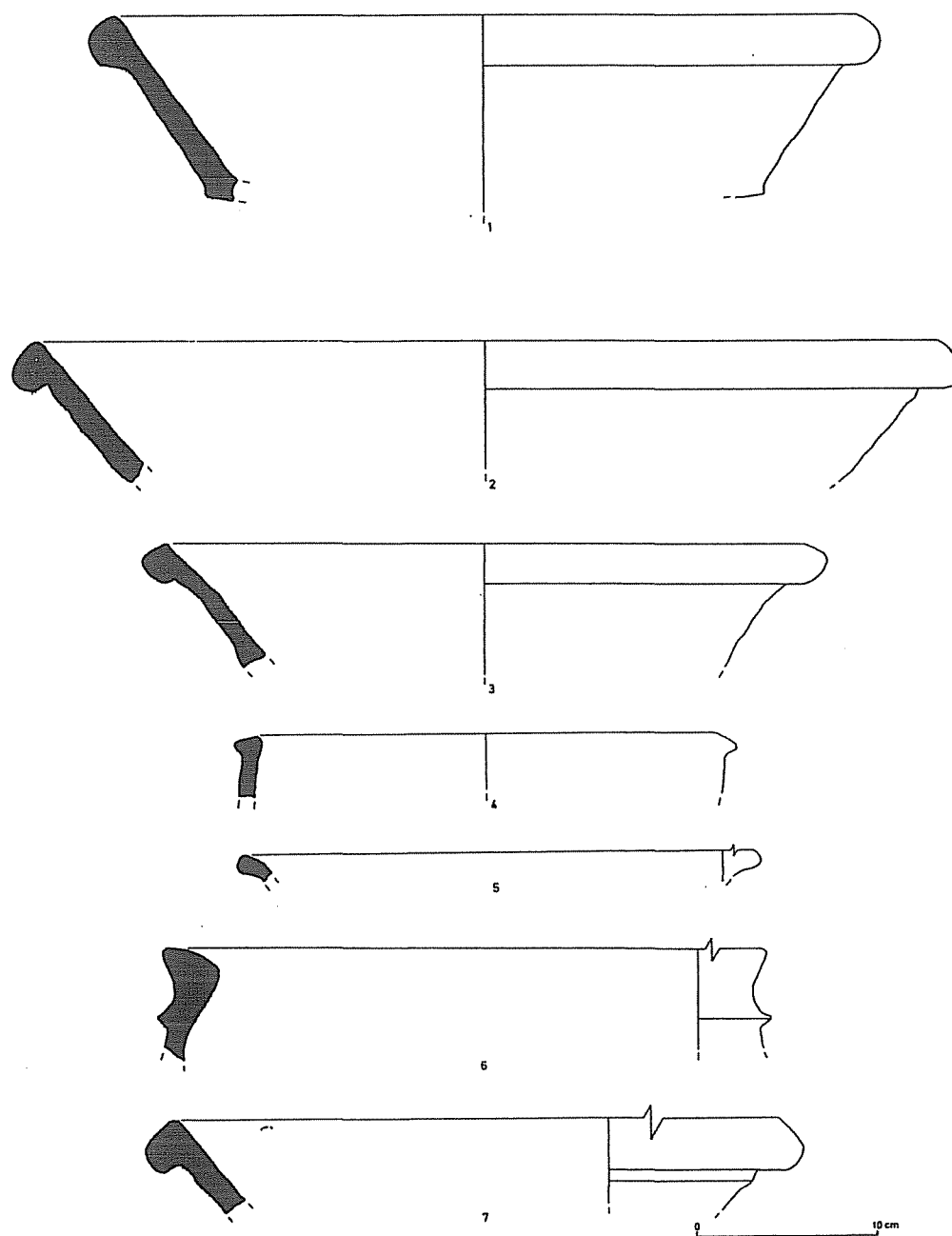


Fig. 15 Alguidares.

Alc. Sant. 1933, Fig. 15, n.º 5

Possível alguidar (?). Bordo espessado de lábio de secção semi circular, exvertido e início da parede. Pasta de textura esponjosa cinzenta no núcleo (Munsell 2.5Y 5/1) e acastanhada clara no exterior (Munsell 5YR 6/4). Possui bastantes enp de média dimensão e a superfície apresenta a mesma cor que pasta. Encontra-se muito desgastada na parte superior do bordo. Diâmetro do bordo: 54 cm; espessura da parede: 0,75 cm.

Alc. Sant. 2044, Corte 2, I 10, Fossa 4 (Fig. 15, n.º 6)

Alguidar. Bordo em aba, exvertido e de secção triangular, apresentando um ressalto na superfície exterior da parede troncocónica. A pasta é de textura muito esponjosa com o cerne de cor cinzenta (Munsell 7.5YR 5/1) e o exterior rosado (Munsell 10R 6/8). Possui cerca de 30% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média/grande, sendo constituídos por quartzo e micas. A superfície foi alisada com uma aguada cinzenta acastanhada (Munsell 7.5 YR 6/1). Diâmetro do bordo: 60 cm; espessura da parede: 1,15 cm. Não possui polimento interno, pouco comum nos alguidares.

Alc. Sant. 2045, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 15, n.º 7)

Alguidar. Fragmento de bordo em aba de secção quadrangular, exvertido e parte da parede troncocónica. A pasta é muito esponjosa com o cerne bege (Munsell 7.5YR 6/6) e o exterior alaranjado (Munsell 5YR 6/6). Possui cerca de 20 a 30 % de enp, classificação média e a secção dos enp é dimensão média constituído sobretudo por quartzo e micas. A superfície interna e o topo do bordo foram alisados com uma aguada forte ou engobe e polidos com um seixo. O exterior foi simplesmente alisado de cor bege (Munsell 7.5 YR 6/4). Diâmetro do bordo: 50 cm?; espessura da parede: 1,45 cm.

3. 2. 20. As tampas (Fig. 16, n.os 2, 3 e 5)

As tampas destinavam-se a proteger o conteúdo dos recipientes cerâmicos, concretamente as panelas e todos os outros recipientes que iam ao lume, mas também os contentores de água como as bilhas e os cântaros.

As tampas são, pois, objectos que se encontram com alguma abundância nos sítios arqueológicos deste período e têm geralmente a forma de um disco. Apresentam, no entanto, alguma diversidade formal, podendo ter ao centro um botão ou asa de apreensão e serem mais ou menos planas.

Em Santarém, recolhemos vinte e duas tampas, das quais foram ilustradas três. São convexas, têm base plana, paredes divergentes e lábio exvertido de secção triangular e pedúnculo central. Estas tampas integram-se na forma *Tapadera* de Rosselló-Bordoy (1991, p. 170, n.º 104).

Este tipo de tampa tem um largo contexto temporal, fabricando-se desde o século X até ao século XIII, sendo frequentes em todos os sítios com ocupação muçulmana.

Catálogo*Alc. Sant. 2056, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 16, n.º 3)*

Fragmento de bordo e parede de tampa convexa, com lábio ligeiramente convexo, de secção triangular e com paredes divergentes esvasadas. As superfícies, alisadas, estão cobertas por uma engobe da cor da pasta. A pasta é esponjosa, de cor rosado claro (Munsell 5YR 7/4), com abundantes elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Diâmetro do bordo: 14,5 cm; espessura da parede: 0,6 cm.

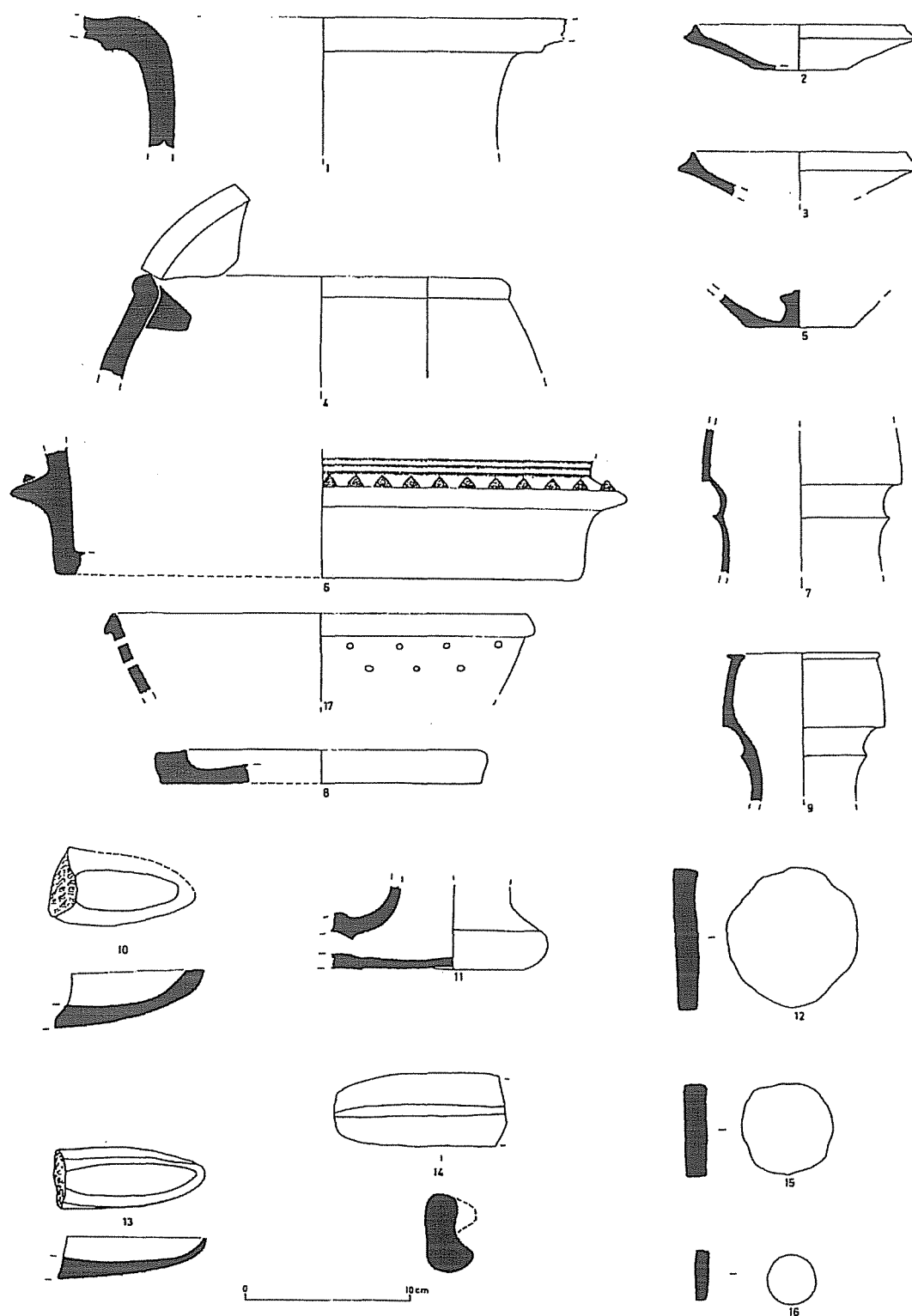


Fig. 16 1 e 4 fogareiros; 2, 3 e 5: tampas; 7 e 9: alcatruzes; 8: forma de pão; 10, 11 e 13: candis; 12, 15 e 16: marcas de jogo; 17: caçõila perfurada; 14: peso de tear ou rede.

Alc. Sant. 2057, Corte 2, I9, Fossa 1 (Fig. 16, n.º 2)

Fragmento de bordo, parede e fundo de tampa convexa, com lábio ligeiramente convexo, de secção triangular e com paredes divergentes, esvasadas. Fundo plano. Pasta muito esponjosa, de cor acastanhada (Munsell 5YR 4/4) e superfícies grosseiramente alisadas com aguada mais avermelhada que a pasta (Munsell 2.5YR 4/8). Diâmetro do bordo: 14 cm; espessura da parede: 0,6 cm.

Alc. Sant. 2058, Corte 2, I9, Fossa 1 (Fig. 16, n.º 5)

Fragmento de parede e fundo de tampa convexa, com paredes divergentes e esvasadas, fundo plano. Na parede externa, pedúnculo central, em forma de botão. Superfícies alisadas, com uma aguada de cor laranja claro (Munsell 2.5YR 6/8) e pasta de cor laranja (Munsell 2.5YR 5/8), com abundantes elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Diâmetro do fundo: 6,7 cm; espessura da parede: 0,6 cm.

3. 2. 21. *Os candis* (Fig. 17, n.os 10, 11 e 13)

Os candis são objectos destinados à iluminação e integram-se na forma *Candil* de Rosselló-Bordoy (1991, p. 174, n.os 134 e 135).

Os candis muçulmanos apresentam pouca diversidade formal, com corpo circular, de perfil cilíndrico ou bitroncocónico, colo alto, bico fusiforme e alongado e asa oposta ao bico.

Em Santarém, recolheram-se sete fragmentos de candil, dos quais se ilustram três. Cinco são vidrados de amarelo (melado) e um é de cerâmica comum. Dos cinco vidrados, quatro são bicos, e um é uma asa e o de cerâmica comum é parte do corpo ou receptáculo e arranque do bico.

Candis tipologicamente semelhantes aos recolhidos em Santarém são frequentes em contextos islâmicos do Sul peninsular e podem datar-se dos séculos X a inícios do XII.

Catálogo

Alc. Sant. 1985, Corte 2, K9, Fossa 1 (Fig. 16, n.º 11)

Fragmento de corpo de candil, com arranque do colo e do bico, de cerâmica comum. As dimensões do fragmento tornam difícil uma descrição formal pormenorizada, mas o que existe permite supor que o corpo, circular, teria uma secção cilíndrica e que o colo seria alto. As superfícies, da cor da pasta, estão cobertas por um engobe branco. A pasta é porosa, pouco compacta, com raros elementos não plástico de dimensões reduzidas e tem cor laranja acastanhado (Munsell 2.5YR 6/8).

Alc. Sant. 2094, Corte 2, K9, Fossa 1 (Fig. 16, n.º 10)

Bico de candil vidrado de amarelo (melado). As paredes são rectas e o lábio é em bisel e esvasado. As superfícies são vidradas de amarelo (Munsell 2.5Y 7/6). A pasta, de cor esbranquiçada (Munsell 2.5Y 8/1), é esponjosa, pouco compacta, com raros componentes não plásticos de reduzidas dimensões.

Alc. Sant. 2095, Corte 2, K9, Fossa 1 (Fig. 16, n.º 13)

Dois fragmentos em colagem de bico de candil vidrado de amarelo (melado), mais alongado que o exemplar anterior. As paredes são rectas e o lábio é aplanado. As superfícies são vidradas de amarelo (Munsell 2.5Y 7/6). A pasta, de cor esbranquiçada (Munsell 2.5Y 8/1), é esponjosa, pouco compacta, com raros componentes não plásticos de reduzidas dimensões.

3. 2. 22. *Peso de tear ou rede* (Fig. 16, n.º 14)

A peça que classificámos como um peso de tear ou rede não encontra paralelo nas tipologias utilizadas. De facto, este tipo de objectos eram usados no período muçulmano e alguns foram encontrados em Espanha, onde a forma é, contudo, completamente diferente.

No caso da peça encontrada em Santarém, o perfil é em elipse oblonga, possuindo um sulco a todo o comprimento da peça, em apenas uma das suas faces. Numa escavação de emergência realizada na Baixa de Lisboa (Marques e Santos, 1996), detectou-se uma peça semelhante aos exemplares de Santarém, tendo sido aqui classificada como um peso de rede, embora, infelizmente, não sejam apontados quaisquer dados cronológicos, dispondo-se apenas da ilustração.

Catálogo

Alc. Sant. 2043, Corte 2, I 10 banquete sul, Fossa 4. (Fig. 16, n.º 14)

Peso de tear ou rede. Objecto quase completo (faltando apenas uma das suas extremidades) formado por um corpo cilíndrico maciço, com perfil em elipse com sulco na parte superior, no sentido longitudinal. Pasta de textura muito esponjosa de cor cinzenta escura acastanhada (Munsell 7.5YR 3/1). Possui cerca de 40/50% enp, a classificação média e a secção dos enp é de dimensão média/ grande sendo constituídos por quartzo e micas. A superfície superior foi alisada. Comprimento: 10,8 cm; diâmetro: 3,2 cm na parte mais larga, sensivelmente a meio.

3. 2. 23. *Forma de pão* (Fig. 16, n.º 8)

Este exemplar, para o qual não encontramos paralelo na bibliografia do nosso país, parece ter sido de uma forma de fazer pão. Na tipologia de Rosselló Bordoy coloca-se ainda a hipótese de se tratar de uma tampa de talha, embora, em nossa opinião, faça mais sentido a primeira interpretação. Esta forma surge aqui com a designação de *Disco* (Rosselló Bordoy, 1991, p. 170) e os exemplares de Santarém têm grandes semelhanças com os n.ºs 99 e 100, não sendo aquela mencionada por Bazzana (1979).

Trata-se de um fragmento que apresenta o perfil completo, com bordo de secção quadrangular e parede espessa, curta e vertical, sobre uma base igualmente espessa e plana.

Apresenta uma pasta de textura esponjosa, de cor alaranjada (Munsell 2.5 YR 5/8). Possui alguns enp de dimensão média, sobretudo quartzos e micas. A superfície foi alisada com uma aguada forte, ligeiramente mais escura e rosada (Munsell 10R 4/6), alisada.

Catálogo

Alc. Sant. 2003, Corte 2, I 9, Fossa 1, (Fig. 16, n.º 8)

Forma de pão. Fragmento que apresenta o perfil completo com bordo de secção quadrangular e parede espessa, curta e vertical sobre uma base igualmente espessa e plana. Pasta de textura esponjosa, de cor alaranjada 2.5YR 5/8). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp de dimensão média, sendo compostos sobretudo por quartzos e micas. A superfície foi alisada com uma aguada forte ligeiramente mais escura e rosada (Munsell 10R 4/6), alisada. Diâmetro do bordo: e fundo: 20 cm; altura: 1,9 cm; espessura da parede: 2,09 cm.

3. 2. 24. Os Fogareiros (Fig. 16, n.º 1 e 4)

Os fogareiros em época mulçumana podem ter tido uma dupla função. Seviam, na cozinha, para uso culinário, sendo também usado para aquecimento das diferentes divisões da casa. Em alguns locais, além de fogareiros, existem para a função de aquecimento, os braseiros. Estas peças caracterizam-se por possuir uma parte superior com paredes abertas e orifícios para permitir um melhor arejamento e activação do fogo; o corpo inferior ou cinzeiro tem uma abertura para alimentação do fogo e uma grelha intermédia.

Esta forma surge na tipologia de Rosselló-Bordoy com a designação de *Anafe* (1991, p. 171), sendo desconhecida de Bazzana.

Os fragmentos de que dispomos em Santarém, presentes na Fig. 16, n.º 1, apresentam a parede de um corpo cilíndrico do que pensamos ser a parte superior do fogareiro. Os sinais de exposição ao fogo não deixam, neste caso, grande lugar a dúvidas.

O exemplar n.º 4 da mesma fig. apresenta o bordo exactamente deste corpo superior, com evidentes sinais de desgaste, apresenta, na sua superfície interna, uma saliência de forma triangular que serviria para ajudar a suportar as peças (panelas, etc.) com fundos de diâmetros menores.

Catálogo

Alc. Sant. 2092, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 16, n.º 1)

Fogareiro. Dois fragmentos com colagem do bordo em aba e parte do corpo cilíndrico. Pasta de textura muito esponjosa com o cerne cinzento acastanhado (Munsell 7.5YR 5/1) e o exterior alaranjado (Munsell 5YR 6/8). Possui cerca de 30% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média/ grande sendo constituídos por quartzos e micas. A superfície foi alisada com uma aguada forte ou engobe da cor do exterior pasta, encontrando-se bastante queimada no interior. Diâmetro do corpo cilíndrico c. 27 cm; espessura da parede: 1,47 cm.

Alc. Sant. 2091, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 16, n.º 4)

Fogareiro. Fragmento de bordo de lábio semi circular e parede praticamente vertical. Apresenta uma pega triangular no interior, que serviria para assentar os fundos das panelas ou de outros recipientes que se colocariam ao lume. O fragmento que dispomos apresenta uma abertura ao nível do bordo, possivelmente para facilitar o arejamento e activar as brasas do carvão. A pasta é de textura muito esponjosa com cerca de 40% de enp de média dimensão, de cor laranja (Munsell 2.5YR 6/8). A superfície externa encontra-se muito desgastada, apresentando vestígios de uma aguada forte, cinzenta escura da cozedura (Munsell 2.5YR 4/1). Diâmetro do bordo: 23 cm; espessura da parede: 1,57 cm.

3. 2. 25. Suporte (Fig. 16, n.º 6)

Pensamos que a peça representada na Fig. 16, n.º 6 se trata de um suporte de talha. De facto, o fragmento de Santarém pode integrar-se na tipologia de Rosselló-Bordoy, na série *Reposadero* (Rosselló-Bordoy, 1991, p. 172), não estando esta forma presente em Bazzana (1979).

Apesar de apresentar uma decoração bastante menos elaborada que a das suas congéneres espanholas e mesmo portuguesas, este suporte de talha apresenta uma base plana e as paredes praticamente verticais. A sua decoração consiste numa série de linhas finas paralelas pintadas de

branco na parte superior da parede, numa aba com decoração de pequenos mamilos aplicados sobre ela com intervalos regulares.

A superfície apresenta um alisamento simples, não possuindo no interior qualquer revestimento especial, ou mesmo qualquer brunimento, o que nos levou a excluir a hipótese de se tratar de um alguidar. A cor é alaranjada, quer a superfície, quer a pasta (Munsell 2.5 YR 6/8). Esta última é de textura esponjosa, apresentando enp de dimensão pequena e média.

Como já mencionámos o suporte de talha de Mértola, único paralelo possível no território actualmente português (Khawli, 1993, p. 71), apresenta uma forma, decoração e dimensões bastante diferentes das de Santarém, apontando-se uma datação do século XII.

Catálogo

Alc. Sant. 2093, Corte 2, I 9, Fossa 1 (Fig. 16, n.º 6)

Suporte. Fragmento da espessa parede do corpo ligeiramente envasado e fundo plano. A cerca de 6 cm do fundo apresenta na parte exterior da parede uma aba com uma série de pequenos "mamilos" aplicadas e sobre ela, três linhas pintadas a traço branco. A pasta é de textura esponjosa, de cor alaranjada (Munsell 2.5YR 6/8). Possui cerca de 20% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média sendo constituídos sobretudo por quartzos e micas. A superfície foi alisada no interior e exterior com aguada da cor da pasta da mesma cor da pasta. Diâmetro do fundo: 32 cm; espessura da parede: 1,29 cm.

3. 2. 26. Caçoila perfurada (Fig. 16, n.º 17)

Esta forma foi identificada como uma caçoila para cozinhar "couscous". A sua morfologia assemelha-se à da caçoila simples mas neste caso apresenta a base perfurada. Ausente das tipologias consultadas (Rosselló-Bordoy, 1991; Bazzana, 1978), esta vasilha possui paralelo num exemplar do Catálogo "Vivir en Al-Andaluz", apresentando este a superfície interna vidrada, o que não sucede com a peça de Santarém. Tal como é mencionado pelos investigadores (Flores Escobosa et al., 1993) trata-se de um recipiente mencionado no Recetario Anónimo Andaluz que refere uma panela com furos onde se colocaria o "couscous" para que pudesse passar o vapor durante a sua cozedura. Segundo os mesmos autores, do ponto de vista cronológico este tipo de alimento teria sido adoptado no Al-Andalus apenas a partir do século XIII. Esta peça espanhola está datada do século XIV-XV, mas o exemplar da Alcáçova de Santarém é bastante anterior, apontando-se, de acordo com a análise do conjunto dos materiais, para a segunda metade do século XI-século XII. As caçoilas perfuradas podiam estar igualmente associadas à cozedura de outro tipo de alimentos a vapor.

A caçoila perfurada da Alcáçova de Santarém apresenta um bordo de perfil triangular, exvertido e parte da parede convexa, com uma série de perfurações. Seria exactamente o seu fundo, infelizmente ausente, que poderia trazer mais dados sobre qualquer outra possível função, como a de simples coador, queijeira, ou outra.

A superfície desta caçoila foi alisada com uma aguada da cor da pasta, predominando o castanho muito escuro (Munsell 5YR 3/1). Esta cor parece ter ficado a dever-se à própria cozedura da peça.

A pasta é de textura esponjosa, da mesma cor da superfície, tendo cerca de 10% de enp, sobretudo compostos por quartzos e micas.

Catálogo

Alc. Sant. 2103, Corte 2, I 9, Fossa 3 (Fig. 16, n.º 17)

Caçoila perfurada. Fragmento de bordo de perfil triangular exvertido e parede convexa com perfurações. Pasta de textura esponjosa, de cor castanha escura (Munsell 5YR 3/1). Possui cerca de 10% de enp, classificação média e a secção dos enp é de dimensão média, constituído sobretudo por quartzos e micas. A superfície foi alisada com uma aguada simples da cor da pasta. Diâmetro do bordo: 26 cm; espessura da parede: 0,69 cm.

3. 2. 27. As peças de jogo (Fig. 16, n.os 12, 15 e 16)

Abundantes em Santarém, e na grande maioria dos sítios com ocupação muçulmana, as peças de jogo são pequenos discos cerâmicos destinados a serem usados num jogo semelhante ao actual jogo do galo. Contudo, são peças já largamente utilizadas durante a época romana, conhecendo-se exemplares em Santo André (Nolen e Dias, 1981) e em Conímbriga, onde se datam do século I ao V d. C. (Alarcão et al., 1981)

Em Santarém, existem vinte e uma peças de jogo, e os seus diâmetros variam entre 8,3 cm e os 2,9 cm, apresentando, também, as espessuras valores variáveis (1,3 cm - 0,7 cm).

Estas peças cerâmicas são obtidas pelo afeiçoamento de fragmentos cerâmicos fabricados com outras finalidades. A grande maioria foi realizada sobre fragmentos de telha. Surgem também, embora mais raramente, peças de melhor qualidade, denotando um maior cuidado no trabalho de polimento das superfícies fracturadas, tendo por base cerâmicas mais finas, comuns e mesmo vidradas. São estas últimas as peças de jogo de menores dimensões, com diâmetros curtos e paredes pouco espessas.

Em Portugal, elas surgem com grande abundância em Mértola (Macias, 1996, p. 88, 92, fig. 3. 37), em Vale do Boto (Catarino et al., 1981, p. 16, 18, Fig. 15) e ainda no poço/cisterna de Silves (Gomes et al., 1980)

Catálogo

Alc. Sant. 2098, Corte 2 I 9, Fossa 1 (Fig. 16, n.º 12)

Peça de jogo de cerâmica obtida a partir de um fragmento de telha. Superfície externa alisada e superfície interna sem qualquer tratamento, apresentando a típica rugosidade das telhas. Cor da pasta e superfícies: laranja (Munsell 2.5YR 6/8). Pasta esponjosa, com abundantes elementos não plásticos de reduzidas e médias dimensões. Diâmetro: 8,3 cm; espessura: 1,3 cm.

Alc. Sant. 2098, Corte 2 I 9, Fossa 1 (Fig. 16, n.º 15)

Peça de jogo de cerâmica obtida a partir de um fragmento de telha. Superfície externa alisada e superfície interna sem qualquer tratamento, apresentando a típica rugosidade das telhas. Cor da pasta e superfícies: laranja (Munsell 2.5YR 6/8). Pasta esponjosa, com abundantes elementos não plásticos de reduzidas e médias dimensões. Diâmetro: 5,9 cm; espessura: 1,3 cm.

Alc. Sant. 2100, Corte 2 I 9, Fossa 1 (Fig. 17, n.º 16)

Peça de jogo de cerâmica obtida a partir de um fragmento de cerâmica comum. Superfície alisadas, com um engobe de cor castanho acinzentado escuro (Munsell 2.5YR 6/6). A pasta é dura e esponjosa, com raros elementos não plásticos de reduzidas dimensões e é de cor laranja escuro (Munsell 2.5YR 4/1). Diâmetro: 2,9 cm; espessura: 0,7 cm.

3. 2. 28. Os alcatruzes (Fig. 18, n.º 7 e 9)

Os alcatruzes são peças cerâmicas, profundas, de forma geral troncocónica ou cilíndrica, com paredes paralelas ou divergentes e com fundo plano ou cónico. Funcionavam como elementos de nora, relacionando-se a sua função com a necessidade de tirar água dos poços.

Em Santarém, recolheram-se oito fragmentos de alcatruz que representam três exemplares, um dos quais com cinco fragmentos em colagem.

Pudemos integrar os alcatruzes de Santarém na forma *Arcaduz* de Rosselló-Bordoy (1991, p. 174, n.º 144) e no tipo 30 de Bazzana (1979, p. 163, 161, n.º 10).

A avaliar pelos trabalhos publicados, os alcatruzes estão praticamente ausentes dos inventários portugueses. São, no entanto, conhecidos em Vale do Boto (Castro Marim) e no Castelo Velho de Alcoutim onde foram datados do século XI, podendo prolongar-se até ao século XII, aproximando-se morfologicamente os exemplares de Santarém do n.º 3 da forma 15 deste mesmos sítios (Catarino, 1988, p. 133). Esta mesma cronologia é apontada para os alcatruzes dos contextos do Sul de Espanha, onde são frequentes.

Catálogo

Alc. Sant. 2096, Corte 2, I10 (banquette Sul), Fossa 4 (Fig. 16, n.º 9)

Bordo e parede de alcatruz (três fragmentos em colagem). Bordo espessado externamente, de lábio aplanado. Na parede externa, é visível, imediatamente abaixo do bordo, uma canelura profunda e, a meia altura da parede, duas caneluras em meia cana são separadas por um ressalto. A superfície externa está coberta por um engobe de cor castanho escuro (Munsell 2.5YR 4/1) que, talvez devido às altas temperaturas a que foi submetido durante a cozedura, se apresenta vitrificado. A pasta é de cor laranja (Munsell 2.5YR 6/8), com raros elementos não plásticos de reduzidas e médias dimensões. É dura e pouco esponjosa. Diâmetro do bordo: 9 cm; espessura da parede: 0,65 cm.

Alc. Sant. 2097, I9, Fossa 1 (Fig. 16, n.º 7)

Fragmento de parede de alcatruz. Na parede externa, são visíveis duas caneluras em meia cana são separadas por um ressalto. A superfície externa recebeu uma aguada castanha clara (Munsell 5YR 6/4) e a pasta, de cor alaranjada clara (Munsell 2.5YR 6/6), é dura, pouco esponjosa com abundantes elementos não plásticos de reduzidas e médias dimensões. Diâmetro máximo: 12 cm; espessura da parede: 0,4 cm.

4. Considerações finais

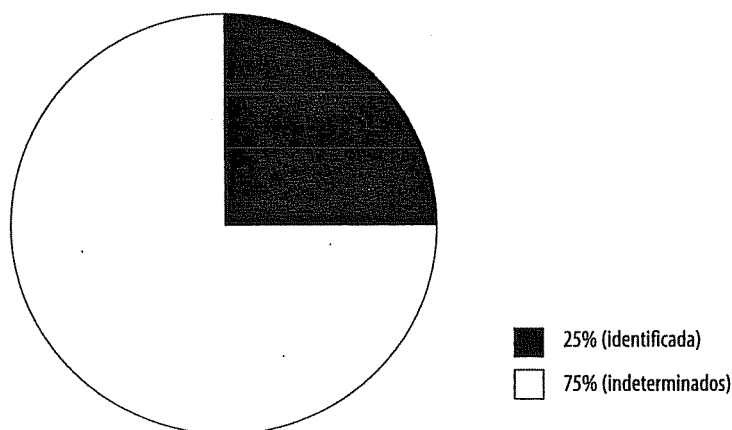
4. 1. Análise geral da globalidade das cerâmicas das fossas do Corte 2

O conjunto cerâmico da Alcáçova de Santarém, aqui apresentado, merece-nos ainda uma análise final e global, que, retendo o essencial da informação que transmitiu, permita a sua correcta interpretação.

Em primeiro lugar, não podemos deixar de referir que o conjunto apresenta uma grande diversidade formal (28 formas).

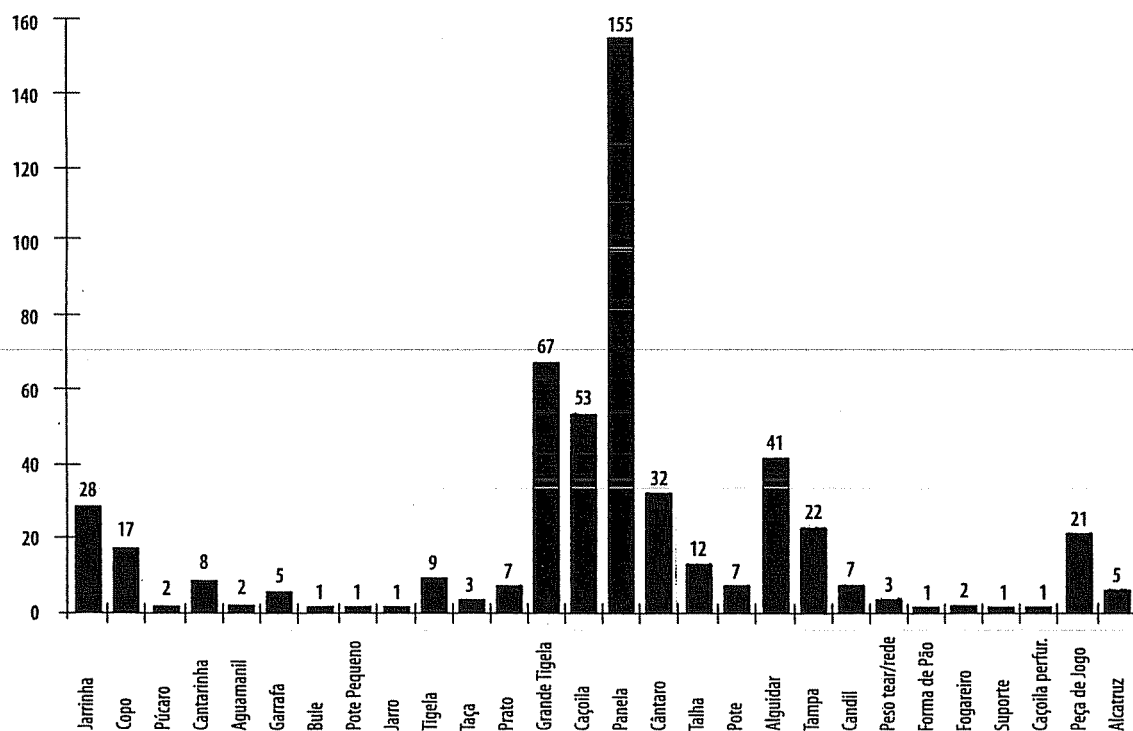
De um total de 2079 fragmentos analisados, são publicados 176 (8,5%) tendo os restantes 1903 (91,5%) sido objecto de tratamento estatístico. Da globalidade dos fragmentos, apenas foi possível obter identificação formal para 514 (25%) (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Percentagem dos fragmentos com forma identificada e indeterminados



Quanto à sua distribuição pelas 28 formas (ver Gráfico 2), a que reúne maior número de fragmentos é a panela (155 - 30,1%), seguida pelas grandes tigelas e saladeiras (67 - 13%), com um número muito próximo do das caçoilas (53 - 10,3%). Com um número significativo, em relação ao conjunto, encontram-se não só os alguidares (com 41 exemplares - 8%), mas também os cântaros ou bilhas (32 - 6,2%), as jarrinhas (28 - 5,4%), os copos (17 - 3,3%) e as peças de jogo (21 - 4,1%).

Gráfico 2 – Distribuição das formas



Se ensaiarmos uma divisão das formas identificadas por grandes grupos funcionais, constatamos que, dos 514 fragmentos que permitem identificação formal, 40% estão relacionados com a actividade de preparação de alimentos. O serviço de mesa representa 30% de fragmentos, o armazenamento e transporte 10% e os usos específicos 20%. São de cozinha 13% (alguidares, tampas, formas de pão, fogareiro, suporte e caçoila perfurada) e diversos 7% (candis, pesos de rede, marcas de jogo e alcatruz) (Gráfico 3). A preponderância dos materiais relacionados com a cozinha é ainda reforçada pelo facto de muitas peças aqui consideradas como de serviço de mesa (jarrinhas, copos) terem sido expostas ao fogo, indicando igualmente função culinária. A dar ainda mais peso a esta função, verifica-se que muitos dos objectos considerados como tendo uso específico estão, efectivamente, ligados a actividades relacionadas com a preparação dos alimentos.

Importa reter, também, desde já, que o lote cerâmico, agora estudado, é, maioritariamente, constituído por cerâmica comum (Gráfico 4). A cerâmica vidrada inclui, sobretudo, grandes tigelas (50 exemplares), e um número reduzido de garrafas, pequenos potes, bules, candis, tigelas, caçoilas, panelas e peças de jogo (Gráfico 5). Somente duas tigelas se encontram decoradas com a técnica da corda seca, e uma garrafa possui decoração de corda seca parcial. Neste contexto, deve ainda acrescentar-se que algumas panelas apresentam as superfícies internas vidradas, o que, naturalmente, não se prende com qualquer intenção de ordem decorativa.

Gráfico 3 – Distribuição funcional dos fragmentos com forma identificada

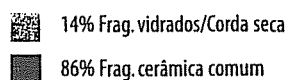
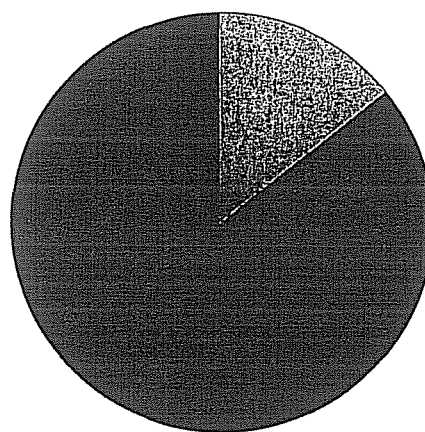
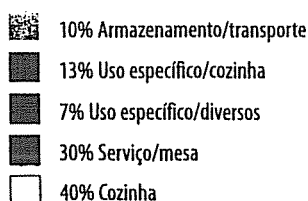
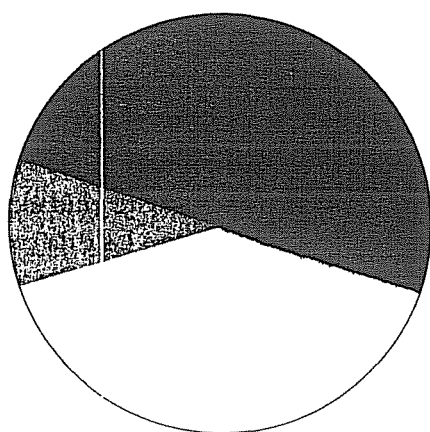
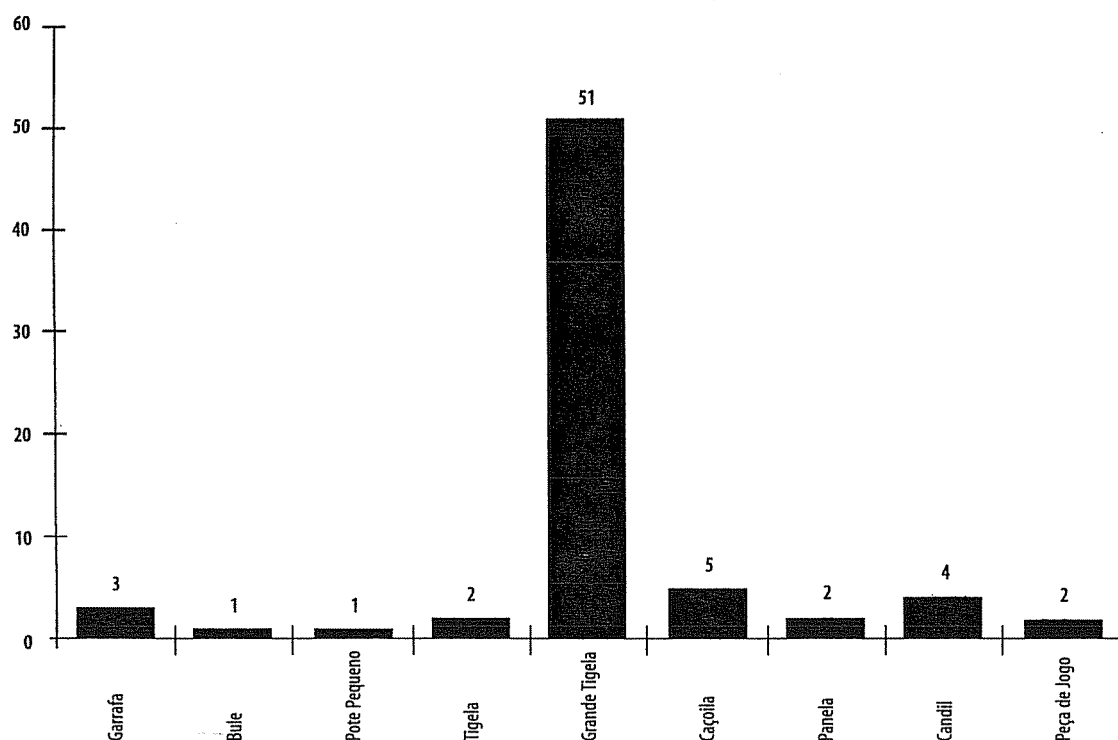


Gráfico 4— Distribuição das formas vidradas



As superfícies dos vasos estudados não acusam um tratamento excessivamente cuidado, sendo perceptível que apenas foram revestidas por leves aguadas, simplesmente alisadas e da cor da pasta, por vezes escurcidas durante cozeduras mais redutoras. Os engobes são muito mais raros.

Apenas as grandes tigelas, saladeiras e caçõilas apresentam, nas superfícies internas, um tratamento mais apurado, verificando-se uma aguada mais espessa, ou mesmo um engobe avermelhado. São sempre cuidadosamente brunidas, brunimento esse efectuado na direcção do centro para a periferia do vaso, ou seja do fundo para o bordo. O mesmo tratamento das superfícies internas foi verificado nos alguidares.

As jarrinhas, os copos, os púcaros e as cantarinhas têm, de forma geral, a superfície externa decorada com pintura branca sobre uma aguada ou engobe. Os motivos pintados nestas formas são sempre linhas finas, paralelas e ondulantes que podem incluir-se nos grupos A-2-k e A-2-l de Retuerce e Zozaya (1986, p. 86; Fig. 9 e Fig. 10).

Também os cântaros apresentam decoração com traços finos pintados de branco, sobre engobes ou aguadas avermelhadas ou cinzentas, mas neste caso os traços definem motivos maioritariamente circulares ou semicirculares.

Nas panelas, a decoração pintada consiste em traços grossos de cor branca sobre superfícies cinzentas, grupo A-2-h (Retuerce e Zozaya, 1986, p. 86; Fig. 9 e Fig. 10), e, mais raramente, traços finos, também pintados a branco, sobre superfícies acastanhadas, grupo A-2-i (Retuerce e Zozaya, 1986, p. 86, Fig. 9 e Fig. 10).

Muitas vezes, as jarrinhas, os copos, os púcaros e as cantarinhas, e também as panelas e os cântaros, têm as asas e os bordos pintados com finos traços brancos. No caso das panelas, é frequente toda a superfície de apoio do bordo ser revestida de pintura branca.

Também as tigelas, grandes tigelas, saladeiras e caçoilas apresentam, por vezes (menos frequentemente que no grupo anterior), traços pintados de branco, no bordo, e, mais raramente, traços que definem motivos ondulados e circulares, no fundo interno.

Em raríssimas talhas pudemos observar uma decoração incisa sobre o bordo, formando linhas ondulantes, do tipo A-1-b de Retuerce e Zozaya (1986., p. 74, 75, fig. 1). Num único caso existia um picotado profundo.

Ainda no que se refere à decoração, deve referir-se que nas superfícies externas de algumas panelas é visível uma sucessão de caneluras.

As pastas são, maioritariamente, esponjosas de cor alaranjada ou acastanhada, com elementos não plásticos de médias e reduzidas dimensões, quase sempre constituídos por micas e quartzos, incluindo também, frequentemente, elementos silto-ferruginosos. Nos alguidares, potes e talhas os elementos não plásticos podem ser de maiores dimensões que nas restantes formas.

Os dados que acima listámos levaram-nos à convicção que as cerâmicas comuns encontradas na Alcáçova de Santarém foram fabricadas localmente, o que demonstra o carácter trans-regional de certas formas cerâmicas caracteristicamente muçulmanas.

As cerâmicas vidradas apresentam, contudo, pastas mais compactas, com cores quase sempre esbranquiçadas, e com raros elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Neste caso, não é impossível que estejamos na presença de peças importadas de outras regiões, que, no entanto, neste momento, não podemos precisar.

Num conjunto cerâmico formalmente tão diversificado como este, há, no entanto, algumas ausências a registar, concretamente os almofarizes. Esta ausência poderá talvez explicar-se pelo facto de estes objectos poderem, em Santarém, ser de pedra ou madeira.

4. 2. Questões de cronologia e datação do conjunto

A escavação do Corte 2 não forneceu elementos crono-estratigráficos que permitam datar o conjunto estudado com demasiada segurança. No entanto, alguns dados verificados podem fornecer alguns indícios, que, conjugados com as características específicas das cerâmicas, permitem avançar uma proposta de datação que consideramos verosímil.

Assim, importa lembrar que o conjunto agora apresentado é arqueologicamente homogéneo e cronologicamente sincrónico. O seu contexto não permite dúvidas quanto a este aspecto. Infelizmente, como já fizemos referência no ponto 2, não provém de níveis de ocupação ou de abandono, mas é o resultado de um entulhamento de estruturas anteriores.

Com segurança, podemos afirmar que é, claramente, anterior à construção da muralha que ainda hoje rodeia a Alcáçova de Santarém, e cuja construção é, habitualmente, situada nos meados do século XII. Ainda do ponto de vista estritamente arqueológico, parece evidente que este conjunto cerâmico deve datar-se de um momento muito posterior à utilização da estrutura onde foi encontrado, estrutura essa também de época muçulmana.

Algumas características que o conjunto apresenta fornecem, por seu lado, dados cronológicos que somos obrigadas a ter em consideração no momento de propor uma datação.

Em primeiro lugar, devemos referir a grande diversidade formal deste lote cerâmico, diversidade essa que Rosseló-Bordoy considera típica dos momentos finais da ocupação muçulmana (1991, p. 159). De facto, o investigador espanhol verifica que no período califal o número de formas é bastante mais reduzido que nas épocas posteriores (*ibid.*).

Sabemos, também, que a decoração com corda seca é típica dos séculos XI e XII, apesar de a corda seca parcial poder atingir o século XIV (Puertas Tricas, 1989), e que é entre o final do século XI e os inícios do século XII que as painéis começam a apresentar vidrado nas superfícies internas (Bazzana, 1979, p. 142). A presença, na Alcáçova de Santarém, de painéis com superfícies internas vidradas e a existência de fragmentos decorados com corda seca são dados que não podemos ignorar, neste momento. Por outro lado, as grandes tigelas com vidrado integral monócromo, que possuem uma carena acentuada a meio do corpo, são sempre datadas a partir do século XII. Como vimos, grandes tigelas com estas características fazem parte do nosso conjunto (Fig. 8, n.º 15).

Os candis vidrados de amarelo (melado) e as garrafas com o vidrado da mesma tonalidade são bons elementos cronológicos que apontam na direcção de uma data centrada na primeira metade do século XII.

Lamentavelmente, os dados publicados sobre as escavações em sítios com ocupação do período muçulmano, concretamente de época almorávida-almoada, no território actualmente português, não foram de grande utilidade do ponto de vista cronológico. Assim, apesar de termos procurado e encontrado paralelos para a grande maioria das peças da Alcáçova de Santarém, tornou-se impossível a atribuição de uma cronologia com base nessas semelhanças formais. E isto porque, à excepção do Castelo de Silves, onde à camada 8 foi atribuída uma datação muito discutida e discutível (Gomes, 1988), as peças de época muçulmana encontradas no território actualmente português não parecem ter contexto arqueológico definido, nem minimamente homogéneo, não se percebendo, na maior parte das vezes, quais foram os critérios arqueológicos que permitiram datar os conjuntos.

Apesar disto, os dados que encontramos na Alcáçova de Santarém e que aqui divulgámos permitem-nos propor, para o conjunto cerâmico apresentado, uma datação centrada na primeira metade do século XII.

4. 3. Sobre o significado das cerâmicas do Corte 2 da Alcáçova de Santarém

É bem conhecida a situação de instabilidade política vivida no território do Centro e Sul da Península Ibérica, durante os últimos anos do século XI e a primeira metade do século XII. É justamente neste contexto histórico que temos de integrar o entulhamento das fossas do Corte 2 e, consequentemente, datar o espólio cerâmico que aí se recolheu.

Se a ameaça cristã pesava, quotidianamente, sobre Santarém, foi também a partir desta cidade do estuário do Tejo que partiam grande parte dos ataques muçulmanos a Coimbra, local onde Afonso Henriques fixara residência a partir de 1131.

Santarém seria então, e até 1147, ano da sua definitiva conquista, uma cidade com uma população numerosa, que incluía certamente exércitos de muitos milhares de homens. Acreditamos que esta população se concentraria sobretudo na Alcáçova, a área mais protegida da cidade. Esta situação prolongou-se pela segunda metade do século XII, uma vez que é sabido que,

após a sua conquista, esta cidade vai tornar-se um importante ponto estratégico. Para além de ponto de defesa fronteiriço, Santarém representa também um importante polo de ataques para a região Sul (a campanha de Geraldo Sem Pavor, contra Évora, no ano de 1166, parte de Santarém). Santarém continua, aliás, a ser sistematicamente ameaçada pelo poder almóada, o que vai explicar o novo foral concedido por Afonso Henriques, no ano de 1179.

Nestes momentos, as estruturas subterrâneas construídas alguns séculos antes, e agora não utilizadas, vão ser entulhadas com os detritos produzidos pela população residente na Alcáçova, local que continua, no seguimento do que se passara na época romana, a ser o centro político e administrativo da cidade.

Até ao momento, as escavações arqueológicas não nos permitiram encontrar as estruturas habitacionais de época islâmica onde, afinal, residiam os responsáveis pelos entulhamentos do Corte 2. Não é, no entanto, difícil imaginar que estas poderão localizar-se na área ainda hoje ocupada pelas casas senhoriais que se conservam naquele local, nomeadamente as que se situam atrás da Igreja de Santa Maria da Alcáçova. Mais problemático, mas não impossível, será pensar que algumas das paredes dessas casas podem corresponder a restos das construções do forum romano, posteriormente aproveitadas como habitações dos senhores muçulmanos.

NOTAS

^{1 e 2} Investigadoras da UNIARQ. Centro de Arqueologia, Faculdade de Letras, PT-1699 Lisboa

³ As autoras agradecem a Victor S. Gonçalves as fotografias das peças, a Helena Catarino a cedência de alguma bibliografia, e a Rui Roberto de Almeida e a Vera Freitas a ajuda na realização da planta final do Corte 2. Alguns dos desenhos que ilustram este trabalho foram realizados por Pedro Barros, Suzana Estrela e Margarida Monteiro. José Peres tintou a totalidade das pranchas, cujos desenhos a lápis foram, na sua grande maioria, efectuadas pelas autoras.

BIBLIOGRAFIA

- AAVV (1994). Lisboa Subterrânea. Lisboa: IPM.
- ALARCÃO, J. (1975) - La céramique locale et régionale. Fouilles de Conímbriga, 5. Paris: Diffusion de Bocard.
- ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R.; ALARCÃO, A.: PONTE, S. da (1981) - Trouvailles diverses, Conclusions générales. In *Fouilles de Conímbriga*, 8. Paris: Diffusion de Boccard.
- ARRUDA, A. M. (1986) - Alcáçova de Santarém. *Informação Arqueológica*. Lisboa: IPPC, 8, p. 75-77.
- ARRUDA, A. M. (1993) - A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular. *Estudos Orientais (Actas do Encontro "Os fenícios no território português")*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, 4, p. 193-214.
- BAZZANA, A. (1979) - Céramiques medievales: les méthodes de la description analytique appliquées aux productions orientale. *Mélanges de la Casa de Velázquez*. Paris. 15, p. 135-185.
- CATARINO, H.; ARRUDA, A. M.; GONÇALVES, V. (1981) - Vale do Boto: escavações arqueológicas no complexo árabe-medieval. *Clio*. Lisboa. 3, p. 9-27.
- CATARINO, H. (1988) - Para o estudo da ocupação muçulmana no Algarve Oriental. Trabalho de síntese apresentado à Faculdade de Letras de Coimbra, como prova de aptidão pedagógica e capacidade científica. (policopiado). Coimbra.
- CATARINO, H. (1992) - A fortificação muçulmana de Salir (Loulé). Primeiros resultados arqueológicos. *Al-Ulyá*. Loulé. 1, p. 9-51.
- CORREIA, F. B. (1991) - Um conjunto cerâmico árabe-medieval de Beja. In *Actas do IV Congresso Internacional «A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental»*, Lisboa, 1987. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, p. 373-385.
- ESCO, C.; GIRALT, J.; SÉNAC, Ph. (1988) - *Arqueología islámica en la marca superior de Al-Andalus*. Huesca: Diputación Provincial.

- FABião, C.; GUERRA, A. (1991) - O povoado fortificado de «Mesas do Castelhinho», Almodôvar. In *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 305-319.
- FERNANDES, I. C.; CARVALHO, A. R. (1993) - *Arqueologia em Palmela, 1988/92*. Palmela: Câmara Municipal.
- GOMES, R. V.; BEIRÃO, Caetano de Melo; MATOS, J. L. de (1980) - Trabalhos arqueológicos na Almedina de Silves, notícia preliminar. Comunicação apresentada ao *IV Congresso Nacional de Arqueologia*. Faro.
- GOMES, R. V. (1988) - Cerâmicas muçulmanas do Castelo de Silves. *Xelb*. Silves. 1.
- GUERRA, A.; FABião, C. (1993) - Uma fortificação omíada em Mesas do Castelhinho (Almodôvar). *Arqueologia Medieval*. Porto. 2, p. 85-102.
- KHAWLI, A. (1993) - Introdução ao estudo das vasilhas de armazenamento de Mértola islâmica. *Arqueologia Medieval*. Porto. 2, p. 63-83.
- KIRCHNER, H. (1988) - Las técnicas y los conjuntos documentales. In Barceló, M. [et al.] - *Arqueología Medieval. En las afueras del medievalismo*, Barcelona: Crítica, p. 88-133.
- MACIAS, S. (1991) - Um conjunto cerâmico de Mértola - Silos 4 e 5. In *Actas do IV Congresso Internacional «A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental»*, Lisboa, 1987. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, p. 405-427.
- MACIAS, S. (1993) - Moura na Baixa Idade Média: contributos para um estudo histórico e arqueológico. *Arqueologia Medieval*. Porto. 2, p. 127-157.
- MACIAS, S. (1996) - *Mértola islâmica. Estudo histórico-arqueológico do Bairro da Alcáçova (séculos XII-XIII)*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- MARQUES, J. A.; SANTOS, V. (1996) - Intervenção Arqueológica de emergência na Baixa Pombalina. *Al-Madan*. Almada. II série. 5, 1996, p. 201.
- MATOS, J. L. de (1991) - Cerâmica muçulmana do Cerro da Vila. In *Actas do IV Congresso Internacional «A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental»*, Lisboa, 1987. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, p. 428-454.
- NOLAN, J.; DIAS, L. F. (1981) - A necrópole de Santo André II. *Conimbriga*. Coimbra. 20, p. 35-187.
- PUERTAS TRICAS, R. (1989) - *La cerámica islámica de cuerda seca en la Alcazaba de Málaga*. Málaga: Ayuntamiento.
- RETUERCE, M.; ZOZAYA, J. (1986) - Variantes geográficas de la cerámica omeya andalusi: los temas decorativos. In *Actas do III Congresso Internacional «La cerámica medieval nel Mediterraneo Occidental»*, Siena-Faenza, 1984). Firenze, p. 69-128.
- ROSSELLÓ-BORDOY, G. (1991) - *El nombre de las cosas en Al-Andalus: una propuesta de terminología cerámica*. Palma de Maiorca.
- TORRES, C. (1987) - *Cerâmica islâmica portuguesa (Catálogo)*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- TORRES, C.; Palma, M. P.; REGO, M.; MACIAS, S. (1991) - Cerâmica islâmica de Mértola. Propostas de cronologia e funcionalidade. In *Actas do IV Congresso Internacional «A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental»*, Lisboa, 1987. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, p. 497-536.
- VALDÉS FERNÁNDEZ, F. (1985) - *La alcazaba de Badajoz. I. Hallazgos islámicos (1977-1982) y Testar de la Puerta del Pilar*. Madrid: Ministerio de Cultura.